

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E FORMAÇÃO DO LEITOR

MICHELE COSTA MENEGHETTI UGULINO DE ARAÚJO

**POTENCIALIDADES DO USO DO *BLOG* EM
EDUCAÇÃO**

NATAL

2009

MICHELE COSTA MENEGHETTI UGULINO DE ARAÚJO

**POTENCIALIDADES DO USO DO *BLOG* EM
EDUCAÇÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da **Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PPGED/UFRN**, em cumprimento aos requisitos para a obtenção do **título de Mestre**.

Linha de Pesquisa: Educação, Linguagens e Formação do Leitor.

Orientador: Prof. Dr. Arnon Alberto Mascarenhas de Andrade.

NATAL
2009

Catálogo da Publicação na Fonte. UFRN / Biblioteca Setorial do CCSA
Divisão de Serviços Técnicos

Araújo, Michele Menghetti Ugulino de.
Potencialidades do uso do *blog* em educação / Michele Menghetti Ugulino de Araújo. - Natal, 2009.
207 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Arnon Alberto Mascarenhas de Andrade.
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Educação.

1. Educação - Dissertação. 2. Tecnologia da informação e comunicação - TIC - Dissertação. 3. Internet - Dissertação. 4. Blog - Dissertação. I. Andrade, Arnon Alberto Mascarenhas de. II. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. III. Título.

RN/BS/CCSA

CDU 37.018.43(813.2)

MICHELE COSTA MENEGHETTI UGULINO DE ARAÚJO

**POTENCIALIDADES DO USO DO *BLOG* EM
EDUCAÇÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da **Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PPGED/UFRN**, em cumprimento aos requisitos para a obtenção do **título de Mestre**.

Linha de Pesquisa: Educação, Linguagens e Formação do Leitor.

Orientador: Prof. Dr. Arnon Alberto Mascarenhas de Andrade.

DATA DA APROVAÇÃO: ____ / ____ / ____.

Prof^o. Dr^o. Arnon Alberto Mascarenhas de Andrade - PPGED/UFRN
Orientador

Prof^a. Dr^a. Olga Maria Tavares da Silva - PPGC/UFPB
Membro

Prof^a. Dr^a. Sandra Kelly de Araújo- DEPED/UFRN
Membro

*À minha amada família: esposo,
filha, avó, pai, mãe, irmãos e
sobrinhos, dedico.*

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a todos e todas que colaboraram com minha formação pessoal, intelectual e profissional; processos que se iniciaram desde o meu nascimento e primeiros anos de escolarização, no jardim de infância, e estendem-se até a etapa que ora concludo.

Agradeço, de maneira especial:

A *DEUS*, pelo dom da vida, pela saúde, pela capacitação e pelas oportunidades que me concedeu;

A meu esposo, *Fábio Meneghetti*, pelo amor incondicional, pela superação de sentimentos e incentivo dedicados no decorrer deste desafio;

À minha preciosa e única filha, *Beatriz*, pela compreensão e carinho dedicados no transcurso deste estudo;

Aos meus pais, *Azarias, Valdevino e Diana*, pelo amor e orientação recebidos, a quem devo a formação de minha personalidade e caráter, a credibilidade e o apoio em todos os meus empreendimentos;

À minha amada avó, *Rita*, pelo exemplo de vida e de mulher que me serve de inspiração;

Aos meus irmãos, *Valdir, Alexandre e Rafael*; à sogra, *Marlene*; ao sogro, *Leonardo*; às cunhadas, *Alice Helena, Renata e Viviane*; e às sobrinhas, *Lara e Laís*, com quem divido minhas alegrias e tristezas;

À minha amiga-irmã, *Lebiam*, pela confiança, paciência, amor, cumplicidade, incentivo e companheirismo dedicados, sem os quais não teria conseguido concluir este trabalho;

À minha colega de trabalho, *Zoraia Assunção*, pelo cuidado, pela atenção, pelas orações, pelas palavras de estímulo e pelas ações empreendidas em favor da realização deste projeto;

Ao meu orientador, *Prof.º Dr.º Arnon Alberto Mascarenhas de Andrade*, pela confiança, pela compreensão, pela paciência, pelo rigor; e pelas preciosas contribuições para a elaboração deste trabalho;

Aos colegas e professores da COMBASE “Estudos e Pesquisas em Meios de Comunicação e Educação”, com quem partilhei leituras, pesquisas e debates que ajudaram a construir minha produção científica;

À *Profª Sandra Kelly Araújo*, que muito me ensinou durante a minha docência assistida com sua alegria, sabedoria, tranquilidade e organização;

Ao *Prof. Drº João Tadeu*, pela disponibilidade em nos ajudar na reta final, com sua leitura minuciosa;

Ao meu médico *Drº Jessias*, por ter sempre acreditado na minha capacidade intelectual;

A todos os meus professores e colegas de Mestrado do Programa de Pós-graduação (PPGED/UFRN) que colaboraram em diversos momentos, por meio dos fecundos debates e das imprescindíveis leituras, para a construção dos referenciais teóricos e práticos que subsidiaram esta pesquisa;

Aos coordenadores e funcionários do PPGE, em especial *Edenize, Letissandra, Raquel* e *Gleide*, pelo carinho, pelo apoio e serviços prestados, indispensáveis à existência e funcionamento do referido Programa.

À CAPES, pela confiança e investimento na realização desta pesquisa.

*Desconfiemos da certeza e da completude de
nossos conhecimentos e assumamos,
definitivamente, a incompletude e a incerteza
daquilo que conhecemos, de modo que, enquanto
“professores”, tornemo-nos, irremediavelmente,
eternos aprendizes (BEZERRA, 2006).*

RESUMO

Esta pesquisa consiste numa análise interpretativa, do tipo pesquisa participante, desenvolvida sob uma abordagem qualitativa e, quantitativa da utilização do *blog* como suporte a uma disciplina específica, com o objetivo de identificar quais as potencialidades evidenciadas a partir do seu uso. Discute as mudanças que têm ocorrido na sociedade contemporânea, relacionadas com o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (TIC's); apresenta uma breve revisão do percurso histórico da Internet e seu uso como auxílio à educação; resalta alguns ambientes midiáticos inseridos na Internet, tendo como foco principal o *blog* – seu conceito, origem e categorização; e analisa as concepções do uso do *blog* a partir das interlocuções com docentes e discentes do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Partiu-se do pressuposto de que a utilização de recursos tecnológicos, como o *blog*, com objetivos estritamente educacionais, pode estender o conhecimento para além do espaço físico da sala de aula, criando, assim, um ambiente dialógico e interativo. Através dos dados coletados, por meio de entrevistas, questionários e observação, busca-se compreender o objeto de estudo como um ambiente de apoio ao ensino de uma disciplina, levantando alguns questionamentos teórico-metodológicos sobre sua aplicação à prática pedagógica e, possíveis contribuições para a construção do conhecimento. Os resultados apontam para a existência de várias potencialidades que tornam o *blog* um espaço favorável ao processo ensino e aprendizagem; e relata as concepções dos participantes da pesquisa acerca do seu uso, evidenciando os pontos nevrálgicos a serem solvidos, a fim de que os professores e alunos possam apropriar-se dos saberes necessários à formação de competências exigidas pelo contexto social contemporâneo, decorrente do avanço científico e tecnológico.

Palavras-chave: *Blog*. Potencialidades. Educação. Tecnologias da informação e comunicação.

ABSTRACT

This research is an interpretative analysis of the type participatory research, developed in a qualitative and quantitative use of the blog as a support to a specific discipline, in order to identify the potential evident from its use. The report discusses the changes that have occurred in contemporary society, relating to the development of information technologies and communication (ITC's), presents a brief review of the historical background of the Internet and its use as an aid to education, emphasizing some environments inserted media the Internet, focusing on the main blog - its concept, origin and categorization, and analyzes the concepts of using the blog from the dialogues with teachers and students of pedagogy course at the Federal University of Rio Grande do Norte. Started from the assumption that the use of technological resources, such as blogging, with strictly educational purposes, can extend the knowledge beyond the walls of the classroom, thus creating a dialogic and interactive environment. Using data collected through interviews, questionnaires and observation, we seek to understand the object of study as a supportive environment for the teaching of a subject, raising some theoretical and methodological questions about its application to educational practice, and possible contributions to the construction of knowledge. The results indicate that there are several capabilities that make the blog a space conducive to teaching and learning process, and relates the concepts of the study participants about their use, highlighting the most important places to be solved, so that teachers and students to take ownership of knowledge necessary for capacity building required by the contemporary social context, due to the advancement of science and technology.

Key-Words: Blog. Potential. Education. Information technology and communication.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Página inicial da UFRN. Disponível em: < http://www.ufrn.br/ufrn/ >. Acesso em: 07 abr. 2009.	41
Figura 2 - Página do <i>Blog</i> do Juca Kfourri. Disponível em: < http://blogdojuca.blog.uol.com.br/ >. Acesso em: 16 abr. 2009.	54
Figura 3 - Página do <i>Blog</i> Garota Sem Fio. Disponível em: < http://www.odontopalm.com.br/gsf/ >. Acesso em: 21 set. 2009.	55
Figura 4 - Página do <i>Blog</i> do GRUPOASSURÊ. Disponível em: < http://blogassure.wordpress.com/ >Acesso em: 21 set. 2009.....	56
Figura 5 – <i>Blog</i> da Turma de Pedagogia do 6º. período de 2007.2. Disponível em: < http://ensino.educ.zip.net/ >. Acesso em: 15 mar. 2009.	57
Figura 6 – <i>Blog</i> da Turma de Pedagogia do 6º. Período de 2008.1. Disponível em: < http://geocritica06.zip.net/ >. Acesso em: 15 mar. 2009.....	57
Figura 7 – Página inicial do <i>Blog</i> Relendo Clássicos. Disponível em: < http://www.ufrgs.br/tramse/classicos/2003_10_01_class.html >. Acesso em: 16 abr. 2009..	67
Figura 8 – Página inicial do <i>Blog</i> do GEC. Disponível em: < http://educacoes.livejournal.com/ >. Acesso em: 21 abr. 2009.....	68
Figura 9 – Página do <i>Blog</i> Aprendizente. Disponível em: < http://aprendente.blogspot.com/ >. Acesso em: 21 set. 2009.	69
Figura 10 – Página do <i>Blog</i> do Boteco Escola. Disponível em: < http://jarbas.wordpress.com/ >. Acesso em: 21 set. 2009.	70
Figura 11 – Página do <i>Blog</i> do Edublogosfera. Disponível em: < http://edublogosfera.blogspot.com/ >. Acesso em: 21 set. 2009.....	70

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

RESUMO

ABSTRACT

LISTA DE FIGURAS

1	INTRODUÇÃO	13
2	SOCIEDADE, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO	20
2.1.	A EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: AO LONGO DE TODA A VIDA 24	
2.1.1.	Aptidões necessárias à educação do século XXI	26
3	INTERNET NO BRASIL E NO MUNDO	38
3.1.	DADOS HISTÓRICOS ACERCA DA INTERNET	38
3.2.	INTERNET NA EDUCAÇÃO.....	48
4	BLOG: CONCEITO E ORIGEM.....	51
4.1.	BLOG APLICADO À EDUCAÇÃO	64
4.2.	BLOG E O “LIVRO DA VIDA”: O APRENDER-FAZENDO	71
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	75
5.1.	UNIVERSO DE PESQUISA E AMOSTRA	79
5.2.	FASES DA PESQUISA	80

5.3. INSTRUMENTOS DE PESQUISA: ENTREVISTA, QUESTIONÁRIO E OBSERVAÇÃO	86
6 POTENCIALIDADES DO USO DO BLOG EM EDUCAÇÃO.....	94
6.1. POTENCIALIDADES	95
7 REFLEXÕES SOBRE FALAS E POSTAGENS	124
8 CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES.....	141
REFERÊNCIAS	145
APÊNDICE A – <i>POSTAGENS</i>.....	154
APÊNDICE B – COMENTÁRIOS.....	187
APÊNDICE C – ENTREVISTA	191
APÊNDICE D – QUESTIONÁRIOS.....	192
APÊNDICE E – EMENTA MINI-CURSO.....	200
ANEXO A – <i>REVISTA CARTA NA ESCOLA</i>.....	205

1 INTRODUÇÃO

A velocidade das alterações no campo das ciências, as novas possibilidades de acesso às informações e as reorganizações e reestruturações permanentes em todas as áreas do conhecimento – a partir do acesso e do uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC's) – repercutem amplamente na sociedade. Estamos vivendo um momento de transição social que se reflete em mudanças significativas na educação.

O compartilhamento de informações e as múltiplas possibilidades de comunicação e interação imediatas permitem que escolas, universidades, instituições educacionais e culturais, empresas e organizações de todo o mundo possam produzir e utilizar cooperativamente conhecimentos, produtos, serviços e conteúdos nas mais diferenciadas áreas científicas.

Segundo Kenski (2003), nessa nova realidade que se apresenta, o ensino oferecido por um grande número de instituições educacionais ainda não tem a qualidade exigida socialmente. Os paradigmas baseados na educação compulsória e massiva para todos os estudantes, já não satisfazem. Aquele modelo de educação que em lugar de comunicar-se o educador faz 'comunicados' e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem, essa "concepção bancária da educação", a que se referia Paulo Freire, já não atendia, em sua época, às exigências que as mudanças sociais nos impõem (FREIRE, 2005).

Um novo tempo, um novo espaço e outras maneiras de pensar e fazer educação são exigidos pela sociedade contemporânea. O acesso e o uso de tecnologia condicionam a reorganização dos currículos, dos modos de gestão e, das metodologias utilizadas na prática educacional. A opção e o uso da tecnologia digital devem mudar toda a dinâmica do processo ensino e aprendizagem. Aprende-se a lidar com a diversidade, a abrangência e a rapidez de acesso às informações, bem como novas possibilidades de comunicação e interação, o que propicia formas mais democráticas de ensinar e produzir conhecimento.

Mesmo levando em consideração as diferenças sociais e intelectuais, é fato que o uso da Internet na educação tornou-se, praticamente, uma exigência do novo ambiente comunicacional-cultural que surge com a interconexão mundial de computadores, em forte expansão no início do século XXI. Surgem, então, novos espaços de sociabilidade, de organização, de informação, de conhecimento e de aprendizagem.

No entanto, levar em conta a tecnologia digital como instrumentadora da educação, não mais do futuro, mas de hoje, não pode restringir-se ao uso de um ou outro meio eletrônico apenas para a ilustração de uma aula expositiva. Temos visto, em salas de aula, o uso de *data show*, por exemplo, possibilitando a visualização de textos, até com animação. Contudo, eles apenas projetam, em tela, aquilo que o professor está lendo, como o que se faz com o retroprojetor ou com a canetinha a *laser*. Mas, lidar com os meios eletrônicos é submetê-los também à leitura crítica, levando o aluno a selecionar as informações que ele busca na Internet a respeito de um determinado assunto, para fazê-lo experimentar o quanto de “lixo e entulho” informativo existe na rede (Internet). Consultar a Internet requer, antes de tudo, discernimento, a atitude de por em xeque a informação, a necessidade de se fazer mais perguntas que de encontrar respostas.

As novas atividades didáticas realizadas através da rede – como as tele ou videoconferências, os *chats*, os fóruns de discussão, os *blogs* com suas inúmeras formas de interação e colaboração entre professores e alunos – apontam para uma redefinição do papel do professor e, uma atitude mais efetiva do aluno. A partir dessa redefinição, o professor passa a encarar a si mesmo e, a seus alunos, como uma “equipe de trabalho”, com desafios novos e diferenciados a vencer e, com responsabilidades individuais e coletivas a cumprir. Nesses novos agrupamentos de aprendizagem, o respeito mútuo, a colaboração e o “espírito interno da equipe”¹ orientam para a aprendizagem de novos comportamentos e atitudes, tanto do professor como dos alunos.

Surgem, portanto, novos tipos de estruturas grupais de ensino: grupos de estudo, equipes de trabalho e comunidades de aprendizagem. Todos esses agrupamentos são formados por pessoas (professores e alunos) que partilham interesses sobre os mesmos temas. Muitas vezes, esses grupos se originam de turmas tradicionais, formadas por alunos e professores que participam de uma mesma disciplina e, que querem continuar juntos aprofundando seus conhecimentos sobre o assunto.

Foi pensando nessas novas práticas que se deu a escolha do objeto de estudo, problematizado nesta pesquisa. Partimos do pressuposto de que a utilização de recursos tecnológicos, especificadamente, o *blog*, com objetivos estritamente educacionais, pode estender o conhecimento para além do espaço físico da sala de aula, criando, assim, um ambiente dialógico e interativo. Dessa forma, o *blog* estaria dando ênfase à formação do professor/aluno, usando a discussão/interação como um caminho crítico, que conduz os

¹ O que podemos entender como um “sentimento de pertencimento”, termo utilizado por (KENSKI, 2003).

aprendizes do acesso a informação à construção do conhecimento. Os sujeitos seriam envolvidos nessa situação de aprendizagem e, com isso, a volatilidade da informação seria superada através de um registro atualizado/atualizável, interativo e duradouro; podendo ser feito pelo acompanhamento através de discussões de diferentes pontos de vista, perspectivas e comparações, dando a atualidade necessária à sua contextualização, diante da realidade em que vive e, sobre a qual deve intervir.

Acreditamos ser premente o debate em torno do atual avanço tecnológico e, suas consequentes transformações nas subjetividades, nas representações sociais e na cultura, constituindo-se, portanto, como indispensáveis pontos de pauta na agenda da Educação deste século. Temos como pressuposto epistemológico que o universo educacional necessita estar atento às mudanças e não ficar à margem desse processo. A tecnologia, por sua vez, deve juntar-se à educação na missão de buscar um ensino cada vez mais qualificado.

Atualmente, várias são as formas de utilização dos *blogs* nos processos de ensino. Sob o nosso ponto de vista, a facilidade de publicação e o grande atrativo que essas páginas exercem sobre os jovens, são fatores que contribuem para essa tendência. É preciso que professores e alunos se apropriem dessa linguagem, para melhor explorarem as várias possibilidades desse ambiente de aprendizagem.

Para Lévy,

A partir daí, a principal função do professor não pode mais ser uma difusão dos conhecimentos, que agora é feita de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um *animador da inteligência coletiva* dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem etc (LÉVY,1999, p. 171, grifo do autor).

Nosso interesse pelos *blogs* surgiu no início de 2006 quando percebemos que talvez esse fosse um bom caminho para unir os campos do conhecimento científico, da comunicação simples e rápida e, da educação. Pensávamos em um ambiente que fosse fácil de utilizar, que não necessitasse de grandes conhecimentos técnicos e, que pudesse ser acessado onde houvesse um computador conectado à Internet. Foi nesse contexto que surgiu, então, o desejo de desenvolver esta pesquisa.

A partir desse desejo, sugerimos a criação de um *blog*, direcionado a uma disciplina específica, com o objetivo de registrar e organizar em um só espaço, toda a produção de

conhecimento realizada por meio do estudo de textos e, da discussão acerca de um determinado assunto/tema. Criamos grupos de trabalhos para promover troca de experiências e estudos que contemplassem o planejamento, o desenvolvimento e a contextualização de recursos midiáticos, nas atividades cotidianas da sala de aula.

Pautamo-nos na seguinte problemática: vivemos em um mundo globalizado que se modifica constantemente, que se relaciona sem limites geográficos e em fração de segundos, através de meios técnicos. Esse novo contexto social, permeado pelas tecnologias da informação e comunicação (TIC's), traz à tona uma reflexão sobre a necessidade de a Educação estar atenta a novas propostas, que atingem todos os setores de atividades, para não se tornar obsoleta e sem flexibilidade.

Pesquisamos o uso do *blog*, como um ambiente de apoio ao ensino de uma disciplina, observando quais as potencialidades² evidenciadas durante o processo de sua aplicação. O advento desse tipo de recurso de publicação possibilitou que alunos utilizassem a Internet como uma tecnologia que conecta culturas e línguas e, que facilita a comunicação em escala global. A utilização do *blog* também trouxe consigo muitos questionamentos teórico-metodológicos sobre sua aplicação à prática pedagógica e, possíveis contribuições para o processo de ensino e aprendizagem.

Uma das primeiras pesquisas surgidas no Brasil (2004) abordando o tema foi desenvolvida na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Sob o comando das professoras Gutierrez³, Machado⁴ e Ribeiro⁵ surgiu o *Projeto integrado do Núcleo de Estudos, Experiências e Pesquisas em Trabalho, Movimentos Sociais e Educação do PPGEduc da FACED da UFRGS*, denominado *Projeto ZAPT – Zona de Apoio e Pesquisa em Tecnologia*, que investigou sobre as TIC's na pesquisa e sua inserção na formação do educador.

Acreditamos nas inúmeras implicações que o uso do *blog* pode trazer à educação e à pesquisa, contribuindo para a formação de novos ambientes virtuais de aprendizagem, estimulando processos colaborativos de construção de conhecimento, possibilitando o processo de autoria e de autonomia entre alunos e professores.

Trabalhamos com a hipótese de que a utilização do *blog*, como recurso didático, pode condicionar situações favoráveis ao processo de ensino e aprendizagem e, estimular a

² O que consideramos “potencialidade” é a capacidade que o *blog* tem de proporcionar aos seus usuários condições favoráveis à aprendizagem.

³ Suzana Gutierrez, professora, engenheira mestranda do PPGEduc / UFRGS.

⁴ Carmen Lucia Bezerra Machado, professora do PPGEduc / UFRGS- orientadora do projeto.

⁵ Marlene Ribeiro, professora do PPGEduc /UFRGS - orientadora do projeto.

formação de competências exigidas pelo contexto social contemporâneo, decorrente do avanço científico e tecnológico. Em contrapartida, lança também desafios que alteram as condições do trabalho docente e as atividades realizadas pelos alunos nos diversos níveis educacionais.

Assim, esperamos que a projeção dessa hipótese, na prática educativa, possa influenciar a criação de referências teóricas, além de ampliar a função das fontes de informação na aprendizagem, tornando-as mais pertinentes e melhor assimiladas, favorecendo uma redefinição de valores e conteúdos, abrindo espaço para novos métodos de ensino e aprendizagem.

Algumas questões que buscamos responder dentro da pesquisa foram: *a aprendizagem através do uso do blog faz com que o sujeito se insira numa experiência de construção do conhecimento? Quais as potencialidades do blog sendo utilizado em educação? Em que sentido a utilização desse ambiente midiático pode alterar ou simplesmente trazer implicações para as concepções usuais de aprendizagem?*

Para uma melhor compreensão do tema, a dissertação foi subdividida em cinco Capítulos, assim distribuídos:

Capítulo 2 – SOCIEDADE, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO – Este capítulo apresenta as mudanças que têm ocorrido na sociedade contemporânea, principalmente as relacionadas com o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (TIC's). Mostramos como tais mudanças têm interferido no comportamento dos indivíduos, na aquisição de conhecimentos e, qual a importância da Educação nesse processo. Ressaltamos a importância de uma educação ao longo de toda a vida, como condição necessária para uma formação cidadã, voltada para o exercício dos direitos individuais, fundados nas liberdades públicas, na prática dos deveres e da responsabilidade em relação aos outros e, às comunidades. Destacamos, também, algumas aptidões (competências) exigidas dos indivíduos à Educação atual.

Capítulo 3 - INTERNET NO BRASIL E NO MUNDO – Neste capítulo, apresentamos uma breve revisão do percurso histórico da Internet, pontuando fatos que consideramos relevantes sobre seu avanço no Brasil; e seu uso como auxílio à educação. Subsidiaram nossas discussões os estudos realizados pelo grupo da Combace (Base de Estudos e Pesquisas em Meios de Comunicação e Educação), por Arnon Alberto Mascarenhas de Andrade, André Lemos, Manuel Castells, Pierre Lévy, Sanmya Feitosa Tjara, José Manuel Moran, dentre outros.

Capítulo 4 – BLOG: CONCEITO E ORIGEM – Discorremos sobre um ambiente midiático inserido na Internet: o *blog* – seu conceito, origem e categorização; sua utilização na educação; e por fim, destacamos algumas semelhanças entre o *blog*, usado hoje em sala de aula, e o “Livro da Vida”, usado nas primeiras décadas do século passado. Utilizamos estudos realizados pelo grupo da Combase (Base de Estudos e Pesquisas em Meios de Comunicação e Educação), por Suzana Gutierrez, Alex Primo, Célestin Freinet, Elise Freinet, Alan Hancock, Marisa Del Cioppo Elias, Sanmyan Feitosa Tjara, Paulo Freire, Sérgio Guimarães, Nelson Pretto.

Capítulo 5 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS – Neste capítulo, descrevemos as veredas metodológicas percorridas durante a realização desta pesquisa, explicitando os métodos, as técnicas, as dificuldades e surpresas que permearam o processo de investigação científica. Utilizamos pesquisa participante sob uma abordagem qualitativa e quantitativa do problema em foco; como tratamento analítico dos dados, utilizamos a análise de discurso, dentro do referencial teórico construído; os sujeitos que compuseram o universo da pesquisa foram a professora e, os alunos do curso de Pedagogia, da UFRN, que estavam devidamente matriculados na disciplina Ensino da Geografia I, nos períodos 2007.2 e 2008.1, no turno da tarde.

A pesquisa foi realizada de acordo com as seguintes fases: estudo aberto ou exploratório; coleta sistemática dos dados /trabalho de campo; e compreensão e tratamento dos dados. As categorias teóricas e empíricas surgiram da correlação entre o referencial teórico e o *corpus* de dados de nossa pesquisa; o tratamento e análise foram feitos a partir do estudo criterioso dos dados selecionados e categorizados, oriundos da entrevista, dos questionários e da nossa observação.

Capítulo 6 - POTENCIALIDADES DO USO DO *BLOG* EM EDUCAÇÃO - Neste capítulo, apresentamos a análise dos dados coletados a partir da articulação entre as categorias teóricas e empíricas. Destacamos as potencialidades educativas evidenciadas a partir do uso dos *blogs*, construídos para este estudo, tendo em vista o alcance do objetivo geral da pesquisa. Deram suporte a essa discussão, os estudos realizados pelo grupo da Combase (Base de Estudos e Pesquisas em Meios de Comunicação e Educação), Freire (1999; 2002; 2005) e Bakhtin (1988; 1997) sobre “diálogo”; Weber (1987) e Palacios (1998) em que destacamos o conceito de “comunidade”; e acrescentamos os estudos elaborados por Lévy (1999) para discutirmos a respeito de “comunidade virtual”; Kenski (2003), Fiorentini (2004), Palangana (2001), Neves e Filho (2000), Vygotsky (1999) e

Daniels (2003), trabalhando o conceito de “aprendizagem colaborativa”; e Kenski (2003) e Primo (2007) que nos apresenta uma discussão sobre “interação”.

Capítulo 7 - REFLEXÕES SOBRE FALAS E *POSTAGENS*, descrevemos as concepções da professora e dos alunos sobre o uso desse ambiente midiático como espaço de aprendizagem, complementando um conteúdo disciplinar e, os desafios inerentes ao seu uso como suporte didático, atendendo assim, aos objetivos específicos desse estudo.

Para finalizar, no **Capítulo 8 – CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES**, apresentamos considerações sobre os pontos mais relevantes e recorrentes de nossa pesquisa e, recomendações que acreditamos contribuir para transformações do paradigma educacional, senão numa perspectiva temporal mais imediata, em médio ou longo prazo.

2 SOCIEDADE, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

Hoje, vivemos em uma sociedade onde a informação e o conhecimento circulam de forma muito rápida e com baixo custo, influenciando valores políticos, religiosos, antropológicos, sociais e econômicos.

Falar ao telefone, movimentar conta bancária, por terminal ou pela Internet, assistir televisão, fazer compras pela Internet, pesquisar, trocar mensagens com pessoas do outro lado do planeta são atividades corriqueiras no Brasil e, em muitos lugares do mundo. Adaptamos a essas inovações de forma rápida e, muitas vezes, sem questionamentos.

Como vem acontecendo todo esse desenvolvimento? Quais as conseqüências disso para os indivíduos, para as organizações e para o conjunto da sociedade? Esses são alguns questionamentos pertinentes e que, muitas vezes, nem nos damos conta em responder.

Todas essas atividades que fazem parte do cotidiano das pessoas dependem da imensa malha de meios de comunicação que cobre países inteiros, interligando continentes, empresas e chegando à casa das pessoas: são fios de telefonia, cabos submarinos, linhas de fibra ótica e transmissão via satélite. São computadores que recebem, processam e repassam comandos e informações, tornando possível essa comunicação entre diversos meios. E, comandando toda essa rede comunicacional, têm pessoas que gerenciam ou delas se utilizam. A capacidade de transmissão e a qualidade dos serviços são tamanhas, que seus usuários nem sabem como se dá essa comunicação, se é feita por terra, por mar ou pelo ar.

Três fenômenos estão interrelacionados com essa mudança informacional: a convergência da base tecnológica; a dinâmica da indústria e a Internet. O primeiro vem da possibilidade de processamento e reprodução de qualquer tipo de informação pela forma digital. Através dela a computação, os conteúdos e as comunicações se aproximam de forma vertiginosa. Hoje, um computador vira aparelho de TV, as fotos podem ser gravadas em um cd e temos agregado em um aparelho celular: fotos, músicas, jogos, GPS, vídeos, comunidades sociais, gravação de voz e acesso à Internet. A dinâmica das indústrias proporciona a queda nos preços de equipamentos eletrônicos, permitindo com isso, a popularização do uso desses meios. E finalmente, temos como consequência dos dois primeiros fenômenos, o crescimento acelerado da Internet. A conectividade internacional legitima esse crescimento e, torna a Internet um fator estratégico, fundamental, para o desenvolvimento das nações.

Contudo, toda essa mudança vai além dos computadores e das inovações na área de telecomunicações. As transformações estão ocorrendo nas relações sociais e econômicas, uma vez que a dinâmica dessas atividades tem ligação direta com a infra-estrutura das informações disponíveis. Seu impacto na dimensão político-econômica decorre da contribuição de infra-estrutura para tornar as cidades mais atraentes ou não, em relação aos negócios e empreendimentos. Na dimensão social, diminui as distâncias entre as pessoas e dissemina, de forma mais rápida, a informação.

Nossa maneira de viver, atual, inclui a tecnologia. Nossas atividades cotidianas mais comuns – como dormir, comer, trabalhar, ler, conversar, deslocarmo-nos para diferentes lugares e divertirmo-nos – são facilitadas graças às tecnologias a que temos acesso.

É importante destacarmos que existe uma distinção entre tecnologia e técnica. Kenski diferencia tecnologia de técnica quando diz que “Às maneiras, aos jeitos ou às habilidades especiais de lidar com cada tipo de tecnologia, para executar ou fazer algo, nós chamamos de técnica” (KENSKI, 2003, p. 18). E segue afirmando que as técnicas são transmitidas de geração em geração e se incorporam aos costumes e hábitos sociais de um determinado grupo de pessoas.

Seguimos Kenski, quando ela afirma:

Ao conjunto de conhecimentos e princípios científicos que se aplicam ao planejamento, à construção e à utilização de um equipamento em um determinado tipo de atividade nós chamamos de ‘tecnologia’. Para construir qualquer equipamento – seja uma caneta esferográfica ou um computador -, os homens precisam pesquisar, planejar e criar tecnologias (KENSKI, 2003, p. 18, grifo do autor).

Muitos dos equipamentos e produtos que utilizamos em nosso cotidiano não são notados como tecnologia. “Alguns invadem nosso corpo, como próteses, alimentos e medicamentos. Óculos, dentaduras, comidas e bebidas industrializadas, vitaminas e outros tipos de medicamentos são produtos resultantes de sofisticadas tecnologias” (KENSKI, 2003, p. 19). Muitas vezes nem paramos para pensar o quanto foi preciso de estudo, criação e construção para que chegassem a nossas mãos.

Concordamos com Kenski, quando ela diz que:

Tudo que utilizamos em nossa vida diária, pessoal e profissional – utensílios, livros, giz e apagador, papel, canetas, lápis, sabonetes, talheres...- são formas diferenciadas de *ferramentas* tecnológicas. Quando falamos da maneira como utilizamos cada ferramenta para realizar determinada ação, referimo-nos à *técnica*. A *tecnologia* é o conjunto de tudo isso: as ferramentas e as técnicas que correspondem aos usos que lhes destinamos, em cada época (KENSKI, 2003, p. 19, grifo do autor).

Ouvimos muitas pessoas dizerem que estamos vivendo uma “era tecnológica”. No entanto, é muito difícil aceitarmos que apenas o atual momento possa ser chamado de “era tecnológica”. O professor Arnon de Andrade⁶ costuma afirmar que, desde o início da civilização, todas as eras correspondem ao predomínio de um determinado tipo de tecnologia. Portanto, todas as eras foram, cada uma à sua maneira, “eras tecnológicas”. Assim tivemos a Idade da Pedra, do Bronze... até chegarmos ao momento tecnológico atual.

A evolução social do homem confunde-se com as tecnologias desenvolvidas e empregadas em cada época. Alguns períodos são historicamente reconhecidos pelo avanço tecnológico correspondente. Podemos citar como exemplo a idade da pedra e do bronze que correspondem ao momento histórico-social em que foram criadas “novas tecnologias”⁷, para o aproveitamento desses recursos da natureza, de forma a garantir uma melhor qualidade de vida. O conhecimento científico sobre esses recursos foram se ampliando e criando “novas tecnologias”, cada vez mais sofisticadas (KENSKI, 2003).

A organização social humana desenvolveu-se, portanto, de acordo com as inovações produzidas pelo tipo de tecnologia social utilizada. Em diferentes épocas, grupos de pessoas se organizaram em diferentes modelos de sociedade. Sociedade caçadora e coletora, nos primeiros agrupamentos; comunidades agrícolas e, depois, sociedades industriais.

Desse modo, podemos concluir que a evolução tecnológica altera comportamentos. É o que Tajra chama de “imperativo tecnológico: estado no qual a sociedade se submete humildemente a cada nova exigência da tecnologia e utiliza sem questionar todo novo produto, seja portador ou não de uma melhora real” (2001, p. 43). A ampliação e banalização do uso de uma determinada tecnologia transformam não apenas o comportamento individual,

⁶ Notas de sala de aula (informação verbal).

⁷ O termo “novas tecnologias” está escrito entre aspas porque consideramos esse termo discutível. Segundo Arnon de Andrade, “o termo novas, na nomeação dessas tecnologias, designa o ultrapassado, o obsoleto, o dispensável, para tudo que supostamente não estiver nessa estreita área conceitual de tecnologia, não como instrumento, mas como emblema de saber, poder e valor de mercado. Disponível em <<http://www.educ.ufrn.br/arnon>>. Acesso em: 18 set. 2009.

mas também, o de todo um grupo social. A descoberta da roda, por exemplo, mudou radicalmente as formas de deslocamento entre os grupos.

A economia, a política e a divisão social do trabalho refletem os usos que os homens fazem das tecnologias que estão na base do sistema produtivo, em diferentes épocas. O homem transita culturalmente mediado pelas tecnologias que lhe são contemporâneas. Elas transformam suas maneiras de pensar, sentir, agir. Mudam também suas formas de se comunicar e de adquirir conhecimentos (KENSKI, 2003, p. 21).

É importante ressaltar que existem outros tipos de tecnologias que vão além dos equipamentos. Tajra (2001) classifica as tecnologias em três grandes grupos: as *tecnologias organizadoras* que são as formas como nos relacionamos com o mundo. Os métodos de ensino, seja tradicional, construtivista, são tecnologias de organização das relações de aprendizagem, são espaços que são utilizados como suporte, para que algumas ações ocorram; as *tecnologias simbólicas* que estão relacionadas com a forma de comunicação entre pessoas, como a linguagem oral, a linguagem escrita e, a linguagem digital (dos computadores); e as *tecnologias físicas* que são as inovações de instrumentais físicos, como a caneta esferográfica, o livro, o telefone, o aparelho celular. Nesta última, podemos citar, também, as TIC's que, através dos seus suportes, como jornal, o rádio, a televisão... realizam o acesso, a veiculação das informações e todas as inúmeras formas de relacionamentos simbólicos em todo o mundo.

Esse é um dos grandes desafios da educação na atualidade: viabilizar-se como espaço crítico em relação ao uso e à apropriação das tecnologias de comunicação e informação. Um saber ampliado e mutante caracteriza o atual estágio do conhecimento. Essas alterações refletem-se sobre as tradicionais formas de pensar e fazer educação. Abrir-se para novas educações – resultantes de mudanças estruturais nas formas de ensinar e aprender, possibilitadas pela atualidade tecnológica – é um compromisso que deve ser assumido por toda a sociedade.

2.1. A EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: AO LONGO DE TODA A VIDA

A educação ocupa cada vez mais espaço na vida das pessoas à medida que aumenta o papel que desempenha na dinâmica das sociedades modernas. A evolução rápida do mundo requer uma atualização contínua dos saberes, o que nos leva a ideia de uma educação permanente, uma *educação ao longo de toda a vida*. Uma educação realmente dirigida às necessidades das sociedades modernas não pode continuar a definir-se em relação a um período particular da vida.

Nos dias de hoje, a divisão tradicional do ensino em períodos distintos da vida não atende às exigências individuais e sociais. Aquele tempo da infância e da juventude dedicados à educação escolar, o tempo da atividade profissional adulta e o tempo da aposentadoria são acompanhados por atividades educacionais cada vez mais diversificadas. A respeito disso, Delors diz:

[...] as missões que cabem à educação e as múltiplas formas que pode revestir fazem com que englobe todos os processos que levem as pessoas, desde a infância até o fim da vida, a um conhecimento dinâmico do mundo, dos outros e de si mesmas, [...] (DELORS, 2006, p. 104).

E essa educação ao longo de toda a vida, além de uma adaptação necessária às exigências do mundo do trabalho, é a condição para um domínio mais perfeito dos ritmos e dos tempos da pessoa humana. Em virtude da competitividade de ordem econômica, das exigências de sociedades cada vez mais complexas, os saberes e as competências adquiridos, na formação básica (inicial) tornam-se, insuficientes, dando lugar à formação continuada.

Contudo, nos referimos a uma educação ao longo de toda a vida que vai além das ambições profissionais. Esta deve fazer com que cada indivíduo saiba conduzir o seu destino de modo que homens e mulheres modifiquem as suas relações com o mundo e entre si, visando o equilíbrio, bem como ao exercício da cidadania.

Uma educação geral permanente deve estimular no aluno uma capacidade crítica que lhe possibilite ter um pensamento livre e uma ação autônoma. A educação deve ser um guia no exercício dos direitos individuais, fundados nas liberdades públicas, e a prática dos deveres e da responsabilidade em relação aos outros e às comunidades a que pertencem. O ensino

deve ser, portanto, um processo de construção da capacidade de discernimento para se tornar uma linha de força da sociedade civil e da democracia.

Entendemos, portanto, que a educação permanente é uma construção contínua da pessoa humana, do seu saber e das suas aptidões, assim como, da sua capacidade de discernir e agir. Em suma, a educação ao longo de toda a vida, deve aproveitar todas as oportunidades. À medida que o tempo dedicado à educação se confunde com o tempo de vida de cada um, os espaços educativos, assim como as ocasiões de aprender, tendem a se multiplicar.

Desenvolver os talentos e as aptidões de cada indivíduo corresponde à missão primeira da educação. A equidade, as necessidades reais para o desenvolvimento humano, o respeito ao meio ambiente humano e natural e, a diversidade de tradições e culturas devem orientar toda e qualquer política educativa.

Atualmente, um dos fatores mais importantes de desenvolvimento humano, tecnológico e de superação de desigualdade, é o conhecimento. Ele é o caminho que nos leva à criação de empregos qualificados e, conseqüentemente, a uma melhor qualidade de vida. Os reflexos da propagação do conhecimento podem ser observados no âmbito social, cultural e também econômico.

Nessa nova economia, não basta dispor de uma infra-estrutura moderna de comunicação; é preciso competência para transformar informação em conhecimento. E a educação é o elemento-chave para que indivíduos e organizações lidem com o novo e, garantam seu espaço de liberdade e autonomia. Sobre conhecimento, Paulo Freire pontua:

O conhecimento [...] exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato (FREIRE, 2002, p. 27, grifo do autor).

Hoje, educar significa investir na criação de competências amplas o suficiente para permitir uma atuação efetiva na produção de bens e serviços, operar com fluência os novos meios e ferramentas em seu trabalho, tomar decisões fundamentadas no conhecimento, assim como, aplicar com criatividade as novas mídias. Trata-se também de formar indivíduos capazes de *aprender a aprender* de modo que possam lidar com as aceleradas transformações da base tecnológica.

Refletir sobre educação, na sociedade contemporânea, significa levar em conta uma série de aspectos que dizem respeito às tecnologias da informação e comunicação (TIC's), começando pelo papel destas, em uma sociedade que, na prática, não tem como prioridade a inclusão e a justiça social, logo, uma formação para a cidadania. Preparar o cidadão não significa preparar um consumidor. Significa preparar os indivíduos para a tomada consciente de decisões.

[...] a idéia de educação permanente [...] deve ser repensada e ampliada. É que, além das necessárias adaptações relacionadas com as alterações da vida profissional, ela deve ser encarada como uma construção contínua da pessoa humana, dos seus saberes e aptidões, da sua capacidade de discernir e agir. Deve levar cada um a tomar consciência de si próprio e do meio ambiente que o rodeia, e a desempenhar o papel social que lhe cabe enquanto trabalhador e cidadão (DELORS, 2006, p. 18).

2.1.1. Aptidões necessárias à educação do século XXI

A temática das novas competências exigidas pela educação contemporânea é uma das que mais suscitam polêmica na área pedagógica por se tratar de uma noção fortemente relativa.

O autor Luiz Carlos Pais (2005) cita quatro competências que podem contribuir no processo educativo diante de desafios postos pela sociedade em que vivemos. São elas: *a criatividade, trabalhar com informações, a capacidade de transformar informação em conhecimento e superar o exercício da repetição.*

A *criatividade*, noção mencionada com frequência nos debates pedagógicos, não é uma simples inspiração do espírito humano, mas o resultado da produção de um pensamento autônomo, que não recai nas malhas da repetição e da cópia. Não há formação de saber que não valorize a dimensão do ato criativo. Criar é mergulhar nos limites humanos da produção. Acompanhamos um crescimento da automação por meio de equipamentos especializados em executar tarefas repetitivas, com muita rapidez e precisão. Contudo, a libertação do esforço físico tende a valorizar competências que atendam ao aspecto qualitativo da criação.

Quando se pensa em favorecer as condições do indivíduo em corresponder aos desafios do mercado de trabalho, outra competência se torna muito importante: *trabalhar com informações*. Autonomia, iniciativa, interesse e disponibilidade para buscar informações e

desenvolver estratégias de resolução de problemas se tornam características necessárias para a efetiva construção da cidadania. E, para trabalhar com informações, é preciso habilidades para selecioná-las. Essa forma de aprender requer do indivíduo um engajamento diferenciado, o que significa saber buscar informações compatíveis com o problema estudado.

Outro desafio consiste em desenvolver a competência de *transformar informação em um conhecimento* vivenciado pelo sujeito. De acordo com Pais (2005), essa transformação representa a essência da cognição e não se realiza de forma evidente ou espontânea. A elaboração de conhecimento revela uma dimensão fortemente comprometida com o trabalho e a persistência do sujeito cognitivo. Segundo Pais,

Na prática, seleção, interpretação, análise e comunicação de informações lançam linhas para uma síntese cognitiva, mas exigem um envolvimento diferenciado do sujeito num permanente retorno à elaboração do saber, articulando múltiplas informações com situações vivenciadas no cotidiano (PAIS, 2005, p. 60).

A quarta competência apontada por Pais diz respeito à *autonomia*. Uma prática educativa voltada para a *repetição* pode sinalizar para um fracasso da educação. Através do computador ocorre a facilidade de executar as conhecidas operações do “copiar e colar”, com as quais, rapidamente um texto pode ser transferido da rede para o trabalho do aluno, por exemplo. Porém, apesar da facilidade, a aprendizagem não deve ser confundida com esse tipo de operação. O que está em jogo em situações como essa é a questão ética da propriedade intelectual, e mais importante ainda, a tentativa de fraudar o processo de avaliação.

Para fazer face ao risco de repetição, uma das competências a ser desenvolvida é a busca de maior autonomia na pesquisa de informações para a elaboração de conhecimento.

Essas competências, segundo Pais (2005), envolvem tanto a dimensão individual como coletiva e, são de grande importância para uma boa atuação frente aos desafios ditados pelo contexto social e econômico em que estamos inseridos.

Delors (2006, p. 89) também aponta para a necessidade premente do desenvolvimento de novas competências para o sucesso da aprendizagem e, necessárias para a educação deste século. Segundo o autor, a educação “deve transmitir, de fato, de forma maciça e eficaz, cada vez mais saberes e saber-fazer evolutivos, adaptados à civilização cognitiva, pois são as bases das competências do futuro”.

Entre essas competências para o presente/futuro, citadas por Delors (2006), quatro são consideradas como sendo primordiais para a educação do século XXI, e são

aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo, para cada indivíduo, os pilares do conhecimento:

[...] *aprender a conhecer*, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; *aprender a fazer*, para poder agir sobre o meio envolvente; *aprender a viver juntos*, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente *aprender a ser*, via essencial que integra as três precedentes (DELORS, 2006, p. 90, grifo do autor).

O primeiro pilar dessa base, o *aprender a conhecer*, visa não tanto aquisição de um repertório de saberes codificados, mas antes o domínio dos próprios instrumentos do conhecimento e pode ser considerado, simultaneamente, como um meio e como uma finalidade da vida humana. Meio, porque se pretende que cada indivíduo aprenda a compreender o mundo que o cerca, ao menos na medida em que isso lhe é necessário para viver de forma digna, para desenvolver bem as suas habilidades profissionais e, também para comunicar-se. Finalidade, porque seu fundamento é o prazer de compreender, de conhecer, de descobrir. Esse pilar exige um constante estado de aprendizagem e de busca pelo conhecimento, pois um espírito verdadeiramente formado, hoje em dia, tem necessidade de uma cultura vasta e da possibilidade de trabalhar em profundidade determinado número de assuntos. A cultura geral, enquanto abertura a outras linguagens e outros conhecimentos permite, antes de tudo, comunicar-se.

Paulo Freire afirma que sem comunicação é impossível dar-se o conhecimento. “O mundo humano é um mundo de comunicação”, acrescenta o autor. E o que caracteriza a comunicação é o diálogo. “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber [...]” (FREIRE, 2002, p. 69). E completa afirmando que:

Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 2005, p. 91).

Concordamos com Paulo Freire, quando ele diz que sem o diálogo não há comunicação e, sem esta não há a verdadeira educação. O diálogo tem o poder de transformar

a realidade. “O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados⁸ pelo mundo, o “pronunciam”, isto é, o transformam e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos” (FREIRE, 2005, p. 43). Várias são as competências necessárias para se compreender melhor o outro em um mundo em rápida transformação. Contudo, é oportuno ressaltar que o diálogo é fundamental para a aquisição de qualquer uma dessas competências.

A educação deve sustentar-se, também, no *aprender a fazer*. Essa segunda aprendizagem está associada à formação profissional.

Essa competência se apresenta como uma espécie de coquetel individual, combinado a qualificação, em sentido estrito, adquirida pela formação técnica e profissional, o comportamento social, a aptidão para o trabalho em equipe, a capacidade de iniciativa, o gosto pelo risco (DELORS, 2006, p. 94).

Qualidades como a capacidade de comunicar, de trabalhar com os outros, de gerir e de resolver conflitos, tornam-se cada vez mais importantes no mundo de hoje.

O terceiro pilar é o *aprender a viver juntos*, a viver com os outros a fim de combater as desigualdades. Sem dúvida, essa aprendizagem representa, atualmente, um dos maiores desafios da educação.

Aprendendo a viver juntos proporcionamos condições para se lutar contra os preconceitos geradores de conflitos latentes. A educação deve transmitir conhecimento a respeito da diversidade da espécie humana, assim como, deve conscientizar as pessoas das semelhanças e da interdependência entre todos os seres humanos do planeta.

E o quarto e último pilar do conhecimento, apontado por Delors, é o *aprender a ser*, para melhor desenvolver a sua personalidade e estar à altura de agir com autonomia, discernimento, criatividade e responsabilidade pessoal. A educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa, ou seja, o desenvolvimento do espírito, do corpo, da inteligência, da sensibilidade, do sentido estético, da responsabilidade pessoal e da espiritualidade. Esse desenvolvimento do ser humano, que se desenrola desde o nascimento até à morte, é um processo dialético que começa pelo conhecimento de si mesmo para se abrir, em seguida, à relação com o outro. “Nesse sentido, a educação é antes de mais nada uma viagem interior, cujas etapas correspondem às da maturação contínua da personalidade” (DELORS, 2006, p. 101).

⁸ Nas primeiras edições o termo usado por Paulo Freire é “mediado”.

Edgar Morin (2005a) aprofunda a reflexão a respeito da educação contemporânea e acrescenta sete saberes que, do seu ponto de vista, constituem eixos e, ao mesmo tempo, abrem caminhos a todos os que pensam e fazem educação. São saberes fundamentais para a educação e devem ser tratados, em toda sociedade e, em toda cultura, sem exclusividade nem rejeição, segundo modelos e regras próprias a cada sociedade e a cada cultura. São eles: *as cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão; os princípios do conhecimento pertinente; ensinar a condição humana; ensinar a identidade terrena; enfrentar as incertezas; ensinar a compreensão; a ética do gênero humano*. Vejamos um pouco sobre cada um desses saberes.

As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão

A educação deve mostrar que não há conhecimento que não esteja, em algum grau, ameaçado pelo erro e pela ilusão. A teoria da informação mostra que existe o risco de erro sob o efeito de perturbações aleatórias ou de ruídos (*noise*), em qualquer transmissão de informação, em qualquer comunicação de mensagem (MORIN, 2005a, p. 19-20, grifo do autor).

De acordo com Morin (2005a), o conhecimento não é um espelho das coisas e do mundo externo, mas é resultado da nossa construção e reconstrução, sendo, portanto, uma interpretação. E como tal, está sujeito a erros, em função da subjetividade, da nossa visão particular do mundo e dos nossos princípios de conhecimento.

O conhecimento comporta sempre riscos permanentes de erros e ilusões. Ensinar àqueles que irão se defrontar com o mundo onde tudo passa pela informação veiculada em jornais, livros, manuais escolares, Internet é algo de fundamental importância. Portanto, “o conhecimento permanece como uma aventura para a qual a educação deve fornecer o apoio indispensável” (MORIN, 2005a, p. 31).

Muitos sofrimentos e desorientações foram causados por erros e ilusões ao longo da história humana, e de maneira aterradora, no século passado. Por isso, o problema cognitivo é de importância antropológica, política, social e histórica. O dever principal da educação é de armar cada um para o combate vital para a lucidez.

Os princípios do conhecimento pertinente

O conhecimento do mundo como mundo é uma necessidade intelectual e vital. Um conhecimento não é pertinente porque contém uma grande quantidade de informações que, isoladas são insuficientes. É fundamental situarmos as informações organizando-as e

contextualizando-as para que se tornem pertinentes e adquiram sentido. Para Morin, “[...] o conhecimento pertinente não é fundado numa sofisticação, mas numa atitude que consiste em contextualizar o saber” (2005b, p. 86).

Para o conhecimento ser pertinente, é extremamente importante a relação entre o todo (o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico) e as partes; as partes e o todo e as partes entre si. Pascal, citado por Morin (2005) dizia:

[...] sendo todas as coisas causadas e causadoras, ajudadas ou ajudantes, mediatas e imediatas, e sustentando-se todas por um elo natural e insensível que une as mais distantes e as mais diferentes, considero ser impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, tampouco conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes (MORIN, 2005a, p. 37).

Além disso, em todo ser vivo, existe a presença do todo no interior das partes: cada célula contém a totalidade do patrimônio genético de um organismo policelular, assim como, a sociedade, como um todo, está presente em cada indivíduo, em sua linguagem, em seu saber, em suas obrigações e em suas normas.

E para melhor compreender não só o todo, mas as partes que compõem esse todo, é necessário a ativação de uma inteligência geral que, segundo Morin, deve ser incentivada pela educação, e afirma que: “A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral” (2005a, p. 39).

O uso total da inteligência geral pede o livre exercício da curiosidade. Paulo Freire ressalta o valor da curiosidade, quando diz:

A construção ou a produção do conhecimento do objeto implica o exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de “tomar distância” do objeto, de observá-lo, de delimitá-lo, de cindi-lo, de “cercar” o objeto ou fazer sua *aproximação* metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar (FREIRE, 1996, p. 85, grifo do autor).

Freire (1996) afirma que a pedra fundamental do saber é a curiosidade do ser humano. Para o autor, é a curiosidade que nos estimula a perguntar, a conhecer, a atuar, a perguntar mais e a re-conhecer. O exercício da curiosidade nos torna mais metodicamente perseguidores do entendimento do nosso objeto. Freire completa: “Não tenho dúvidas nenhuma do enorme potencial de estímulos e desafios à curiosidade que a tecnologia põe a serviço das crianças e dos adolescentes [...]”. E segue dizendo que o “exercício da curiosidade

convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado da sua razão de ser” (FREIRE, 1996, p. 87).

O segundo Saber, “conhecimento pertinente”, nos mostra a necessidade de promover um conhecimento que seja capaz de apreender problemas globais e fundamentais para neles inserirmos os conhecimentos parciais e locais de um mundo complexo.

Ensinar a condição humana

A educação, deste século XXI, deve ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana reconhecendo a sua diversidade cultural. O ser humano é ao mesmo tempo físico, biológico, psíquico, cultural, social e histórico. Através da educação esta unidade complexa, que é o ser humano, foi desintegrada, fragmentada em disciplinas. A Sociologia mostra o destino social do ser humano, a Psicologia mostra seu destino individual, a História seu destino histórico, a Economia seu destino econômico. Mas, tudo isso se encontra separado. Como foi exposto no primeiro Saber proposto por Morin (2005a), todo conhecimento deve contextualizar seu objeto, para ser pertinente. Portanto, conhecer o humano é, antes de qualquer coisa, situá-lo no universo, e não separá-lo dele.

O homem só se realiza plenamente como ser humano pela cultura e na cultura. Se não dispusesse plenamente da cultura, “[...] seria um primata do mais baixo nível. A cultura acumula em si o que é conservado, transmitido, aprendido, e comporta normas e princípios de aquisição” (MORIN, 2005a, p. 52). Nesse sentido, de acordo com o autor,

A cultura é constituída pelo conjunto de saberes, fazeres, regras, normas, proibições, estratégias, crenças, idéias, valores, mitos, que se transmite de geração em geração, se reproduz em cada indivíduo, controla a existência da sociedade e mantém a complexidade psicológica e social (MORIN, 2005a, p. 56).

A educação deve preocupar-se em mostrar e ilustrar a complexidade do humano: o destino da espécie humana, o destino individual, o destino social, o destino histórico, todos entrelaçados e inseparáveis. Isso, certamente, conduziria à tomada de conhecimento, por conseguinte, da consciência, da condição comum a todos os humanos e da diversidade dos indivíduos, dos povos e das culturas.

Ensinar a identidade terrena

O conhecimento dos desenvolvimentos da era planetária, que tendem a crescer no decorrer do século XXI, e o reconhecimento da identidade e consciência terrenas, que se tornam cada vez mais importantes a cada indivíduo e a todos, devem converter-se em um dos principais objetos da educação. É necessário que se compreenda não só a condição humana, mas também a condição do mundo humano.

A era planetária se iniciou com o estabelecimento da comunicação entre todos os continentes no século XVI. Porém, apesar de todas as partes do mundo se solidarizarem, as opressões e a dominação que devastaram a humanidade não desapareceram.

A união planetária é a exigência racional mínima de um mundo encolhido e interdependente. Essa união pede a consciência e um sentimento de pertencimento mútuo que nos una à nossa Terra. Todos os humanos, desde o século XX, vivem os mesmos problemas fundamentais de vida e de morte e estão unidos na mesma comunidade de destino planetário. Morin afirma que “é necessário aprender a ‘estar aqui’ no planeta [o que] significa: aprender a viver, a dividir, a comunicar, [...] como humanos do planeta Terra; não mais somente pertencer a uma cultura, mas também ser terrenos” (2005a, p. 76).

Morin completa, ao afirmar:

Estamos comprometidos, na escala da humanidade planetária, na obra essencial da vida, que é resistir à morte. Civilizar e solidarizar a Terra, transformar a espécie humana em verdadeira humanidade torna-se o objetivo fundamental e global de toda educação que aspira não apenas o progresso, mas à sobrevivência da humanidade. A consciência de nossa humanidade nesta era planetária deveria conduzir-nos à solidariedade e à comiserção recíproca, de indivíduo para indivíduo, de todos para todos. A educação do futuro deverá ensinar a *ética da compreensão planetária* (MORIN, 2005a, p. 78, grifo do autor).

Quando Morin fala de uma consciência para a solidariedade e para a comiserção recíproca, pensamos ser oportuno apontar para a importância de uma consciência ambiental. Como humanos do planeta Terra, devemos preservar o ambiente em que vivemos como um tesouro que temos a responsabilidade de guardar. Cuidar do meio ambiente pode ser entendido como mais um dos princípios morais e éticos da educação.

Enfrentar as incertezas

As ciências permitiram que adquiríssemos muitas certezas, mas também revelaram, ao longo da história, inúmeras zonas de incertezas. Sempre tivemos a ideia de que só as certezas deveriam ser ensinadas. Contudo, nos dias atuais, a história da vida e a complexidade das espécies não podem mais ser entendidas de modo linear. Em virtude disso, a educação deve trabalhar, em todos nós, a consciência do risco e do acaso e ensinar princípios de estratégia que nos permitam enfrentar os imprevistos e a incerteza, modificando seu desenvolvimento em virtude das informações adquiridas ao longo do tempo.

Morin (2005b, p. 99) assinala que a aquisição da incerteza “é uma das maiores conquistas da consciência, porque a aventura humana, desde seu começo, sempre foi desconhecida”. E afirma que é preciso aprender a enfrentar a incerteza, já que vivemos em uma época de mudanças em que valores são ambivalentes, em que tudo é ligado.

A maior contribuição de conhecimento do século XX foi o conhecimento dos limites do conhecimento. Este é, pois, uma aventura incerta que comporta em si mesma, permanentemente, o risco de ilusão e de erro. Morin ressaltar que “Conhecer e pensar não é chegar a uma verdade absolutamente certa, mas dialogar com a incerteza” (2006, p. 59). É preciso ter consciência de que todo destino humano implica uma incerteza irreduzível, até na absoluta certeza, que é a da morte, pois ignoramos a data.

Ensinar a compreensão

A compreensão é, a um só tempo, meio e fim da comunicação humana. Necessitamos, em todos os sentidos, de compreensão mútua, seja qual for o nosso grau de proximidade com o outro. Ensinar a compreensão constitui uma das bases mais seguras de uma educação para a paz, à qual estamos ligados por essência e vocação.

É importante, pois, distinguir explicação de compreensão. Segundo Morin, a explicação entende o ser humano como objeto que pode ser conhecido através de meios objetivos como altura, peso, cor da pele, enfim, indicadores morfológicos identitários. “Explicar é considerar o que é preciso conhecer como objeto e aplicar-lhe todos os meios objetivos de conhecimento” (2005a, p. 94). Já a compreensão visa entender o ser humano não apenas como objeto, mas principalmente, como sujeito, com suas ideias, inseguranças,

alegrias ou tristezas. A compreensão não pode ser quantificada. A esse respeito, Morin destaca que:

Educar para compreender a matemática ou uma disciplina determinada é uma coisa; educar para a compreensão humana é outra. Nela encontra-se a missão propriamente espiritual da educação: ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade (MORIN, 2005a, p. 93).

É importante deixar claro que nenhuma técnica de comunicação traz em si mesma a compreensão. Se a informação for bem transmitida e compreendida, proporciona a inteligibilidade, condição primeira necessária, mas não suficiente, para a compreensão.

Existem duas formas de compreensão: a intelectual ou objetiva e a compreensão humana intersubjetiva. A compreensão intelectual passa pela inteligibilidade e pela explicação. Significa aprender em conjunto, abraçar junto (o texto e seu contexto, as partes e o todo, o múltiplo e o uno). A compreensão humana vai além da explicação. Exige um conhecimento de sujeito a sujeito. O outro é percebido como um sujeito com o qual nos identificamos e que identificamos conosco em um processo de empatia e de projeção.

Precisamos ficar atentos a situações que atrapalham, de algum modo, a compreensão. “Ruído”, polissemia, ignorância dos ritos e costumes do outro, diferença de Valores, incompreensão dos imperativos éticos e a impossibilidade de compreensão de uma estrutura mental em relação a outra são obstáculos intrínsecos às duas compreensões. E a incompreensão intelectual e humana dificulta a melhoria das relações entre indivíduos, grupos, povos e nações.

A compreensão do outro requer a consciência da complexidade humana. Morin enfatiza que:

O ensino da compreensão é crucial, se estivermos de acordo sobre a idéia de que o mundo encontra-se devastado pela incompreensão e que o progresso humano, por menor que seja, não pode ser imaginado sem o progresso da compreensão (MORIN, 2005b, p. 95).

A ética do gênero humano

O sétimo e último Saber refere-se à “antropo-ética”, ou seja, a ética em escala humana. Somos seres humanos e também indivíduos; somos uma pequena parte da sociedade e também o fragmento de uma espécie. Carregamos em nós essa tripla realidade que se sustenta em sentido pleno: apoiam-se, nutrem-se e reúnem-se. Assim, indivíduo/sociedade/espécie não são apenas inseparáveis, mas co-produtores um do outro. Cada um desses termos é, ao mesmo tempo, meio e fim dos outros. E é do seio dessa tríade complexa que emerge a consciência e o nosso espírito propriamente humano.

Desse modo, todo desenvolvimento verdadeiramente humano deve compreender o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e da consciência de pertencer a espécie humana (MORIN, 2005a, p. 17).

A tríade pode ser observada sob duas perspectivas: indivíduo/sociedade e indivíduo/espécie. Na primeira, indivíduo/sociedade, a ética nos conduz à ideia de democracia em que os indivíduos e a sociedade podem ajudar-se, desenvolver-se, regular-se e controlar-se mutuamente. Nas sociedades democráticas, o indivíduo é cidadão, pessoa jurídica e responsável. A democracia tem um elo vital com a diversidade de interesses e ideias e, com antagonismos.

Para salvaguardar a vida democrática e lhe conferir vitalidade e produtividade, é preciso proteger a diversidade de ideias e opiniões, bem como a diversidade de fontes de informação e de meios de informação. Os conflitos gerados pela diversidade só podem se expandir em obediência às regras democráticas. E desse modo,

Exigindo ao mesmo tempo consenso, diversidade e conflituosidade, a democracia é um sistema complexo de organização e de civilização políticas que nutre e se nutre da autonomia de espírito dos indivíduos, da sua liberdade de opinião e de expressão, do seu civismo, que nutre e se nutre do ideal Liberdade/Igualdade/Fraternidade (MORIN, 2005a, p. 108).

A democracia, que ainda não está generalizada em todo o planeta, supõe o civismo, que por sua vez supõe solidariedade e responsabilidade, ou seja, o desenvolvimento da antropo-ética.

A perspectiva indivíduo/espécie diz respeito à ética do gênero humano, ou seja, à perspectiva de civilizar a Terra. Trata-se de movimentos que têm por objetivo a cidadania terrestre.

Devemos nos empenhar para que a espécie humana se desenvolva com a participação dos indivíduos e das sociedades, proporcionando assim, o nascimento concreto da consciência comum e da solidariedade planetária do gênero humano.

E é sob a perspectiva de uma ética da formação do cidadão planetário que sempre supõe autoformação, inacabamento, compreensão e consciência de pertencimento à Terra-Pátria, que a Educação parece ter, como papel essencial, conferir a todos os seres humanos a liberdade de pensamento, discernimento, sentimentos e imaginação de que necessitam para desenvolver tais competências e permanecerem, tanto quanto possível, donos de seu próprio destino e com isso, melhorando a oportunidade de progresso para as sociedades.

3 INTERNET NO BRASIL E NO MUNDO

Neste capítulo faremos uma breve revisão do percurso histórico da Internet, pontuando fatos que consideramos relevantes sobre seu avanço no Brasil; e seu uso como auxílio à educação. Subsidiaram nossa discussão os estudos realizados pelo grupo da Combase (Base de Estudos e Pesquisas em Meios de Comunicação e Educação), por André Lemos, Manuel Castells, Pierre Lévy, Sanmyan Feitosa Tjara, José Manuel Moran, dentre outros.

3.1. DADOS HISTÓRICOS ACERCA DA INTERNET

Com tantas inovações tecnológicas ocorrendo em volta de todos nós, é muito difícil nos recusarmos a participar delas. Tendo em vista que essas mudanças estão em todos os lugares. Na área médica, na engenharia, na comunicação social e também, no entretenimento. Entre tais inovações, uma das que mais se destacam é a Internet, cujo alcance é tão grande que rompe as fronteiras do país e abre um enorme leque de oportunidades. A qualquer momento do dia ou da noite, é possível se comunicar com pessoas não só de países diferentes como de continentes distintos. Através da Internet podemos passear em museus, bibliotecas, fazer compras, verificar as notícias dos principais jornais, assistir a *trailers* dos últimos lançamentos de filmes, entre outras ações.

Seria difícil descrevermos em poucas linhas as mudanças sociais, econômicas e culturais que o uso da Internet pode promover. Tudo isso é possível sem pagar passagens aéreas, sem pegar congestionamento no trânsito, sem custos de hospedagens em hotel. Para ter acesso à Internet, basta ter um computador, uma linha telefônica, um modem e estar associado a algum provedor (empresa que comercializa acesso à Internet). Para as pessoas que não dispõem de nenhum desses recursos, ainda resta a ida a uma *lan house* - ambiente com alguns computadores ligados à Internet, facilmente encontrado, hoje, em quase todos os bairros e, que por um baixo custo, qualquer pessoa pode conectar-se a Internet por um período determinado de tempo.

Frequentemente, ouvimos falar que a Internet é uma nova mídia. Aparelhos e *softwares* estão sempre nos oferecendo novidades, abolindo o espaço-tempo e ampliando nossas formas de ação e comunicação, nos possibilitando agir de forma interativa e imediata, sendo também emissores no processo comunicacional. Essa experiência é diferente daquela das mídias massivas como a televisão, o rádio ou os jornais.

A comunicação de massa vincula forma e conteúdo, suporte e forma de transmissão da informação. Ela publiciza fatos a partir de centros editores, fazendo com que a indústria cultural opere por fluxo de comunicação “um para todos”, garantindo o poder sobre a emissão (LEMOS, 2002, p. 35).

As tecnologias digitais, de algum modo, conectam usuários, gerando um fluxo que, virtualmente, coloca todos em contato com todos. O ciberespaço não formata o fluxo de informação nem o centraliza. Lévy define ciberespaço como “um espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LÉVY, 1999, p. 92).

A digitalização da informação, que transforma tudo em *bits*, faz com que os formatos (imagens, textos, músicas, vídeo) possam transitar por vários suportes (ondas, cabos, fibras, satélites...). E o fato desse “trânsito” acontecer na Rede, ambiente não hierarquizado, impossibilita uma edição centralizada, fazendo com que a informação circule livremente de todos para todos.

A prática dos usuários nessa rede também é diferente. Não navegamos na rede como assistimos TV, ouvimos rádio ou lemos revista. Ligar a TV implica em ver televisão, ligar o rádio nos permite ouvir as emissões... Mas, e a Internet? Não temos como saber o que o “internauta” está fazendo: ele pode estar conversando com alguém na Itália, navegando em um *site* alemão, lendo um jornal americano, ouvindo uma música francesa..., e tudo ao mesmo tempo! Nas mídias de massa existe um foco sensorial privilegiado (audição-rádio/telefone, visão-televisão/impreso...), sendo fluxo da informação unidirecional. No ciberespaço não. Ele possibilita a simultaneidade sensorial e o fluxo bidirecional da informação (todos-todos).

Partindo disso, podemos dizer que a Internet não é uma mídia, mas um “novo” ambiente midiático, uma agregadora de instrumentos de comunicação, um sistema auto-organizante criativo (LEMOS, 2002).

A Internet tende a ser o ambiente midiático mais popular em médio prazo e, tem uma característica ampla de possibilitar diversos tipos de comunicação e interações entre culturas, de forma bastante enriquecedora. André Lemos acrescenta:

Neste sentido, [...] [sua] vitalidade encontra-se na circulação de informação ponto a ponto (não massiva), na conexão generalizada, na universalização do acesso e na libertação do pólo da emissão. As redes telemáticas permitem que todos possam se conectar a todos, em um mesmo ambiente, agora e em qualquer lugar, o que não era possível com mídias clássicas. Os impactos dessa transformação estão em todas as áreas da cultura contemporânea (LEMOS, 2002, p.36 grifo do autor).

De acordo com diversos relatos publicados acerca do histórico da Internet, a Rede Mundial de Computadores tem uma história, relativamente, recente. Surgiu para fins militares, durante a Segunda Guerra Mundial, envolvendo a União Soviética e os Estados Unidos, com o objetivo específico de ajudar nas operações de guerra e incrementar estratégias para esse mesmo fim. Pouco tempo depois, pesquisadores universitários perceberam o potencial dessa Rede e passaram a usá-la para o uso acadêmico e pessoal (CASTELLS, 1999).

No ano de 1969, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos (DARPA) criou a Agência de Projetos e Pesquisas Avançados (*Advanced Research Projects Agency – ARPA*), com a função de buscar a liderança nas pesquisas em ciência e tecnologia e aplicar os conhecimentos obtidos para o uso das forças armadas.

Um dos primeiros desafios da DARPA foi possibilitar o desenvolvimento de projetos em conjunto com outros centros nos Estados Unidos, sem o inconveniente da distância física, nem o risco da perda de informações, no caso de um confronto nuclear. O objetivo era construir um computador que operasse, permitindo a transferência de informações e códigos, mesmo que alguma parte do caminho fosse afetada ou perdida. “O resultado foi uma arquitetura em rede que, como queriam seus inventores, não pode ser controlada a partir de nenhum centro e é composta por milhares de redes de computadores autônomos com inúmeras maneiras de conexão, contornando barreiras eletrônicas” (CASTELLS, 1999, p. 26).

Nos anos seguintes, a atuação da ARPANET (a rede da agência de projetos americana) foi estendida às universidades, que também passaram a funcionar como centros de desenvolvimentos. Em 1971, 23 universidades já estavam conectadas em rede.

Os primeiros domínios (.edu, .org e .gov) começaram a surgir em 1985, na mesma época que teve início o uso do termo “Internet” para se referir ao conjunto de redes da ARPANET, que vinha há alguns anos atuando internacionalmente. Com o setor militar posto à parte e, o uso comum do termo “Internet”, a ARPANET (inicialmente ligada ao Estado norte-americano) deixou de existir em 1990.

Foi então que a Internet começou a popularizar-se e tomar impulso. A rápida expansão do computador pessoal (PC) foi a principal responsável pelo aumento no número de

usuários da rede. Além disso, a facilidade de navegação auxiliou na difusão dessa tecnologia de informação e comunicação. Com a criação da *World Wide Web* –WWW (Rede de Alcance Mundial), pelo Centro de Estudos relacionados à Energia Nuclear (CERN), na Suíça, permitindo o gerenciamento de textos, imagens e sons, no computador, surgiram endereços “amigáveis”, ou seja, *sites* mais dinâmicos e visualmente interessantes, estimulando ainda mais o crescimento quantitativo de usuários da Internet.

Veja o exemplo de uma página da WWW, visualizada no navegador Internet Explorer da Microsoft:



Figura 1 - Página inicial da UFRN. Fonte: Disponível em: < <http://www.ufrn.br/ufrn/>>. Acesso em: 07 abr. 2009.

Para facilitar a navegação pela Internet, surgiram vários navegadores (*browsers*) como, por exemplo, o Internet Explorer da Microsoft e o Netscape Navigator. O surgimento acelerado desses provedores de acesso e portais de serviços *on line*, também contribuiu para o crescimento da Internet, que passou a ser utilizada por vários segmentos sociais. Estudantes passaram a buscar informações para suas pesquisas, pessoas a utilizavam, simplesmente, para diversão em *sites* de *games*, desempregados iniciaram buscas por empregos em *sites* de agências de emprego, outras pessoas começaram a enviar seus currículos por *e-mail*, pessoas passaram a fazer uso da Internet para encontrar parentes desaparecidos e, até reencontrar pessoas que há muito não viam, dentre várias outras utilidades. As empresas descobriram, na Internet, um excelente caminho para melhorar seus lucros, disparando, com isso, o comércio *on line* (*e-commerce*), transformando a Internet em verdadeiros *shoppings centers* virtuais.

No Brasil, no ano de 1987, aconteceu na Universidade de São Paulo (USP) uma reunião que incluía representantes de instituições de pesquisa e órgãos de fomento, representantes do governo e da Embratel para discutir o estabelecimento de uma rede nacional para fins acadêmicos e de pesquisa, com acesso a redes internacionais. Dois anos depois, o Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC) do CNPq, a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) já estavam conectados com universidades internacionais. Em 1991 as conexões de Internet são estendidas a um número pequeno de instituições nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. No ano seguinte, no estado de São Paulo, a FAPESP cria a rede ANSP (Academic Network at São Paulo), interligando a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), a Universidade Estadual Paulista (UNESP) e o Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo (IPT). E outras redes regionais foram desenvolvidas chegando a estados como Pernambuco, Nordeste do país e, no Distrito Federal.

Em meados de 1994, já estavam conectados a Internet cerca de 30.000 usuários (educadores e pesquisadores em sua maioria), dispersos por mais de 400 instituições no país, boa parte delas universidades, centros de pesquisa e órgãos do governo. Um ano depois, é criado o Comitê Gestor da Internet no Brasil com o objetivo de traçar os rumos da implantação, administração e uso da Internet no país. Participaram do Comitê Gestor membros do Ministério das Comunicações e do Ministério da Ciência e Tecnologia, representantes de provedores e prestadores de serviços ligados à Internet e representantes de usuários e da comunidade acadêmica. O Comitê Gestor teve ainda como atribuições principais: fomentar o desenvolvimento de serviços da Internet no Brasil, recomendar padrões e procedimentos técnicos e operacionais, além de coletar, organizar e disseminar informações sobre os serviços da Internet⁹.

Nesse mesmo período, é exibida a novela "Explode Coração", escrita por Glória Perez e transmitida pela Rede Globo, trazendo à tona o assunto "Internet" (ainda pouco conhecido do grande público) para a televisão e, conseqüentemente, para a casa de milhões de brasileiros. A Internet servia de pano de fundo para uma trama que envolvia romance e uma organização criminosa.

⁹ Informações retiradas do site: < [http://www. internetnobrasil.net](http://www.internetnobrasil.net)>.

A importância da Internet já era evidente no ano de 1995. Não só por ser uma forma revolucionária de comunicação e acesso à informação, mas também pelo fato de o mercado de acesso ser bastante promissor do ponto de vista comercial.

Contudo, o grande "*boom*" da rede no Brasil aconteceu ao longo do ano de 1996. Um pouco pela melhoria nos serviços prestados pela Embratel, mas principalmente pelo crescimento natural do mercado, a Internet brasileira cresceu vertiginosamente, tanto em número de usuários quanto de provedores e de serviços prestados através da rede. Em dezembro desse ano, o cantor Gilberto Gil faz o lançamento de sua música "Pela Internet" usando a própria rede. Ele cantou uma versão acústica da música ao vivo e conversou com internautas sobre sua relação com a Internet.

O ano de 1997 veio consolidar a Internet brasileira. Novas revistas sobre o assunto foram lançadas, os provedores chegaram a diversas centenas, o conteúdo em língua portuguesa na rede tornou-se significativo. Empresas, bancos, universidades e até o governo fizeram questão de marcar presença na rede permitindo, pela primeira vez, que o Imposto de Renda fosse entregue via Internet.

Em virtude da popularização da Internet, foi lançada a campanha "Internautas Contra Fome", destinada a arrecadar alimentos contra a seca que atingiu o Nordeste. E nesse mesmo período, também em função do vasto alcance, circulou por todo o país uma mensagem intitulada "Denúncia Gravíssima", que acusa a seleção brasileira de ter vendido a Copa do Mundo para a FIFA. É o primeiro grande boato (*hoax*), brasileiro, na rede.

Em agosto de 1998, os jornais, Folha de São Paulo e Datafolha estimam o número de internautas brasileiros em dois milhões. Com esse número, o Brasil fica em oitavo lugar no *ranking* de países com maior número de pessoas conectadas, atrás apenas de EUA, Japão, Canadá, Grã-Bretanha, Alemanha, Austrália e Suécia. Ainda segundo a pesquisa, o volume de dinheiro movimentado pelos negócios que envolvem a Internet no país é de dois bilhões por ano. A pesquisa revelou, também, o perfil médio do internauta brasileiro: adulto (jovem), com renda familiar e escolaridade altas e morador de um dos estados da região Sudeste.

Ainda em 1998, o Tribunal Superior Eleitoral, em parceria com 11 *sites* de notícias brasileiros, divulga, na Internet, os resultados da apuração das eleições de 1998, em tempo real. Os *sites* têm recorde de acessos.

Nesse mesmo ano, 1998, foram divulgados os resultados da terceira edição da Pesquisa Cadê?/Ibope sobre o perfil do internauta brasileiro. A pesquisa consultou 50 mil pessoas, em todo o país, entre agosto e setembro. Entre as conclusões mais importantes

destaca-se o aumento do número de mulheres que estão conectadas à Internet (correspondem a 29% do total de internautas, enquanto em novembro de 1996, a porcentagem era de 17%).

De acordo com a pesquisa, o grau de escolaridade deixa claro que a Internet continua a atrair o segmento mais qualificado da população brasileira, já que 35% têm nível superior, 8% têm pós-graduação e 42% concluíram ou estão cursando o ensino médio. Sobre o comportamento e interesse dos internautas brasileiros, a pesquisa constatou que assuntos relacionados à própria Internet, aos lançamentos de informática e também notícias são os três assuntos que mais atraem usuários. A pesquisa revelou ainda, que 51% dos internautas brasileiros utilizam serviços de *home banking* e 58% entregaram suas declarações de renda pela rede. Além disso, 60% disseram que a Internet mudou seus hábitos; desses, 28% reduziram o tempo diante da TV e 12% estão dormindo menos¹⁰.

O número de internautas brasileiros cresceu 130% em 1998, chegando a 2,7 milhões de pessoas. O estudo é do instituto de pesquisa IDC, que prevê uma população de usuários da *Web* 133% maior até 2003, com mais de nove milhões de internautas, no Brasil. Desde 1995, quando a Internet comercial chegou ao Brasil, o número de usuários aumentou em mais de 100%.

Dois anos depois de autorizar a entrega de Imposto de Renda, via Internet, a Secretaria da Receita Federal informa ter recebido mais de seis milhões de declarações - o meio mais utilizado pelos contribuintes brasileiros para enviar suas declarações de Imposto de Renda. De acordo com a Receita, 6.009.110 declarações foram enviadas pela Internet, além das simplificadas *online*, que somaram 67.496. Em disquete, foram computadas 575.630 declarações e 67.540 contribuintes preferiram usar o telefone.

No ano 2000 vários jornais migraram definitivamente para a Internet, lançando seus portais de notícias. O jornal Estadão, o mais antigo dos jornais em circulação no estado de São Paulo, lança em março de 2000, o portal www.estadao.com.br, com informativo em tempo real; convergindo para o portal, os *sites* da “Agência Estado”, do “Estado de São Paulo” e do “Jornal da Tarde”.

A base de computadores instalada no Brasil atinge 40 milhões, em 2007, de acordo com pesquisa da Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas. O número, que inclui computadores em empresas e residências, representa um crescimento de 25% sobre a base registrada no mesmo período do ano anterior.

¹⁰ Dados retirados do site: < [http://www. internetnobrasil.net](http://www.internetnobrasil.net)>.

Segundo o *site* de comunicação *AdNews*, no mês de julho de 2009, 36,4 milhões de pessoas usaram a Internet no trabalho ou em residências; o que significa um crescimento de 10% sobre os 33,2 milhões registrados no mês de junho.

Em tempo de navegação por pessoa, as categorias que mais cresceram foram Entretenimento, com 13,3%, Buscadores, Portais e Comunidades, com 10,8%, e Telecomunicações e Serviços de Internet, com 9,5%. “Sites de redes sociais, de comunicação e de entretenimento foram os que mais contribuíram para o crescimento do tempo médio de uso do internauta brasileiro no mês de julho”- informou José Calazans, analista de Mídia do IBOPE Nielsen Online. “A subcategoria com maior tempo médio, Mensagens Instantâneas, chegou a 7 horas e 49 minutos por pessoa, ao crescer 8% em julho, seguida por Comunidades, em que se classificam as redes sociais, que chegou a 4 horas e 57 minutos por pessoa, com crescimento de 15% no mês”- disse Calazans.

Entre os dez países onde é realizada a pesquisa, o Brasil continua com o maior tempo por usuário, tanto na navegação em páginas quanto no tempo total, incluindo programas *online*.

Atualmente, a Internet proporciona aos seus usuários comunicação a baixo custo, tendo em vista que existem provedores gratuitos, e acesso a fontes inesgotáveis de informações. Ela (Internet) interconecta pessoas para os mais variados fins e, tem contribuído para ampliar e democratizar o acesso à informação, eliminando barreiras como distância, culturas, fuso horário etc. Com isso, emergem gêneros de conhecimento inusitados, critérios de avaliação inéditos, novos atores na produção e tratamento do conhecimento.

Contudo, é importante ressaltar que, em alguns momentos, o mais difícil não é a informação, tendo em vista a facilidade com que a obtemos hoje, mas sim, a comunicação. A Internet, mesmo com todas as suas vantagens quanto à transmissão, democratização e velocidade de difusão/programação das informações, não passa de um sistema informático automatizado¹¹. A informação é sempre um segmento, e somente a comunicação, com suas prodigiosas ambiguidades, lhe fazem emergir um sentido.

Para Davenport (2001), o conhecimento é uma informação valiosa da mente humana, que resiste ao gerenciamento, reconhecendo que a informação diferencia-se do conhecimento porque o indivíduo tende a referi-lo a um contexto, um significado, uma interpretação, uma reflexão, e lhe agrega um saber pessoal.

¹¹ É importante esclarecer que, na intenção de não perdermos o foco da pesquisa, optamos por não discutir sobre a violência (preconceito, calúnia, exclusão, entre outras tantas formas...) existente na Internet, apesar de considerarmos a relevância do assunto.

Quando recebemos ou buscamos informação, organizamos os dados dentro de uma lógica, de um código, de uma estrutura determinada. Conhecer é integrar a informação ao nosso referencial, ao nosso paradigma, apropriando-a, tornando-a significativa para nós. O conhecimento não se passa, o conhecimento se cria, constrói-se.

Mesmo concordando com as distinções coexistentes entre os termos informação e conhecimento, consideramos conveniente ressaltar a complexidade que envolve as relações entre eles, posto que todo *conhecimento* é constituído por um conjunto de *informações* que foram, de algum modo, submetidas à ação cognoscente de um sujeito intencional que as selecionou, organizou, articulou, contextualizou e significou. Contudo, a informação, tomada de maneira isolada, não implica por si mesma, em conhecimento, considerando-se a ausência dessa ação cognoscente por parte de um sujeito alienado. Vemos como as noções referentes a esses dois termos ora se distinguem, ora se confundem. Se uma informação resulta da seleção, organização e processamento de um conjunto de dados, e estas operações foram realizadas por um sujeito, ela (a informação) constituiu-se como conhecimento para quem a elaborou, entretanto, continua, inicialmente, sendo apenas informação para os sujeitos que a receberão. Notemos que, quando o processo de comunicação ocorre entre pessoas, a linha que separa a informação do conhecimento é bastante tênue e depende do fator tempo e da ação cognoscente dos sujeitos envolvidos (BEZERRA, 2006).

Diante disso, faz-se importante valorizar o receptor, ou seja, o usuário final, cujas expectativas e aderência àquilo que é proposto jamais se está certo. É preciso, de resto, lembrar a existência da desigualdade de conhecimentos, de competências, e também de interesses. Para alguns, a Internet é uma nova fronteira; para outros, um simples instrumento; para outros, uma obrigação de comunicação suplementar; e para outros ainda, algo fora de alcance.

Com o surgimento da Internet, a distância geográfica, hoje, não é mais considerada um problema, como já foi exposto. A distância que continua sendo uma dificuldade é a econômica (ricos e pobres), a cultural (acesso efetivo a uma educação continuada), a ideológica (diferentes formas de pensar e sentir) e a tecnológica (acesso, ou não, às tecnologias da comunicação). Uma das expressões claras de democratização digital se manifesta na possibilidade de acesso à Internet e em conhecer o instrumental teórico para explorar as suas potencialidades.

A Internet nos oferece vários tipos de serviços que facilitam a nossa comunicação. Dentre eles, temos não só os correios eletrônicos, mas também, serviços como FTP, *Chat*, Fóruns, Listas de Discussões e *Weblog*, foco principal deste trabalho.

FTP (*file transfer protocol*) é um serviço que possibilita o envio (*upload*) e o recebimento (*download*) de arquivos pela Internet. Por meio do FTP é possível copiar arquivos disponibilizados na Internet. Com a grande evolução dos *browsers*, na maioria das vezes, a captura de arquivos já é possível de ser realizada da própria WWW, bastando que o usuário clique sobre o arquivo e, em seguida, informe em qual diretório, do computador que está usando, ficará armazenado o arquivo a ser recebido (TAJRA, 2001).

O *Chat* (Bate-papo) é uma das maneiras de efetuar comunicação. Ocorre de forma instantânea entre o emissor e o receptor; portanto, é necessário que no momento de utilização desse serviço, as pessoas interessadas em se comunicar estejam, simultaneamente, conectadas à Internet e que estejam “na mesma sala de *chat*”.

O Correio Eletrônico é o serviço mais utilizado na Internet. Ele funciona semelhante a um correio convencional. Assim que o emissor envia a correspondência, quase que imediatamente, o receptor poderá recebê-la independente do dia, da hora e do lugar. A mensagem será recebida mesmo que o computador do emissor esteja desligado. E essa mensagem pode ser aberta e lida, pelo receptor, de qualquer computador que esteja conectado à Internet.

A Lista de Discussão funciona semelhante ao correio eletrônico, podendo ser montada por pessoas, empresas ou entidades que tenham interesse em agrupar indivíduos com os mesmos objetivos/interesses sobre determinado assunto.

O *Weblog* é uma página na *web* cuja estrutura permite a atualização rápida e fácil através de textos, que chamamos de *post*. Esses textos são organizados de forma cronológica inversa, podendo ser escrito por um número variável de pessoas. No entanto, o *blog*, como também pode ser chamado, não contém apenas textos; pode ser composto, também, por imagens, sons e *links* para outros endereços da *web*. Podem versar sobre um assunto específico ou conter apenas informações pessoais, como uma espécie de diário *online*. Iremos expor a seguir informações mais detalhadas sobre o *blog*.

Com o uso da Internet, a educação presencial pode modificar-se, significativamente. As paredes da sala de aula se abrem, as pessoas se intercomunicam, trocam informações, experiências e pesquisas. A educação continuada é otimizada pela possibilidade de integração de várias mídias, tanto em tempo real como assincronamente, isto é, no horário favorável a cada indivíduo, e também pela possibilidade de por em contato educadores e educandos.

Nas discussões realizadas nessa seção, tentamos apresentar um panorama histórico da Internet, destacando seu uso em vários segmentos da sociedade: o tecnológico, o comercial, o cultural, o educacional, o entretenimento, dentre outros. A seguir, trataremos,

mais atentamente, da sua inserção no ensino, com o objetivo de promover uma compreensão mais ampla sobre esse assunto.

3.2. INTERNET NA EDUCAÇÃO

Na Internet encontramos vários tipos de aplicações educacionais. Dentre elas, podemos citar: divulgações/publicações, que podem ser institucionais, ou seja, a escola mostra o que faz, ou particulares, em que grupos de professores ou alunos criam suas *homepages* pessoais contendo suas produções mais significativas; temos aplicação de pesquisa, que pode ser individual ou em grupo, ao vivo (durante a aula) ou fora do horário de aula; aplicação de atividades de apoio ao ensino, em que reunimos textos, imagens e sons, utilizando-os como um elemento a mais, juntamente com livros, vídeos e revistas. Podemos ainda encontrar aplicabilidade educacional na comunicação que pode ocorrer entre professores e alunos, professores e professores e entre alunos da mesma ou de outras cidades ou países. A comunicação se dá entre pessoas conhecidas ou não, próximas ou distantes, esporádica ou sistematicamente.

Navegar, descobrir endereços novos, divulgar suas descobertas, comunicar-se com outros colegas são possibilidades que podem servir de atrativo para estudantes. Mas, o aluno pode se perder entre tantas possibilidades de conexões, tendo dificuldade em decidir o que é, realmente, significativo, em fazer relações, em questionar afirmações problemáticas, em filtrar as informações selecionando o que deve ou não ser lido. Seria esse o espaço propício à atuação do professor: ser interlocutor nesse processo de construção de conhecimento, “garimpando” o essencial, orientando e traduzindo os dados técnicos em linguagem acessível e contextualizada; promover o confronto das informações localizadas, verificar sua validade, procurando sempre estimular o senso crítico do aluno, através do diálogo.

O professor, ao usar a Internet, pode ter a sua disposição a possibilidade de elaborar um processo de ensino e aprendizagem de forma mais aberta, flexível, inovadora e contínua. Contudo, a Internet é ilimitada. A cada momento são inseridas, excluídas e alteradas as suas páginas. Com isso, nos deparamos com inúmeras possibilidades, desafios e incertezas nesse processo. Então surge uma questão: como aprender usando uma tecnologia que se modifica tão rapidamente? Como ensinar utilizando uma tecnologia que a cada dia se torna mais sofisticada e desafiadora?

De certo que a Internet auxilia na troca de experiências, no esclarecimento de dúvidas, na busca e seleção de materiais e em trocas pessoais. Pode ajudar o professor a preparar melhor a sua aula, a ampliar as formas de lecionar, a modificar o processo de avaliação e de comunicação. Porém, não deve ser vista como uma solução mágica.

Acreditamos que, como qualquer outro tipo de inovação, esta também apresenta limitações, por exemplo, quanto à continuidade do uso de ambientes virtuais de aprendizagem – necessita manter-se uma relação dinâmica e motivadora ao longo de todo o processo de ensino. E ainda, é importante destacar que, por mais promissoras que possam ser as TIC's, seu emprego está sujeito à restrições de ordem cultural, econômica e social, variando de uma realidade à outra; contexto que precisa ser levado em consideração. Segundo José Manuel Moran a questão fundamental não é a tecnologia. Estas podem nos ajudar, mas, fundamentalmente, educar é aprender a gerenciar um conjunto de informações e torná-las algo significativo para cada um de nós, isto é, o conhecimento. Hoje, temos inúmeras informações e um conhecimento bem menor, porque estas nos escapam, estas informações estão soltas e muitas vezes não sabemos como organizá-las (MORAN, 2001).

Além de gerenciar a informação, é importante também, aprender a gerenciar sentimentos, afetos, discordâncias, e toda uma gama de sensações. Educar se torna, então, um processo complexo porque não se ensina apenas ideias, mas também se ensina a lidar com nossas sensações e emoções que nos ajudam a nos equilibrarmos e a vivermos com mais confiança.

Poderíamos listar, de forma extensa, os muitos aspectos que a Internet possibilita quando usada como auxílio no processo educacional. Entretanto, optamos por citar alguns tópicos:

- Os ambientes virtuais possibilitam o processo do *aprender a aprender*, por estar num ambiente com uma fonte inesgotável de informação;
- Estimula a criatividade, a pesquisa e a troca de experiências;
- Proporciona a investigação e a curiosidade;
- Promove uma nova forma de aprender que extrapola as barreiras físicas da sala de aula;
- Permite a instauração de um ambiente educacional que contempla os paradigmas do construtivismo (conhecimento em constante mutação – ser inacabado), interacionista (sujeito/objeto – sujeito/sujeito modificam-se entre

si), sócio-cultural (relações do ser com o seu meio social) e transcendente (ultrapassando os limites do tempo e espaço).

Muitos são os recursos que a Internet nos oferece. Entretanto, destacaremos um deles, que tem crescido de modo exponencial nos últimos anos: o *blog*. No Brasil, o assunto começa a interessar à Academia; a saber, dissertações e outros trabalhos sobre o assunto vêm causando muitas surpresas, principalmente por trazerem a possibilidade de novos modos de pensar o uso dessa tecnologia na educação, sendo um possível viabilizador da construção de um *hipertexto*¹² coletivo a partir da cooperação para o conhecimento. O intenso crescimento desse ambiente midiático ampliou e diversificou o seu campo de atuação. Professores e alunos, já veem nos *blogs* uma alternativa para comunicação na educação e um excelente meio para oferecer uma formação descentralizada.

Consideramos fundamental para nossas discussões, a compreensão desse ambiente midiático (*blog*), abordando dados acerca da sua história, conceito e utilização em processos educativos.

¹² Em computação, hipertexto é um sistema para a visualização de informação cujos documentos contêm referências internas para outros documentos (chamados de *hyperlinks* ou, simplesmente, *links*). O termo hipertexto foi criado no início os anos 1960 por Theodore Nelson, para exprimir a ideia de escrita/ leitura não linear, em um sistema de informática. Tecnicamente, um hipertexto é um conjunto de dados ligados entre si por conexão, que podem ser palavras, imagens, gráficos seqüências sonoras etc. Disponível em <<http://pt.shvoong.com/internet-and-technologies/1794880-que-%C3%A9-hipertexto/>>. Acesso em: 19 abril 2009>.

4 BLOG: CONCEITO E ORIGEM

Neste capítulo iremos discorrer sobre um ambiente midiático inserido na Internet: o *weblog* – seu conceito, origem e categorização; sua utilização na educação; e, apresentaremos semelhanças entre o *blog*, usado hoje em sala de aula, e o “Livro da Vida”, usado nas primeiras décadas do século passado. Utilizamos estudos realizados pelo grupo da Combase (Base de Estudos e Pesquisas em Meios de Comunicação e Educação), por Suzana Gutierrez, Alex Primo, Célestin Freinet, Elise Freinet, Alan Hancock, Marisa Del Cioppo Elias, Sanmyan Feitosa Tjara, Paulo Freire, Sérgio Guimarães, Nelson Pretto, dentre outros.

A expressão *Weblog* foi cunhada em dezembro de 1997 pelo norte americano Jorn Barger. *Blog*, como também é chamado, é um tipo de publicação *online* que teve sua origem no hábito de *logar* (entrar, conectar ou gravar) à *web*, fazer anotações, transcrever, comentar os caminhos percorridos pelos espaços virtuais. Por isso mesmo, os *weblogs* são denominados como “diários virtuais” onde as pessoas escrevem sobre diversos assuntos de interesse pessoal, onde são expressas ideias e sentimentos do autor ou profissional.

Logar é um termo/verbo bastante usado na Internet. Significa entrar, conectar, ou ainda, gravar. *Logamos* quando preenchemos nosso nome de usuário e senha para nos conectarmos à Internet ou, se já estivermos conectados, fazemos esse procedimento para acessar algum *site* de uso restrito. *Logamos* quando gravamos um texto de um *chat* ou as etapas de instalação de um aplicativo.

David Winer mantém um dos *weblogs* mais antigos da *web*, o *Scripting News*, criando em 1996, parte do *site* chamado *24 Hour Democracy*, onde publica notícias, comentários e discussões sobre a WWW, sobre aplicativos e sobre programação. Na opinião de Winer (2001), o primeiro *weblog* foi criado por Tim Berners-Lee, um físico do CERN (na Suíça), em 1990¹³ (GUTIERREZ, 2004).

Os primeiros *blogs* eram um agregado de *links* e comentários *postados* segundo os interesses dos seus editores. Rob Malda, do popular *Weblog Slashdot*, caracteriza bem o espírito desses pioneiros: “O Slashdot teve grande sucesso porque eu era a minha própria audiência. Eu não estava tentando fazer uma página para os outros, eu estava criando a página que eu queria ler” (traduzido por GUTIERREZ, 2004).

¹³ Essa informação pode aparecer diferente em outros trabalhos científicos. Contudo, como usamos a pesquisa da professora Susana Gutierrez como parte da fundamentação teórica deste estudo, optamos por atribuir essa data ao primeiro *blog* criado na Internet.

Em 1999 foram criados os primeiros serviços de *weblog*, como o *Blogger*, do Pyra Lab (hoje do Google), e o *EdithThisPage* (hoje Manila), da Userland. Esses sistemas gratuitos ou de baixo custo, facilitaram a disseminação da prática do *blog*, por dispensarem conhecimentos técnicos especializados. Segundo Steven Lévy (apud GUTIERREZ, 2004), em meados do ano 2002, a quantidade de *blogs* foi estimada em meio milhão. Em junho de 2003, a Blogcount, *blog* que monitora a *blogsfera*¹⁴, calculou em mais de um milhão e meio o número de *blogs* no mundo, isto é, o triplo em relação ao ano anterior. Em maio de 2004, a mesma Blogcount divulgou uma estimativa que prevê 10 milhões de *blogs* publicados até o final de 2004. Segundo o *site* Technorati, a *web* já conta com 188,9 milhões de *blogs*, até maio de 2008. Esse intenso crescimento ampliou e diversificou o campo de atuação dos *blogs*, que passaram a ser usados com vários propósitos diversos do original (GUTIERREZ, 2004).

Os *blogs*, em seu aspecto estrutural de publicação, se apresentam na forma de uma página *web*, atualizada frequentemente, composta por pequenos parágrafos apresentados de forma cronológica, como uma página de notícias ou um jornal, que segue uma linha de tempo com um fato após o outro. Os textos escritos nos *blogs* são chamados de *posts*, que podem ser escritos (*postados*) apenas pelo autor do *blog* ou, por uma lista de membros que ele convida e autoriza a postar mensagens. Esses textos, geralmente, são acompanhados de data e horário de *postagem* e, de um *link* para acesso direto e permanente para aquele texto específico, possibilitando discussão e troca de ideias através dos comentários, que podem ser lidos e escritos por qualquer pessoa.

Todas as configurações de um *blog* são abertas a alterações do autor e de todos que ele autorizar. Pode-se modificar o nome, o endereço, a descrição, a forma de publicação, a periodicidade dos arquivos, a aparência visual da página, seu formato, cores, imagens etc. A possibilidade de personalizar o ambiente (*blogger*) provoca nos *blogueiros*/usuários o interesse na construção de conhecimentos, tornando-os organizadores de seus próprios espaços. Essas diversas possibilidades de modificação revelam aspectos da identidade dos indivíduos.

As páginas textuais dos *blogs* podem ser acompanhadas de imagens e sons de maneira dinâmica e fácil, permitindo, com isso, que usuários sem muita familiaridade com essa tecnologia participem das “comunidades virtuais”¹⁵. Quanto à funcionalidade, o *blog*

¹⁴ Termo coletivo que compreende todos os *blogs* como uma comunidade ou rede social.

¹⁵ Embora se utilize, neste trabalho, com muita frequência, o termo “comunidade virtual”, não vemos diferença de uma comunidade real, nem vemos muita razão para a diferenciação. O maravilhoso é que podemos formar comunidades apesar das distâncias e da “diacronicidade” da relação. Essa é a nova sociabilidade que através das TIC’s, ampliamos enormemente.

diferencia-se de outros ambientes virtuais como *chat*, fórum, listas de discussão, entre outros, pela facilidade com que podem ser criados, editados e publicados, pois não exige conhecimentos técnicos especializados, como já foi dito, e pelas possibilidades de interação, acesso e atualização das informações. Podem ser utilizados como um laboratório de escrita virtual em que todos os membros possam agir, interagir, trocar experiências sobre assuntos de mesmo interesse, gerando ambientes colaborativos.

Dadas a quantidade e as variedades dos *blogs* existentes na *blogosfera*, é importante que se busque uma classificação (categorização) para um melhor entendimento e sistematização do fenômeno. Geralmente, os *blogs* apresentam duas formas variantes: *blogs* individuais e *blogs* coletivos. No primeiro, o controle e a autonomia dos *posts* pertencem apenas a um autor/criador desse ambiente midiático. Esse é o tipo de *blog* mais comum na rede. O segundo, *blogs* coletivos, mais de uma pessoa pode fazer *postagens*; o que permite uma múltipla manutenção do *blog*.

À medida que mais *blogs* vão sendo criados e publicados/disponibilizados na rede, novas tentativas de classificação vão surgindo. Porém, ainda não existe um consenso, entre os pesquisadores da área sobre essa classificação, a não ser de que nenhuma delas é estanque ou absoluta, sendo, portanto, passíveis de constantes revisões em função das rápidas transformações às quais a *blogosfera* está sujeita.

Contudo, pesquisando sobre o assunto, encontramos um artigo do professor Alex Primo, publicado no Intercom 2008, em Natal. Ele categoriza os *blogs* em quatro tipos e, em 16 gêneros que pensamos ser pertinente incluirmos no *corpus* deste trabalho na intenção de acrescentar informações sobre o assunto. Segundo Primo (2008), essa distinção partiu da observação das condições de produção como número de redatores (e suas relações) e o impacto de condicionamentos profissionais, além do estilo dos textos (reflexivos ou simplesmente informativos). É importante ressaltar que essa classificação foi feita “*a posteriori*”, ou seja, depois do surgimento dos *blogs*. O seu mérito consiste em nos mostrar, apenas, como ele (o *blog*) pode ser usado de diversas formas, por diversos usuários e para diversos fins. Não sugere um controle ou uma delimitação de uso, mas sim, a flexibilidade do *blog* em um espaço tão curto de tempo (menos de uma década). Ao se construir um *blog* não se está subscrevendo um compromisso com esse ou aquele estilo literário.

Os quatro tipos de *blogs* são: *Blog profissional*, *Blog pessoal*, *Blog grupal* e *Blog organizacional*. E cada um deles se subdivide em quatro gêneros: *auto-reflexivo*, *informativo interno*, *informativo e reflexivo*¹⁶.

Blog profissional – esse *blog* individual é escrito por uma pessoa com especialização em determinada área, na qual atua profissionalmente, cujo impacto pode ser identificado nos *posts*. Não importa aqui se esse profissional possui educação formal em sua área de atuação.

Primo (2008) traz como exemplo o *blog* do Juca Kfouri, 58 anos, 38 de profissão, formado em Ciências Sociais pela USP, notabilizam-se como um dos maiores comentaristas esportivos do país. Esse *blogueiro* não tem diploma de jornalista, nem tampouco foi jogador ou técnico de futebol. Contudo, é considerado um especialista na análise desse esporte.



Figura 2 - Página do *Blog* do Juca Kfouri. Fonte: Disponível em: <<http://blogdojuca.blog.uol.com.br/>>. Acesso em: 16 abr. 2009.

Um *blog* que seja mantido com o fim primeiro de buscar rendimentos através da veiculação de propaganda também é considerado por esse autor como *blog* profissional. O autor desse tipo de *blog* é chamado, no jargão da *blogosfera*, de *problogger*.

Blog pessoal - trata-se de uma produção individual, mas que se diferencia dos *blogs* profissionais, por não ser guiada por objetivos e estratégias bem definidas e em consonância com o trabalho do autor. Ao contrário disso, as motivações principais que movem o *blogueiro* são o prazer de expressar-se e interagir com os outros. Um bom exemplo é o *blog* de Beatriz

¹⁶ Para não estendermos muito nosso texto, suprimimos as definições dos 16 gêneros.

Kunze, cirurgiã-dentista e consultora em tecnologia móvel. Nesse *blog*, Beatriz mostra seu dia-a-dia *wireless*, além de ensinar dicas e comentar as novidades do mundo sem fio.



Figura 3 - Página do *Blog Garota Sem Fio*. Fonte: Disponível em: <<http://www.odontopalm.com.br/gsf/>>. Acesso em: 21 set. 2009.

Blog grupal – são *blogs* produzidos por pelo menos duas pessoas. O foco é voltado para um tema de interesse comum ao grupo. Os *posts* tanto podem ser escritos de forma individual, onde cada participante escreve seu texto separadamente, quanto assinado por todo grupo. O consenso, contudo, não é obrigatório nesse tipo de *blog*, ou seja, os *posts* podem se contradizer entre si. Neste caso, o *blog* é apresentado como um registro das opiniões individuais de cada membro do grupo. Trazemos como exemplo, mais adiante, os *blogs* que construímos para esta pesquisa.

Blog organizacional – são, também, *blogs* coletivos, mas apresentam restrições que se impõe à criação de *posts* e a interação com as audiências. Esses *blogueiros* têm um cuidado especial com seus textos por saberem que irão assiná-los como membros de uma organização; ou seja, tudo que for escrito não será tomado como a postura de alguém em particular, mas como fala da organização. Problemas que decorram dessa produção podem comprometer não apenas a imagem da organização, mas também de todos os seus membros.

A ação de cada participante nos *blogs* deste gênero não é ajustada em torno de desejos individuais, mas em virtudes de estratégias definidas para sucesso da organização. Diferentemente dos *blogs* grupais, em que o prazer de *blogar* pode ser a própria justificativa

para tanto, em *blogs* organizacionais o alcance de objetivos é o que direciona todos os esforços, sendo as atividades prazerosas ou não.

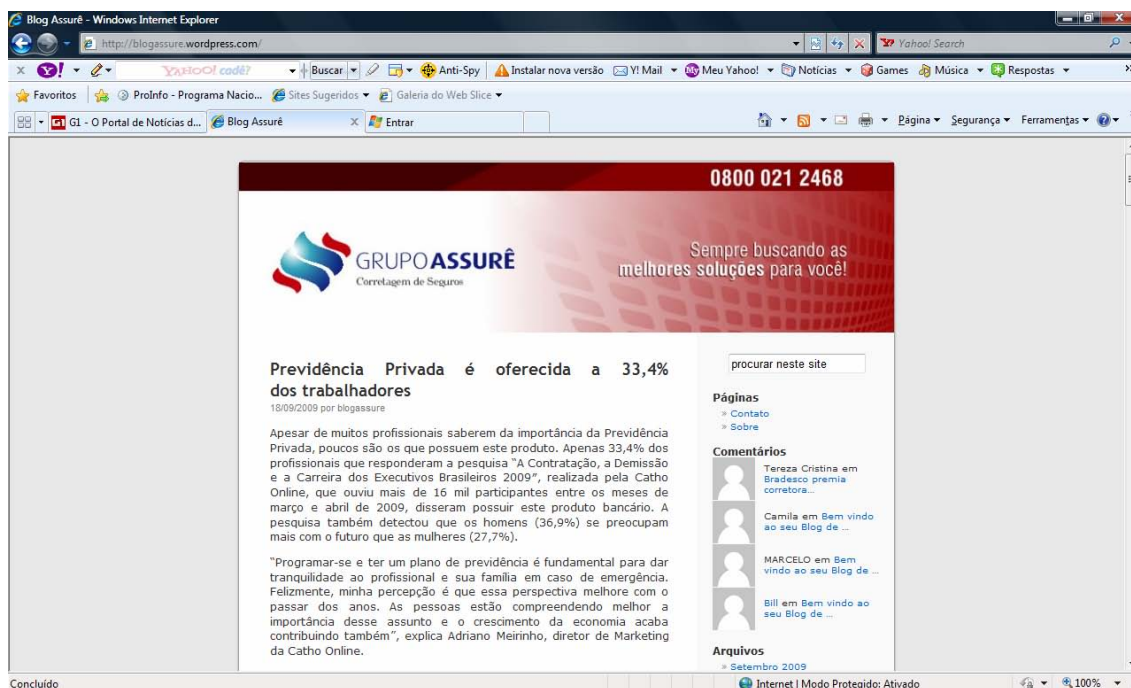


Figura 4 - Página do *Blog* do GRUPOASSURÊ. Fonte: Disponível em: <<http://blogassure.wordpress.com/>> Acesso em: 21 set. 2009.

Esse *blog* é mantido por uma equipe que faz parte do GRUPOASSURÊ – corretagem de seguros. Os *posts* não têm uma assinatura individual e seu objetivo principal é o sucesso da organização. Nesse *blog*, encontramos informações sobre a empresa, prêmios recebidos, futuros investimentos e parcerias, relato de entrevistas concedidas por seus membros, enfim, assuntos de interesse da organização.

Ao tomar por base essa categorização pensada pelo autor Alex Primo, os *blogs* construídos para esta pesquisa se identificam com dois tipos de gêneros: o *grupar reflexivo* e o *grupar autoinformativo*. Reflexivo por ter sido mantido por um grupo que desejava discutir, entre si, sobre atividades relacionadas com a disciplina Ensino da Geografia I, e autoinformativo por ter sido usado, também, para o simples relato das atividades de um determinado grupo. No caso desse trabalho os grupos foram formados por duas turmas de alunos que cursavam Pedagogia na UFRN.

Blogs construídos para esta pesquisa:



Figura 5 – *Blog da Turma de Pedagogia do 6º. Período de 2007.2.* Fonte: Disponível em: <<http://ensino.educ.zip.net/>>. Acesso em: 15 mar. 2009.



Figura 6 – *Blog da Turma de Pedagogia do 6º. Período de 2008.1.* Fonte: Disponível em: <<http://geocritica06.zip.net/>>. Acesso em: 15 mar. 2009.

Como já foi mencionado anteriormente, diferente do ambiente de edição, esta página pode ser visualizada por todos que souberem seu endereço, como qualquer página da *web*.

O provedor escolhido para armazenamento dos *blogs* usados nessa pesquisa (*Ensino.educ* e *Reinventando a Geografia*) foi o Uol *blog* <<http://blog.uol.com.br/>>. A escolha se deu pela gratuidade e facilidade desse serviço, sendo considerado um fator

decisivo. Apesar de existirem outros provedores disponíveis na Internet com a mesma gratuidade, a Uol apresentou, no nosso ponto de vista, maiores facilidades para a construção de um *blog*.

Os *weblogs*, na sua forma original se caracterizam por:

- Serem páginas editadas por uma só pessoa e, eventualmente, por convidados;
- Possuírem estrutura *hipertextual*, permeada de *links*;

27/11/2007

Síntese do Grupo 1

Livro Didático

Lucas Correia , Lara Alves, Renata Duarte, Tatiana Albuquerque, Iza da Silva, Paula de Lima, Roberta Sousa, Ruth Nogueira, Karina Cruz, Melissa Lopes, Iara Sousa, Aline Melo

O trabalho objetiva mostrar como funciona o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD - <http://portal.mec.gov.br/seb/index.php?option=content&task=view&id=370>) no Brasil, que é o mais antigo dos programas voltados à distribuição de obras didáticas aos estudantes da rede pública do ensino fundamental, compartilhando a responsabilidade pela compra e distribuição dos livros com o Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação (FNDE - http://www.fnde.gov.br/home/index.jsp?arquivo=missao_objetivos.html), que direciona os livros aos Estados, ao Distrito Federal, aos Municípios e organizações não-governamentais.

Após uma primeira etapa de seleção, é criado o Guia do Livro Didático (http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/pnld2007_apresentacao.pdf), onde encontram-se as resenhas das coleções e dos livros, que foram selecionados por cumprirem os critérios de qualificação e eliminatórios exigidos pelo Guia do PNLD, para o professor poder escolher o melhor para a sua docência.

Para análise, escolhemos para o Ensino da Geografia nas séries iniciais a "Coleção Vivência e Construção", que tem como autores José William Vesentini (<http://www.geocritica.com.br>), Dora Martins e Marlene Pécora. Segundo a avaliação feita pelo Guia 2007 (http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/pnld2007_geo.pdf), a coleção foi selecionada para o programa por atender a todos os critérios de qualificação e eliminatórios; Porém, em nossa análise, não qualificamos a coleção frente ao tópico “Mapas e ilustrações devem conter título, fonte, data de elaboração, orientação e escala”, pois nem todas as fotos apresentam datas e/ou referências.

Frente ao exposto, vimos ser de fundamental importância uma política séria para a seleção de bons Livros Didáticos e distribuição pelas escolas de todo o Brasil; Assim como, uma fiscalização dentro deste mercado financeiro que só faz crescer o número de Livros Didáticos, muitos dos quais não obedecem aos requisitos mínimos de qualificação, transformando o ensino-aprendizagem em uma tarefa mecanicista e decorativa.

Este é o link para os slides apresentados pelo grupo:
<http://meneghettieduc.googlepages.com/geografiai>

Pessoal, aí está nossa contribuição para o encerramento da disciplina Ensino da Geografia I.
 Desejamos a todos um BOM NATAL e um ANO NOVO de MUITAS FELICIDADES!!!

Aline Melo

Grupo

Escrito por Alunos às 18h16

[(2) Vários Comentários] [envie esta mensagem] [link]

- Utilizarem textos geralmente sucintos, em blocos padronizados;

09/05/2008

É de extrema importância que se estabeleça no contexto educacional uma discussão dos conceitos que devem ser considerados relevantes no ensino da Geografia. Nesse contexto a busca de um referencial teórico com o qual se possa articular essa área de conhecimento se mostra muito válida. No que diz respeito às concepções atuais sobre a Cartografia percebe-se como aspectos mais relevantes a relação estabelecida entre Cartografia e a Geografia enquanto metodologia de representações de fenômenos espaciais; e a conceituação da Cartografia como linguagem no desenvolvimento das habilidades operatórias no processo de formação dos conceitos geográficos. Partindo de uma perspectiva educacional que objetiva estimular o desenvolvimento da capacidade crítica do aluno, a qual é muito discutida atualmente, a proposta de se buscar uma articulação entre o ensino cartográfico para crianças com as idéias propostas Piaget surge como uma concepção extremamente interessante.

Lia de Andrade

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 11h49

[(0) Comente] [envie esta mensagem] [link]

- Possuírem acesso público e gratuito ao conteúdo da página;

- Serem relatos pessoais, partindo de pontos de vista particular;

04/04/2008
<p>Foi muito interessante a aula passada, pois <u>acho importante a experiência</u> prática do que estudamos na sala de aula. 😊</p> <p>Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 15h06</p> <p>[(0) Comente] [envie esta mensagem] [link]</p>

- Serem contextualizados e interpretados por comentários;

07/06/2008
<p>Bem pessoal, também <u>foi rica a oportunidade de participar desse blog, uma verdadeira ferramenta de aprendizagem!</u> Agradeço as professoras desse semestre do Ensino de Geografia I e aos colegas pelos momentos de aprendizagem compartilhados ao longo desse semestre! Bjus</p> <p>Rita</p> <p>Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 13h45</p> <p>[(0) Comente] [envie esta mensagem] [link]</p>

- Serem atualizados diariamente ou até mais de uma vez por dia;

04/05/2008
<p>O conhecimento cartográfico possibilita aos alunos a capacidade de representar o espaço geográfico, bem como de o aluno saber se localizar, orienta-se no espaço onde vive e interpretar as informações presentes neste espaço. Para isso, o ensino da cartografia deve partir dos referências que os alunos já possuem (conhecimentos prévios) e, também deve considerar o desenvolvimento cognitivo da criança, já que segundo Piaget a construção do espaço pela criança obedece etapas caracterizadas em estágio e subestágio. E em cada etapa o sujeito vai adquirindo noções de como se localizar no espaço e de como os objetos localizam-se nesse espaço, em outras palavras a cada estágio que a criança passa ela começa a tomar consciência do espaço em que vive (não ocorrendo de forma linear). Como Alícia falou, anteriormente, a criança adquirir essa consciência do espaço através da exploração do meio (agir) em que a rodeia.</p>

É importante ressaltar que o ensino da cartografia deve ser contextualizado com o cotidiano do aluno, além de dar oportunidades para ele se expressar e compartilhar as suas descobertas à respeito do espaço geográfico. Assim, o ensino da cartografia estará possibilitando que a criança possa se locomover de maneira autônoma no lugar onde vive. 😊

LETÍCIA BRAZ

✎ Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 20h01

[(0) Comente] [envie esta mensagem] [link]

E em seguida, no mesmo dia:

O estudo da linguagem cartográfica contribui não apenas para que os alunos venham a compreender e utilizar uma ferramenta básica da Geografia, os mapas, como também para desenvolver capacidades relativas à representação do espaço. Segundo Piaget, a criança desenvolve-se (desenvolve sua inteligência) através da ação sobre o objeto do conhecimento, é tanto que ele enfatiza a importância da ação sobre a percepção e a organização das ações para formar a representação espacial. Portanto, o professor de Geografia ao trabalhar a linguagem cartográfica deve conceber a expressão espacial na criança como um conhecimento a ser construído como qualquer outro aprendizado, considerar tanto os estágios do desenvolvimento infantil quanto as etapas da construção do espaço, as quais enfatizam a grande importância do agir do aluno, para assim planejar o ensino de modo a favorecer esse aprendizado.

Nessa perspectiva, o educador pode proporcionar a vivência das representações espaciais através de mapas, confecção de maquetes, desenhos, entre outros recursos, promovendo nos alunos o desenvolvimento de suas percepções espaciais a partir do espaço local, reconhecendo no seu cotidiano os referenciais espaciais de localização, orientação e distância de modo a deslocar-se com autonomia e representar os lugares onde vivem e relacionam-se, até chegar aos espaços globais, sempre valorizando a ação do educando, uma vez que a representação é uma ação interiorizada, pois a criança não começa a imaginar o resultado das ações, antes de as terem executado. Ou seja, a representação não substitui verdadeiramente a ação. Atuando assim, o docente proporcionará aos alunos a construção dos conhecimentos sobre a linguagem cartográfica como pessoas que representam e codificam o espaço e como leitores das informações expressas por ela.

Alicia Maria Araújo do Nascimento

✎ Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 19h18

[(0) Comente] [envie esta mensagem] [link]

- Terem as *postagens* exibidas em ordem cronológica reversa;

07/05/2008

A exemplo do que acontece com a alfabetização propriamente dita, a "alfabetização cartográfica" também começa na infância, pois se trata de uma construção. O ensino da cartografia, quando embasado na teoria piagetiana de construção do conhecimento, facilita o processo de ensino e de aprendizagem por respeitar o conhecimento já construído pelo educando e por acreditar na capacidade que o educando tem de aprofundar esse mesmo conhecimento. A cartografia é um conhecimento imprescindível, no atual contexto, para a formação da criança, pois é um instrumento de aproximação dos lugares e do mundo, estreitando laços culturais e sociais. Ajuda também no processo de localização dos sujeitos e dos objetos no espaço, e influencia diretamente as representações do espaço e a tomada de consciência do espaço pela criança.

Luana Santana Rodrigues

✎Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 11h07

[(0) Comente] [envie esta mensagem] [link]

06/05/2008

A cartografia no ensino fundamental é bastante relevante e enriquecedor para o aluno e deve ser introduzida, e despertado o interesse dos alunos desde a pré infância, cabendo a professor estimular esse interesse, partindo dos conhecimentos prévios dos alunos, partindo do seu cotidiano, noções de espaço que as crianças já têm, e aprofundando nesse conhecimento delas a medida que elas vão abstraindo.

Considero também bastante pertinente a colocação de alguns colegas a cerca de ser importante o professor considerar os estágios da criança na ótica Piagetiana.

Assim, o docente estará auxiliando seus alunos no aprendizado da geografia, história e de outras disciplinas, bem como no seu cotidiano e na formação de sua cidadania.

Sabrina Leão

✎Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 20h48

[(0) Comente] [envie esta mensagem] [link]

- Terem as *postagens* mais antigas arquivadas, permanecendo um *link* de acesso;

18/04/2008

Olá,

Não teremos aulas no próximo dia 25. Estarei participando de uma reunião do Departamento de Educação durante todo esse dia.

Oriento a leitura dos textos disponibilizados pois os mesmos serão objeto de nossa 2ª avaliação, bem como a visita ao [sítio: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/pnld2007_geo.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/pnld2007_geo.pdf)

Um abraço - Helena

✎ Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 10h44

[(0) Comente] [envie esta mensagem] [link]

- Serem intertextuais e interdependentes, possuindo ligação com outros textos;

15/05/2008

Como Diana colocou, o professor possui papel relevante no processo de articulação entre o desenvolvimento cognitivo da criança e o trabalho com a Cartografia, uma vez que, através do aprendizado da cartografia, os alunos tornam-se capazes de não só de representar os diferentes tipos de paisagens, mas de compreender e interpretar as diversas mudanças ocorridas na natureza.

Iris Tatiana

✎ Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 19h52

[(1) Apenas 1 comentário] [envie esta mensagem] [link]

Os blogs de publicação individual passaram a assumir, também, a forma de publicação em co-autoria. A leitura e troca de comentários entre os *blogueiros* fizeram com que se constituíssem verdadeiras comunidades interligadas de *weblogs*. Atualmente, com recursos disponíveis, como *links*, os *blogs* acabam por formar uma verdadeira rede de comunicação entre si.

Encontramos ideias muito criativas em torno dos *blogs*. Novos recursos estão sendo criados, como, por exemplo, editores de html que ampliam as possibilidades de edição e personalização das páginas.

Diante disso, acreditamos na necessidade de não permanecermos inertes em relação a esse conhecimento; precisamos nos lançar, ousar, arriscar, inventar e construí-lo a partir de

nossas próprias práticas educativas e, através da sistematização de atividades que possibilitem a experimentação desse ambiente midiático na educação.

4.1. BLOG APLICADO À EDUCAÇÃO

Atualmente, várias são as formas de utilização dos *blogs* nos processos de ensino. Sob o nosso ponto de vista, a facilidade de publicação e o grande atrativo que essas páginas exercem sobre os jovens, são fatores que contribuem para essa tendência. É preciso apenas, que os professores se apropriem da linguagem e explorem com seus alunos as várias possibilidades desse novo ambiente, que pode se tornar um ambiente de aprendizagem. O professor não deve ficar fora do contexto, desse mundo virtual. Contudo, cabe a ele (o professor) direcionar suas aulas, aproveitando o que a Internet pode oferecer de melhor.

Desde o debate de temas atuais até a divulgação de projetos escolares, é possível utilizar o *blog* como um auxílio pedagógico. Há diferentes tipos de *blogs* educacionais: produção de textos, narrativas, poemas, análise de obras literárias, opinião sobre atualidades, informação, relatórios de visitas e excursões de estudos, publicação de fotos, desenhos e vídeos produzidos por alunos.

Os *blogs* podem ser multidisciplinares, já que ler e escrever podem ser usados em inúmeros contextos acadêmicos. Qualquer disciplina pode fazer uso do *blog* para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem. Contextos e conceitos podem ser discutidos e articulados, através de interlocuções individuais ou em grupo, cujas ideias vão sendo construídas com base em um conteúdo educacional, previamente lecionado, por exemplo.

Os *blogs* têm grande poder de comunicação. Alunos passam a ser autores e leitores do seu conteúdo. Esses “diários eletrônicos” são um excelente recurso para desenvolver trabalhos em equipe, discutir e elaborar projetos. Além disso, servem como espaço para anotações de aula e discussão de textos. Os *blogs* potencializam a construção de redes sociais e de saberes. Mas é a criatividade de professores e alunos que vai determinar sua otimização.

Esse espaço de construção e de autoria, por meio do uso dos *blogs* na educação, é possível de ser visualizado na medida em que o leitor de um texto pode concordar ou discordar dos *posts*, expondo seu posicionamento através dos comentários, ou como *blogueiro* em seu próprio *blog*, criando assim, novos nós para a rede *hipertextual*. Os *blogueiros* podem

visitar outros *blogs*, que se referem ao mesmo assunto, inserindo um *link* em seu próprio *blog*, criando espaços de negociação.

Frequentemente, educadores e educandos constroem, ao longo das práticas de ensino e aprendizagem, textos, reflexões, apresentações, palestras, imagens etc. Trabalhos de todos os tipos que, na maioria dos casos, ficam empoeirando numa pasta ou esquecidos num arquivo em computador. Um saber isolado, inativo, morto. São realizadas todo o semestre e nas mais variadas disciplinas, reflexões, argumentações, sínteses, resenhas que, por não terem um registro sistemático, capaz de oferecer um suporte de memória com visibilidade e acessibilidade aos membros desse grupo, deixam de contribuir, de maneira mais significativa, para a construção do conhecimento em debate.

É importante esclarecer que a inserção do *blog* no ato educativo não teve a intenção de transpor a sala de aula para os meios digitais. Pensamos que os *blogs*, direcionados a projetos educacionais, poderiam desencadear, entre seus participantes, o exercício da expressão criadora da escrita, artística, *hipertextual*. Em virtude da sua estrutura, acreditamos que o *blog* tende a facilitar o diálogo, a autoria e co-autoria, inclusive na alteração da própria estrutura. Eles possibilitam, também, o retorno à própria produção, à reflexão crítica, à re-interpretação de conceitos e práticas.

Professores e alunos, parceiros de aprendizagem, podem retroagir sobre seu trabalho, revendo etapas e processos, tomando consciência de sua prática. O *blog* registra, de forma dinâmica, todo processo de construção de conhecimento, abrindo assim, espaço para a pesquisa.

Interessamo-nos em estudar o *blog* no ano de 2006, como já foi dito, quando entendemos que esse espaço poderia unir os campos de conhecimento científico, da comunicação simples e rápida e, da educação. Procurávamos um ambiente que fosse fácil de utilizar, mesmo por pessoas que não tinham grandes conhecimentos técnicos.

A partir do exposto, sugerimos a criação de um *blog*, direcionado a uma disciplina específica, com o objetivo de registrar e organizar em um só espaço, toda essa produção de conhecimento realizada por meio do estudo de textos e, da discussão acerca de um determinado assunto/tema. Organizamos grupos de trabalhos para promover troca de experiências e estudos que contemplassem o planejamento, o desenvolvimento e a contextualização de recursos midiáticos nas atividades cotidianas de sala de aula.

Pautamo-nos na seguinte problemática: vivemos em um mundo globalizado que se modifica constantemente, que se relaciona sem limites geográficos e em fração de segundos, através das mídias. O jornal, o rádio, a televisão, o telefone, o computador, e por fim a

Internet entrelaçam-se formando uma teia de informações com extensão global, possibilitando a intercomunicação entre os povos. O novo contexto social, imerso num “dilúvio informacional”, gerado pelas tecnologias da informação e comunicação (TIC’s) traz à tona uma reflexão sobre a necessidade de a educação estar atenta às suas propostas e não se marginalizar, tornando-se obsoleta e sem flexibilidade.

Essas mudanças requerem alterações profundas nas formações dos educadores e educandos e um novo repensar na função das instituições de ensino, tomando-se como relevante o aprendizado expandido, que está disperso além das paredes da sala de aula.

Vários recursos tecnológicos que citamos anteriormente podem ser incorporados ao computador. O ganho desse instrumento em relação aos demais recursos, no âmbito educacional, está relacionado à sua característica de interatividade. O computador pode ser utilizado, com sucesso, em ambientes educativos, seja por meio de projetos educacionais, seja por enfoques disciplinares, seja pela utilização restrita da própria informática. Esse é um recurso que deve ser inserido no cotidiano educacional, visto que já faz parte do cotidiano de grande parte da população, mesmo daqueles que pertencem às classes econômicas menos favorecidas (TAJRA, 2001, p. 10).

Pensar em estratégias de implementação de projetos transdisciplinares¹⁷ e interdisciplinares¹⁸ com apoio não só do computador, mas também, da Internet, tem sido uma alternativa viável, prática e com bons resultados em ambientes educativos.

Pretendemos pesquisar o uso do *blog*, como um ambiente de apoio ao conteúdo de uma disciplina, observando quais as potencialidades que se evidenciam durante o processo de sua aplicação. O advento desse tipo de recurso de publicação possibilitou que alunos utilizassem a Internet como uma tecnologia que conecta culturas e línguas e que facilita a comunicação em escala global. Também trouxe consigo muitos questionamentos teórico-metodológicos sobre sua aplicação à prática pedagógica e possíveis contribuições para o processo de ensino e aprendizagem.

No Brasil, ainda há poucas pesquisas sobre o uso dos *blogs* na educação. No entanto, tais pesquisas apontam inúmeras possibilidades de atividades colaborativas que essa tecnologia pode proporcionar. Porém, para a sua utilização no ambiente educacional,

¹⁷ Para Piaget, a transdisciplinaridade é, de acordo com a hierarquização proposta, a etapa superior da integração. Trata-se da construção de um sistema total, sem fronteiras sólidas entre as disciplinas. Disponível em <<http://recantodasletras.uol.com.br/artigos/>>. Acesso em: 19 abril 2009.

¹⁸ Segundo Jean Piaget, existe uma importante hierarquização de níveis de colaboração e integração entre as disciplinas. A interdisciplinaridade corresponde ao segundo nível de associação entre disciplinas, em que a cooperação entre as várias disciplinas provoca intercâmbios reais, existe reciprocidade e enriquecimento mútuo. Disponível em <<http://recantodasletras.uol.com.br/artigos/>>. Acesso em: 19 abril 2009.

professores e alunos precisam conhecer as potencialidades do seu uso como facilitador do conhecimento.

Alguns projetos usando *blog* em sala de aula foram desenvolvidos em algumas universidades do sul do Brasil, a exemplo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Essa instituição realiza o *Projeto integrado do Núcleo de Estudos, Experiências e Pesquisas em Trabalho, Movimentos Sociais e Educação do PPGedu da FAGED da UFRGS*, denominado *Projeto ZAPT – Zona de Apoio e Pesquisa em Tecnologia*.

Sob o comando das professoras Suzana Gutierrez, Carmen Lucia Bezerra Machado e Marlene Ribeiro, o projeto tem como objetivo investigar sobre as TIC's na pesquisa e sua inserção na formação do educador e a utilização desses meios no trabalho, educação e movimentos sociais. Parte do projeto de dissertação de mestrado da autora apresenta a utilização dos *blogs*, como ambiente principal de interação, por considerar que esse formato de publicação na rede mundial de computadores possui características que o tornam um suporte ideal para o desenvolvimento de processos colaborativos com autoria e autonomia.

Podemos trazer como exemplo o *Relendo Clássicos: blog* da disciplina de mesmo nome, do PPGEDU-UFRGS, que foi iniciado no primeiro semestre de 2004, sob a orientação das professoras Carmem Machado e Mara Níbia da Silva, com a colaboração da professora Suzana Gutierrez.

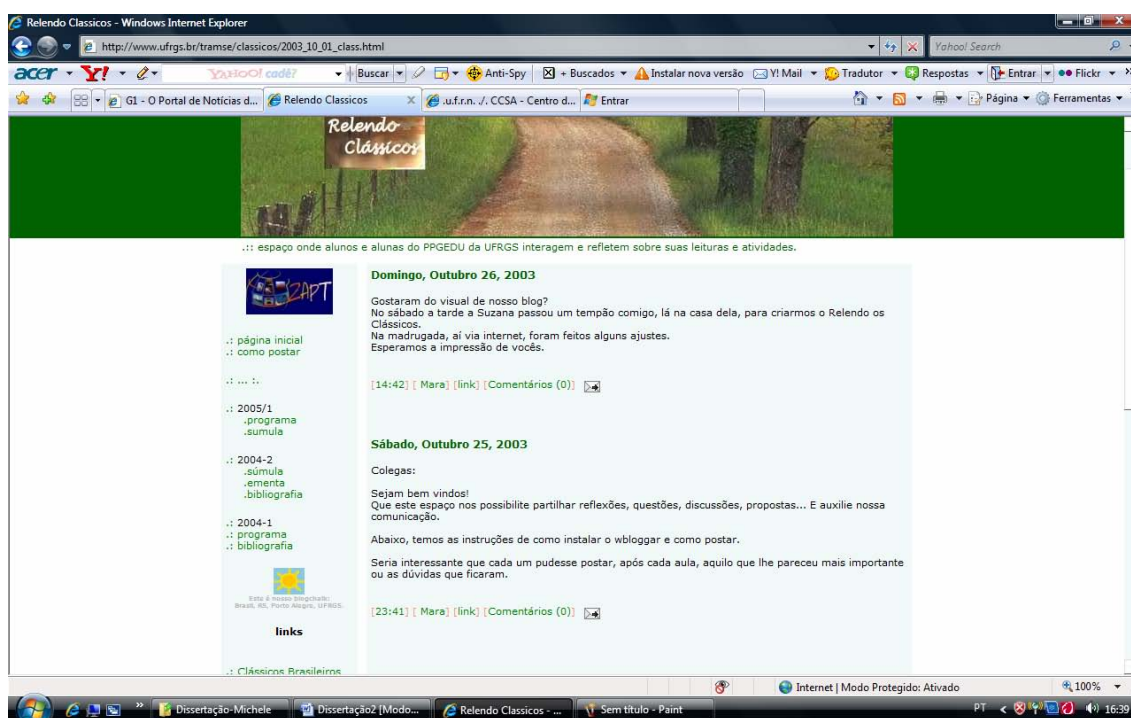


Figura 7 – Página inicial do *Blog Relendo Clássicos*. Fonte: Disponível em: <http://www.ufrgs.br/tramse/classicos/2003_10_01_class.html>. Acesso em: 16 abr. 2009.

Conforme os estudos realizados por Gutierrez (2004), os *weblogs* estão se consolidando como ambientes de construção colaborativa de conhecimento e estão sendo utilizados em projetos educacionais. Estados Unidos, Inglaterra, Canadá, e Espanha são países que se destacam no uso dos *blogs* como ambientes de aprendizagem.

Outro *blog* educacional que consideramos relevante é o *Blog do GEC* – Grupo de Pesquisa em Educação Comunicação e Tecnologia <<http://educacoes.livejournal.com/>>. Esse grupo foi criado em 1994 com o intuito de implantar uma linha de estudos articulada com as dimensões de ensino e extensão, com pretensão de problematizar a presença das TIC's na educação. O Grupo de Pesquisa está ligado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia, vinculado à linha de pesquisa Currículo e (In)Formação. Sob a coordenação do professor Nelson Pretto e da professora Maria Helena Bonilla, o GEC vem atuando no estudo da presença das tecnologias na educação, com o objetivo de investigar e aprofundar o significado pedagógico dos novos recursos tecnológicos, propondo alternativas de incorporação dos mesmos aos processos educacionais, considerando-os como elementos fundamentais e vitais da nova sociedade que está se construindo.



Figura 8 – Página inicial do *Blog do GEC*. Fonte: Disponível em: <<http://educacoes.livejournal.com/>>. Acesso em: 21 abr. 2009.

A revista Carta na Escola trouxe uma reportagem intitulada “Bem – vindo à Edublogosfera”¹⁹, em que faz uma explanação sobre o aumento quantitativo de professores *blogueiros* no Brasil. Nessa matéria, o repórter André de Oliveira elabora um roteiro de *blogs* feitos por professores de diversas áreas do conhecimento. Escolhemos alguns endereços para compor o *corpus* deste trabalho.

Selecionamos dois *blogs* de temática semelhante mantidos pelo professor Jarbas Novelino Barato. O <<http://aprendente.blogspot.com>> e o <<http://jarbas.wordpress.com>>. O primeiro é o “Aprendente”, que existe desde novembro de 2004, caracterizado pelo *blogueiro* como um “espaço de comunicação sobre *weblogs* em educação, *webquests*, *webgincanas* e outros recursos TIC; além de eventuais comentários sobre o que rola no mundo”. O segundo, intitulado “Boteco Escola” existe desde fevereiro de 2007 como um espaço que pretende discutir o uso dos *blogs* em educação.

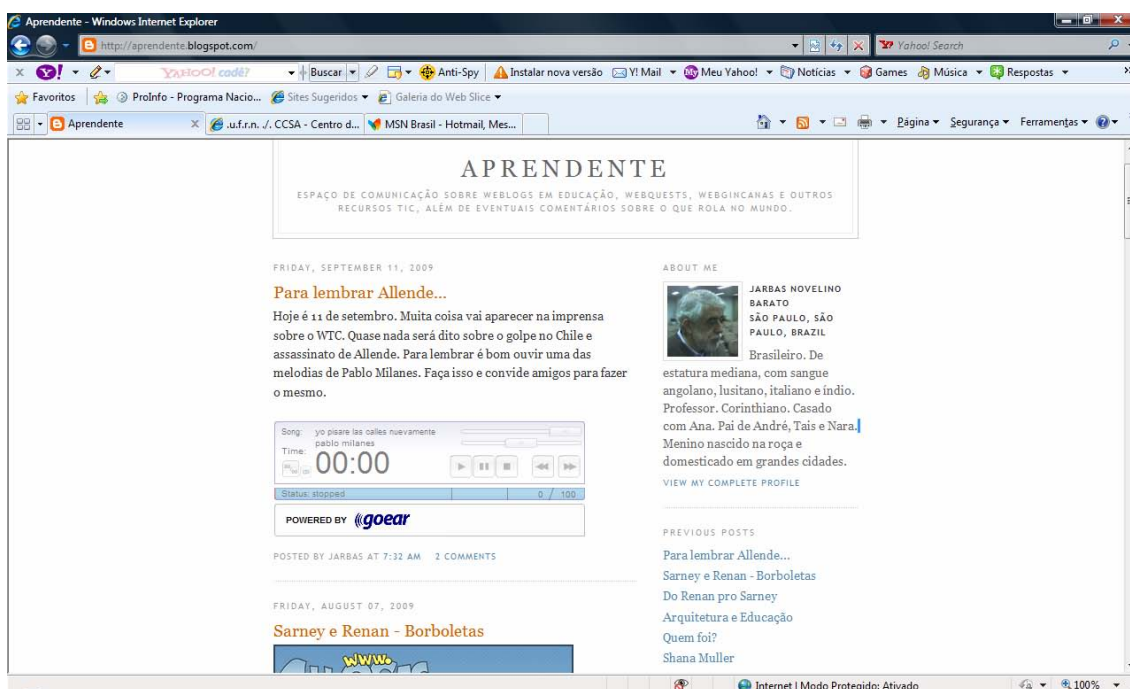


Figura 9 – Página do *Blog* Aprendente. Fonte: Disponível em: <<http://aprendente.blogspot.com/>>. Acesso em: 21 set. 2009.

¹⁹ Reportagem completa no Anexo A.

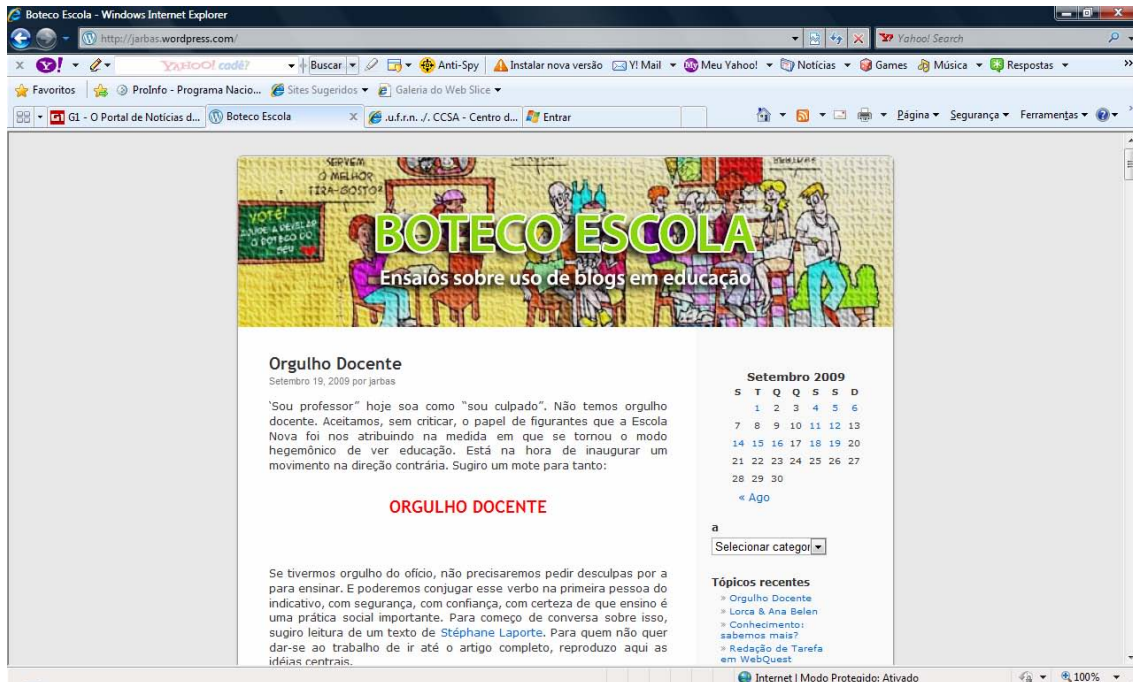


Figura 10 – Página do *Blog* do Boteco Escola. Fonte: Disponível em: <<http://jarbas.wordpress.com/>>. Acesso em: 21 set. 2009.

O *blog* <<http://edublogsfera.blogspot.com>> pode servir como ponto de encontro para os professores *blogueiros*. Ele dá sugestões de *blogs* interessantes e pretende “organizar” os da comunidade educacional.



Figura 11 – Página do *Blog* do Edublogsfera. Fonte: Disponível em: <<http://edublogsfera.blogspot.com/>>. Acesso em: 21 set. 2009.

Ao percorrer os caminhos da *blogosfera*, percebe-se as inúmeras implicações que essa tecnologia pode trazer para a educação e a pesquisa, contribuindo para a formação de novos ambientes virtuais de aprendizagem, estimulando processos colaborativos de construção de conhecimento, possibilitando o processo de autoria e de autonomia entre alunos e professores.

Conforme exposto na Introdução, trabalhamos com a hipótese de que a utilização do *blog* como recurso didático pode condicionar situações favoráveis ao processo de ensino e aprendizagem e, estimular a formação de competências exigidas pelo contexto social contemporâneo, decorrente do avanço científico e tecnológico. Em contrapartida, lança também desafios que alteram as condições do trabalho docente e as atividades realizadas pelos alunos nos diversos níveis educacionais. Assim, esperamos que a projeção dessa hipótese, na prática educativa, possa influenciar a criação de referências teóricas, além de ampliar a função das fontes de informação na aprendizagem, tornando-as mais pertinentes e assimiladas em sua totalidade, favorecendo uma redefinição de valores, métodos e conteúdos, abrindo espaço para a transformação dos métodos tradicionais de ensino e aprendizagem.

A partir das leituras que fizemos, em busca do nosso referencial teórico, encontramos semelhanças entre o *blog*, usado como espaço de registro de conhecimento, ou seja, voltado para fins educacionais, e as anotações sistemáticas que fazia Célestin Freinet, na primeira metade do século passado, ao que ele chamou de “Livro da Vida”. Consideramos oportuno acrescentar neste estudo tais semelhanças e, para isso, vamos recordar pontos importantes da pedagogia desse brilhante autor.

4.2. BLOG E O “LIVRO DA VIDA”: O APRENDER-FAZENDO

Célestin Freinet nasceu em 15 de outubro de 1896, nos Alpes Marítimos, sudoeste da França. Educador, idealista e batalhador, teve uma proposta pedagógica centrada na atividade e na criação. Seus escritos são o registro vivo do trabalho e das pesquisas que desenvolveu, documentando uma concepção antropológica de educação de caráter bastante inovador. Sua prática pedagógica fundamenta-se numa vivência cultural contextualizada em um momento histórico cujo impacto trouxera mudanças profundas na sociedade e na economia francesa: as duas guerras mundiais e a crise econômica de 1929 (ELIAS, 1997, p. 14).

Através de novas técnicas, abriu caminhos para que professores e alunos compartilhassem conhecimentos e se expressassem livremente, de forma cooperativa. A questão não era se isolar, mas sim, achar uma forma de estimular a troca de experiências. A correspondência escolar foi um exemplo disso.

Freinet foi, acima de tudo, um grande humanista. Homem simples, viveu sempre em simbiose com as aldeias onde morou e antes mesmo de transformar a sua sala de aula, já definira os grandes eixos de uma nova pedagogia: essencialmente prática e cooperativa, uma escola do trabalho. Por ser comunista, fundamentou sua pedagogia no trabalho coletivo, social e cultural.

Em 1º de janeiro de 1920, apesar da pouca experiência, começa sua história na educação. É nomeado professor adjunto de uma classe rural em Bar-sur-Loup, uma aldeia de pouco mais de 1.500 habitantes, no sul da França.

Em 1924, introduz a imprensa na escola; fato que trouxe uma mudança de comportamento em professores e alunos, sendo considerada (a imprensa) um novo instrumento pedagógico, de grande rendimento humano e escolar, despertando o interesse de eminentes pedagogos da época. Lançam-se, então, as bases de um movimento pedagógico fortalecido, integrado e espontâneo, no qual todos participam de algum modo, contribuindo para a produção de um conhecimento gerado a partir da experiência.

É acreditando que educar é construir junto, que a sua pedagogia se alicerça em quatro eixos fundamentais:

- A cooperação – como forma de construção social do conhecimento;
- A comunicação – como forma de integrar esse conhecimento;
- A documentação – registro da história que se constrói diariamente; e
- A afetividade – entre as pessoas e o objeto de conhecimento.

Quando pensamos nos recursos propostos por Freinet, fazemos uma comparação com o *blog* que usamos hoje. “Palco” de registros do que se ensina e do que se apreende a cada aula, o *blog* vem assumir uma mesma função: registrar a história que se constrói diariamente a muitas mãos. “Assim, a Pedagogia Freinet pode ser vista como uma prática coletiva, uma vez que tem como objetivo maior, o desenvolvimento da compreensão crítica da realidade e a ação participativa na transformação, segundo as necessidades de todos. Portanto, o sujeito da ação coletiva e da educação não é o indivíduo, mas o conjunto de pessoas que participa do processo” (ELIAS, 1997, p. 42).

Com o intuito de treinar a pesquisa, que permite a livre expressão, Freinet organiza saídas diárias da sala de aula pelas estreitas ruas da vila, onde os alunos observam a vida cotidiana dos moradores e a natureza: nascem, assim, as aulas-passeio. E estas trazem vida à sala de aula.

Com essas aulas, que são difundidas até hoje, as impressões, observações e comunicações percebidas pelos alunos têm lugar no “Livro da Vida” que funcionou como um diário da classe, registrando a livre expressão (texto, desenho e pintura). Essa atividade permitia que os alunos descrevessem seus diferentes modos de ver a aula e a vida. Nele, o registro era livre, ou seja, o aluno escrevia no momento em que estivesse com vontade e sobre o assunto que quisesse; não precisava ser, especificamente, o assunto que estava sendo abordado em sala de aula, aumentando, com isso, o espaço de diálogo para além dos limites físicos da escola. O registro ocorria de diversas maneiras: com desenhos, escrita, colagens ou outra forma que encontrassem.

No “Livro da Vida”, os alunos, ao relatarem experiências do seu dia-a-dia, expressavam suas memórias e retratavam diferentes formas de perceber a aula e a vida. Através desse instrumento de expressão da escrita, era possível: reter ideias, resumir uma atividade e relatar informações; consolidando assim, uma pequena ligação de coerência entre a vida dentro da sala de aula e fora dela.

Do ponto de vista do professor, o “Livro da Vida” fornece elementos para que esse planeje suas ações e intervenções na prática cotidiana, possibilitando ainda, avaliação contínua do conhecimento.

A partir dessas características, constatamos semelhanças entre o “Livro da Vida” e o uso pedagógico do *blog*. Além de serem, ambos, importantes a todo o processo de aprendizagem, viabilizam o *aprender-fazendo* com arte e criatividade, acompanhando os diversos caminhos que o aluno percorre para realizar suas diferentes aprendizagens. O *blog* pode ser considerado um meio para a avaliação processual, inclusiva e acolhedora que ajuda o aluno a aprender e a se desenvolver a partir de um projeto educativo com o qual há um comprometimento efetivo.

Por possibilitarem ao aluno experiências de aprendizagens e serem pertinentes aos novos valores educacionais, tanto o “Livro da Vida” como o *blog*, apresentam uma nova perspectiva em educação, qualificando-se como importantes instrumentos no processo de aprendizagem e de avaliação, principalmente no contexto de uma proposta educacional permeada pela interdisciplinaridade. Assim, durante todas as etapas de elaboração do “Livro da Vida” e dos *blogs*, nos diálogos, nas trocas, nas pesquisas e no incentivo à expressão livre

e à criatividade, constatamos que efetivamente acontece a “tomada de consciência”, tão importante no processo de aprendizagem.

Ambos os recursos apresentam a possibilidade de registro através dos textos escritos que facilitam a organização do conhecimento e propiciam uma linearidade, através do código escrito. Dessa forma, estariam dando ênfase à formação dos sujeitos, professor/aluno, usando a discussão/interação como um caminho crítico que conduz os aprendizes do acesso à informação, à construção do conhecimento. Os sujeitos são envolvidos nessa situação de aprendizagem, e, com isso, a volatilidade da informação é combatida através de um registro atualizado/atualizável, interativo²⁰ e duradouro. Isso pode ser feito pelo acompanhamento de seu percurso, no caso do *blog*, através de discussões de diferentes pontos de vista, perspectivas e comparações, dando a atualidade necessária à sua contextualização diante da realidade na qual o sujeito vive e, sobre a qual deve intervir.

²⁰ Segundo Seteur (1993), citado por Primo (2007, p.34), interatividade é definida como a extensão em que os “usuários” podem participar na modificação da forma e do conteúdo do ambiente mediado em tempo real. Ainda nos anos 80, Andrew Lippman, diretor do Media Lab do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) já apresentava uma definição de interatividade: “atividade mútua e simultânea da parte de ambos participantes, normalmente trabalhando em prol de um objetivo, mas não necessariamente” (p.31). E é com a junção desses dois conceitos que trabalharemos o termo interativo/interatividade no *corpus* deste trabalho.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Utilizamos nessa pesquisa a metodologia pesquisa participante que, segundo PERUZZO, “consiste na inserção do pesquisador no *ambiente natural* de ocorrência do fenômeno e de sua *interação* com a situação investigada” (2006, p. 125).

Cada autor indica um componente específico essencial da pesquisa participante. Tomamos a liberdade de citar dois deles, como forma de propiciar uma caracterização introdutória das estratégias que utilizamos para nos inserirmos no ambiente pesquisado. A pesquisa participante implica: a presença constante do observador no ambiente investigado, para que possa “ver as coisas de dentro”; o compartilhamento, pelo investigador, das atividades do grupo ou do contexto que está sendo estudado, de modo consistente e sistematizado. Esses componentes são fundamentais para a compreensão da pesquisa participante e podem ser tomados como base de seus procedimentos metodológicos.

Quanto à postura do pesquisador durante a pesquisa participante, Peruzzo (2006) destaca:

- O pesquisador se insere no grupo pesquisado, participando de todas as suas atividades, ou seja, ele acompanha e vive (com maior ou menor intensidade) a situação concreta que abriga o objeto de sua investigação;
- O investigador interage como membro. Além de observar, ele se envolve, assume algum papel no grupo. Trata-se de uma opção que exige muita maturidade intelectual; acentuada capacidade de distanciamento, a fim de não criar vieses de percepção e interpretação – o que não quer dizer neutralidade; e responsabilidade para com o ambiente pesquisado, de modo a não interferir demasiadamente no grupo ou criar expectativas que não poderão ser satisfeitas, até pela circunstância de sua posição;
- O grupo pesquisado conhece os propósitos e as intenções do investigador, e normalmente concordou previamente com a realização da pesquisa;
- O pesquisador pode ser membro do grupo ou apenas se inserir nele para realizar a pesquisa;
- O pesquisador pode devolver os resultados da investigação ao grupo pesquisado.

A escolha da pesquisa participante se deu por concordarmos com Silva (1986, p. 153) ao afirmar que o pesquisador “pode [...] juntamente com os grupos, elaborar e desenvolver, conjuntamente, uma proposta de investigação ou, ainda, a proposta pode se originar do investigador e contar com a participação dos grupos interessados”. Em se tratando desta pesquisa, nós elaboramos uma proposta e convidamos os sujeitos investigados a participar.

Inserimo-nos no grupo para realizar a pesquisa, mas não como membros. Assumimos o papel de pesquisadores, observando o comportamento, estimulando a participação e o envolvimento dos alunos e, registrando fatos ocorridos durante as atividades que estavam sendo propostas. Tentamos não interferir no grupo de forma exagerada e esclarecemos, nos primeiros contatos, a definição clara do problema de pesquisa e dos procedimentos metodológicos que seriam adotados, além de expor quais eram as nossas intenções no decorrer do processo investigativo, que contou com a participação consentida dos sujeitos interessados.

Em se tratando de pesquisa participante,

Em geral, a motivação é compreender de modo sistemático e com base científica os processos de comunicação existentes, como forma de identificar suas inovações, virtudes e avanços, mas também as falhas e os desvios de práticas comunicacionais, levantar as práticas participativas e de gestão, entender os mecanismos de recepção de mensagens e auscultar as aspirações dos receptores, de modo a aperfeiçoar o trabalho desenvolvido nos meios de comunicação grupais ou midiáticos de alcance comunitário ou local (PERUZZO, 2006, p.138).

Trata-se de um estilo de pesquisa em que o pesquisador tem autonomia, tendo em vista que as decisões sobre os objetos da pesquisa e interpretação dos dados, não contam com a interferência do grupo pesquisado. Os resultados da investigação são devolvidos ao grupo, em geral, apenas depois da conclusão da pesquisa.

Outra questão importante para nós foi o período de tempo que permanecemos no ambiente estudado. Sabemos que na pesquisa participante, segundo Peruzzo (2006), não existe um tempo ideal que possa ser prefixado. Depende do tipo de objeto, de quão rápida ou demoradamente ele se revela ao investigador, das condições em que os mecanismos internos do “objeto” se dão a conhecer ao pesquisador e da capacidade deste em captar suas manifestações. Na pesquisa, o tempo de permanência foi longo: dois semestres letivos (2007.2/2008.1).

A pesquisa participante, assim como outras modalidades de estudos qualitativos, é concretizada na coleta e análise de dados primários empíricos. É ancorada na integração entre pesquisador e o grupo estudado; e dessa relação é que depende a captação adequada dos dados. Peruzzo (2006) acrescenta:

Por não valer de instrumentos mensuráveis, ela implica menos controle por parte do pesquisador. Na verdade, vai depender basicamente da capacidade do investigador em captar, compreender, interpretar e analisar o fenômeno (PERUZZO, 2006, p. 144).

Não acreditamos na neutralidade da ciência como pressuposto epistemológico, mas somos favoráveis, assim como Peruzzo (2006), ao distanciamento investigativo, de modo a não se confundir o que realmente ocorre com conceitos prévios ou intenções valorativas do pesquisador.

O estudo foi desenvolvido sob uma abordagem qualitativa do problema em foco, supondo, de acordo com Chizotti (2001), que a relação entre o sujeito e o mundo real dá-se de maneira dinâmica, havendo, portanto, uma interdependência entre eles, um vínculo indissociável entre objetividade e subjetividade. O conhecimento produzido não resulta simplesmente de um *corpus* selecionado de dados conectados por um arcabouço teórico explicativo, o sujeito-pesquisador não está isolado do processo, antes, participa ativamente interpretando e significando o fenômeno. Os dados obtidos também não são construções neutras, mas estão possuídos de significados e relações criadas pelos sujeitos em suas ações concretas (CHIZOTTI, 2001 apud BEZERRA, 2006).

Além de utilizarmos procedimentos qualitativos para analisar os dados coletados, usamos, também, procedimentos quantitativos. O primeiro tem como características (BOGDAN; BLIKEN, 1994) ser descritivo em que podem ser incluídas fontes diversas, tendo o ambiente social dos sujeitos da pesquisa como campo onde os dados da investigação serão coletados, a possibilidade de se constituírem caminhos interpretativos no decorrer da investigação, a preocupação com o processo e os significados, além dos resultados e a consideração durante a investigação dos aspectos subjetivos, tanto do pesquisador como dos sujeitos pesquisados. O procedimento quantitativo nos possibilitou tornar certas características mensuráveis, usando números para explicar alguns dados que consideramos relevantes para o resultado da pesquisa. Quantificamos os acessos ao *blog*, os alunos que responderam ao questionário, a participação na aula de laboratório, entre outros aspectos (BAUER; GASKELL, 2002, p. 22).

Como tratamento analítico dos dados, utilizamos a análise de discurso, dentro do referencial teórico construído. A escolha se deu por considerarmos que existe uma realidade que possa ser desvelada, conhecida, descrita, compreendida e criticada em seus significados.

No nosso trabalho, a análise de discurso não foi o eixo principal, mas não podemos ignorá-la, desde que, o estudo das falas e das *postagens* implica numa vigilância permanente, relacionada com as conotações, muitas vezes culturais e/ou ideológicas e, que foram na medida do possível, evidenciadas.

Segundo Gill (2002, p. 244), a análise de discurso é o nome dado a uma variedade de diferentes enfoques no estudo de textos que rejeitam a noção de que a linguagem é simplesmente um meio neutro de refletir, ou descrever o mundo, e uma convicção da importância central do discurso na construção da vida social (2002 apud BAUER; GASKELL, 2002).

É proveitoso pensar a análise do discurso como tendo quatro temas principais: uma preocupação com o discurso em si mesmo; uma visão da linguagem como construtiva (criadora) e construída; uma ênfase no discurso como uma forma de ação; e uma convicção na organização retórica do discurso.

Na análise do discurso, a linguagem é observada como algo construído, ou manufaturado, a partir de recursos lingüísticos preexistentes. Essa “montagem” implica em escolhas, ou seleção, de um número diferente de possibilidades. É possível descrever até mesmo o mais simples dos fenômenos em uma multiplicidade de maneiras que dependerão da orientação do locutor ou escritor. Para Gill:

A noção de construção enfatiza o fato de que nós lidamos com o mundo em termos de construções, e não de uma maneira mais ou menos “direta”, ou imediata; em um sentido verdadeiramente real, diferentes tipos de textos constroem nosso mundo. O uso construtivo da linguagem é um aspecto da vida social aceito sem discussão (GILL, 2002, p. 248, grifo do autor).

A análise do discurso preocupa-se com a “orientação da ação”, ou “orientação da função” do discurso; isto é, o discurso é visto como prática social. As pessoas empregam o discurso para fazer coisas – para acusar, para pedir desculpas, para se apresentar de uma maneira aceitável etc. Realçar isso é sublinhar o fato de que o discurso não ocorre em um vácuo social, mas sim, em um contexto circunstancial.

5.1. UNIVERSO DE PESQUISA E AMOSTRA

A partir da definição do problema e do escopo da pesquisa, identificamos o seu universo. Entendendo como universo da pesquisa “o conjunto de pessoas que possui características comuns e detém algum grau de informação sobre o tema explorado” (NOVELLI, 2006, p. 168).

Nesse sentido, os sujeitos que compuseram o universo da pesquisa foram professora e alunos do curso de Pedagogia, da UFRN que estavam devidamente matriculados na disciplina Ensino da Geografia I, nos períodos 2007.2 e 2008.1, no turno da tarde. No *corpus* do trabalho faremos referência às turmas pesquisadas como “turma 2007.2” e “turma 2008.1”, por corresponderem, de fato, a esses períodos do ano letivo e, também, para facilitar à escrita.

A turma 2007.2 foi formada, no início do semestre, por 37 alunos, em sua maioria (92%), mulheres, entre 20 e 25 anos. 84% dos alunos utilizavam o computador com bastante frequência (todos os dias) e, 96% deles, prioritariamente, para assuntos estudantis. De acordo com o questionário que aplicamos, 100% dos alunos respondentes (de um total de 25 alunos) acessavam a Internet para pesquisa e para enviar ou receber *e-mails*. Mais da metade (56%) desses alunos consideravam ter um nível de conhecimento médio, em informática, ou seja, além de acessarem *sites* diversos, trocavam *e-mails*, por vezes com documentos anexados e sabiam fazer *downloads* de músicas e vídeos.

A turma 2008.1 foi composta por 35 alunos matriculados, no início do semestre. A maioria (93%) mulheres, entre 20 e 25 anos. Com base no questionário que utilizamos como instrumento para a coleta de dados, concluímos que 85% da turma tinham acesso fácil a Internet e utilizavam o computador com frequência (diariamente), 93% deles priorizando assuntos estudantis. Mais da metade (64%) julgaram ter um conhecimento básico, em informática, ou seja, acessavam *sites*, mandavam e recebiam *e-mails*, por vezes com documentos anexados.

É importante ressaltar que, a princípio, a turma do período 2007.2 seria um estudo-piloto, uma aplicação antecipada da pesquisa em campo, um ensaio prévio por meio do qual se pretendia corrigir o planejamento da investigação, no sentido de aprimorarmos os instrumentos de coleta de dados, necessários a esta pesquisa. Contudo, em virtude do empenho dos alunos e da professora da disciplina e tendo em vista os resultados obtidos no fim do processo, decidimos incluir esses sujeitos no universo desse estudo.

Abordamos a disciplina Ensino de Geografia I, que apresentava uma carga-horário de 60h/aula, divididas em 01 encontro semanal de 4 hs/aula cada um, seguindo um programa de curso elaborado para tratar do Ensino de Geografia. Os temas foram abordados da seguinte forma: (Unidade I) geografia-ciência e método; que é geografia; trajetória histórica; objetos e categorias e tendências atuais (Unidade II) geografia e ensino; prática de ensino em geografia; geografia nos PCN's; livros didáticos e diálogos multidisciplinares (Unidade III) planejamento de ensino em geografia; espaço vivido-espaço aprendido e simulando o processo de ensino.

Em se tratando do grupo de indivíduos pesquisados, considerar-se-á que “[...] todas as pessoas que participam da pesquisa são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam” (CHIZOTTI, 2001, p. 83).

5.2. FASES DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada de acordo com as seguintes fases:

- **Estudo aberto ou exploratório:** esse momento iniciou-se com a escolha do objeto de estudo e elaboração do projeto da pesquisa. O interesse pelo uso do *blog* como auxílio ao ensino surgiu a partir de discussões com professores e alunos do Programa de Pós-Graduação, sobre o uso de tecnologias na educação. Desse modo, a delimitação do problema e a definição dos objetivos da pesquisa não foram tarefas difíceis de realizar. A fundamentação teórica começou a ser construída quando surgiu a decisão de ingressar no Programa, e contou com os estudos e as leituras realizadas na Combace (Base de Estudos e Pesquisas em Meios de Comunicação e Educação), sob a coordenação do professor Dr^o Arnon Mascarenhas de Andrade, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e, nas discussões acadêmicas que aconteceram durante o transcurso da referida Pós-Graduação. As categorias analíticas emergiram dessas incursões teóricas e constituíram os pontos de referência, a partir dos quais foram elaborados os instrumentos de coleta de dados da pesquisa.

A escolha do campo da pesquisa representou a decisão mais fácil dessa fase, pois, o curso e as turmas escolhidas para a coleta de dados foram sugeridos pelo orientador do estudo, o Professor Dr^o Arnon Alberto Mascarenhas de Andrade.

Nessa fase, foram estabelecidos os contatos iniciais com os alunos das turmas escolhidas, do curso de Pedagogia, para relatarmos a nossa pesquisa e, para obtenção de informações que pudessem fornecer os subsídios iniciais para o adequado planejamento e execução das etapas seguintes, minimizando imprevistos, antecipando obstáculos e definindo estratégias para a viabilização da pesquisa.

Esse contato com os alunos se deu por concordarmos com Peruzzo, que defende:

[...] não há necessidade de o pesquisador “se confundir” com os pesquisados, ou camuflar a sua real origem e situação no mundo, para poder captar as manifestações intrínsecas ao fenômeno e o sentido das ações do outro. Aliás, não há dúvidas de que, mesmo querendo fazer-se passar por outro, o pesquisador, sendo estranho ao ambiente pesquisado, nunca será idêntico aos observados, até porque sua própria história e o seu modo de ver o mundo serão diferentes (PERUZZO, 2006, p. 126, grifo do autor).

- Coleta sistemática dos dados /trabalho de campo: nessa fase foram aplicadas as técnicas que consideramos apropriadas para o atendimento dos objetivos estabelecidos neste estudo, tendo como pressuposto que:

[...] os dados não são coisas isoladas, acontecimentos fixos, captados em um instante de observação. Eles se dão em um contexto fluente de relações: são ‘fenômenos’ que não se restringem às percepções sensíveis e aparentes, mas se manifestam em uma complexidade de oposições, de revelações e de ocultamentos (CHIZOTTI, 2001, p. 84 grifo do autor).

No intuito de reunir o maior número possível de informação, utilizamos como instrumentos de coleta de dados, a entrevista semi-aberta, o questionário e a observação.

Na opinião de Minayo (1996), o trabalho de campo constitui uma etapa essencial da pesquisa qualitativa. É o momento em que ocorre a interação entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados. Esses sujeitos, enquanto componentes do objeto de estudo, são, primeiramente, construídos teoricamente. É na fase de trabalho de campo que ocorre a relação de intersubjetividade entre o pesquisador e os pesquisados, resultando num “produto novo e confrontante tanto com a realidade concreta como com as hipóteses e pressupostos teóricos, num processo mais amplo de construção do conhecimento” (MINAYO, 1996, p. 105).

Já durante a fase exploratória, foram coletadas informações sobre os alunos selecionados. Conversamos sobre os ambientes virtuais de aprendizagem, equipamentos tecnológicos disponíveis no Centro de Ciências Sociais Aplicadas, e anotamos os *e-mails* desses alunos e da professora da turma. Esses dados permitiram-nos elaborar a descrição do contexto no qual ocorreu a pesquisa e contribuíram para o planejamento e execução das técnicas e etapas posteriores.

Proposta: construir um blog

Nessa fase do processo, apresentamos à professora Helena e, em seguida aos alunos, a proposta de construir um *blog*, feito por eles e que seria utilizado como um ambiente midiático de apoio à disciplina que estava sendo estudada (Ensino de Geografia I). Esse encontro aconteceu no horário de aula, tempo cedido pela professora, para conversarmos com os alunos sobre o assunto. Relatamos a pesquisa, com seus pressupostos teóricos e objetivos e, em seguida, lançamos a ideia de apresentarmos um mini-curso objetivando um melhor entendimento, por parte dos alunos, sobre o uso do *blog* na educação. Ao final, todos concordaram e se prontificaram a participar do mini-curso e da construção do *blog* como auxílio à disciplina.

Mini-curso

Elaboramos um mini-curso (Apêndice E) com uma carga horária de 6 horas, divididas em duas aulas: a primeira (teórica), na própria sala de aula, utilizando *laptop* e *data show*; a segunda aula (prática), em um laboratório de informática (sala F1) localizado no mesmo setor das aulas I, reservado pela professora da disciplina, com antecedência. Na aula teórica, os tópicos abordados foram: competências docentes e discentes para a gestão do conhecimento no século XXI; abordagens de utilização das novas tecnologias na educação; *blog* – conceito, contexto e sua importância para fins pedagógicos. A aula prática teve como pontos fundamentais: mostrar *blogs* usados para fins pedagógicos; construção de um *blog*.

Com o intuito de facilitar a compreensão dos alunos a respeito do *blog* e seu uso no processo de ensino e aprendizagem, organizamos uma apostila, contendo 11 páginas, baseada nos estudos que realizamos na fase exploratória da pesquisa. Esse material foi

disponibilizado, para os interessados, na Xerox do curso de Pedagogia, que fica próxima ao setor de aulas I.

Nas duas turmas (2007.2 e 2008.1) procedemos da mesma forma na aula teórica: após um contato inicial, feito no primeiro dia de aula, combinamos o segundo encontro, para darmos início ao mini-curso, em que demonstraríamos de modo mais detalhado o intuito da nossa pesquisa. A professora Helena nos cedeu, gentilmente, o horário de uma das suas aulas para começarmos a parte teórica; assim, conversamos sobre o *blog*, sua utilização na educação, suas vantagens e o que pretendíamos observar a partir do seu uso.

A aula prática aconteceu no horário das 14hs às 17hs, no laboratório de informática, conforme planejado. Nessa tarde, os alunos foram orientados e estimulados pela professora Helena a participar do mini-curso, pois iriam aprender a fazer um *blog*, avisando que a lista de presença seria passada durante a aula prática.

A aula teórica transcorreu com tranquilidade e sem imprevistos, nas duas turmas. Na turma 2007.2, quando começamos o mini-curso só 01 aluno havia xerocado a apostila que elaboramos para essa atividade. Ao fim da aula, mais 03 alunos foram à Xerox, espontaneamente, adquirir o material. Na turma 2008.1 nenhum aluno reproduziu o material do mini-curso; porém, da mesma maneira da turma anterior, os alunos foram muito atenciosos. Ao término da apresentação, apenas 02 alunos demonstraram interesse em adquirir a apostila para ler mais sobre o assunto.

Na aula prática enfrentamos dificuldades com a primeira turma (2007.2) devido ao grande número de alunos presentes. Como alguns computadores do laboratório estavam sem funcionar, em cada um que estava em condições de uso, foi necessário acomodarmos uma média de 03 alunos. Percebemos os alunos ansiosos e confusos na hora de criar um *blog*. Os computadores da sala não tinham a mesma velocidade de execução e, em função disso, nem todos conseguiram seguir as instruções ao mesmo tempo e da mesma forma. Nessa aula, propusemos que cada aluno construísse um *blog* pessoal para se familiarizar com esse ambiente. Dos 30 alunos presentes 07 realizaram a tarefa sem dificuldades, 05 acharam muito complicado, mas conseguiram terminar antes do fim da aula e os demais não conseguiram ou não quiseram fazer seus *blogs*. A professora Helena acompanhou, atentamente, a aula do começo ao fim.

Em virtude disso, decidimos que nós criaríamos o *blog* que auxiliaria a disciplina, tendo em vista a dificuldade da maioria dos alunos em construir um. Em seguida, pedimos permissão à professora, mais uma vez, para conversarmos com os alunos sobre nossa decisão e combinarmos mais um encontro, no laboratório F1, para apresentarmos o *blog* que criamos.

Queríamos ouvir a opinião dos alunos sobre o *blog* e ensiná-los a *postar* (escrever textos), inserir fotos, comentários, *links*, adicionar *sites* relevantes à disciplina, dentre outras possibilidades. Informamos a senha cadastrada, para que todos os alunos e a professora dessa turma tivessem livre acesso ao ambiente criado, além da liberdade de fazer quaisquer modificações. Nessa ocasião, buscamos conscientizá-los quanto à responsabilidade e confiança que esperávamos de cada um.

No decorrer do semestre, atividades foram propostas pela professora Helena, envolvendo a utilização desse espaço no intuito de responder aos objetivos da pesquisa.

Na turma 2008.2 usamos outra sistemática para a aula prática. Em virtude do grande quantidade de alunos matriculados nesse período (35) e, para evitar o desconforto que enfrentamos na turma anterior, atendemos a sugestão da professora Helena: formar um grupo de 05 alunos, voluntários, para fazer o *blog*. Depois que o grupo estava completo, seguimos para o laboratório de informática (sala F1), e usamos apenas 03 computadores para realizar essa atividade, por julgarmos suficiente para atender a quantidade de alunos presentes.

Depois de ouvir, atentamente, as nossas orientações o grupo começou a construir o *blog*. Escolheram tudo sem nossa interferência. Acreditamos que, se o ambiente midiático fosse feito por eles, haveria uma maior identificação entre os sujeitos (alunos) e o objeto (*blog*). E assim aconteceu. Escolheram sem dificuldades e com entusiasmo o modelo, as cores, o tamanho e o tipo de fonte que iriam padronizar para as *postagens*, montaram um perfil que representasse as características de toda a turma, nomearam o *blog* (Reinventando Geografia) e escreveram a primeira *postagem*. Nós nos dispusemos apenas a orientar e esclarecer qualquer dúvida que surgisse.

Na aula seguinte, explicamos à turma como se deu a atividade no laboratório. Informamos a senha de acesso, escolhida pelo grupo que construiu o *blog* e, ensinamos como acessar e fazer as alterações que julgassem necessárias. Conscientizamos da responsabilidade, confiança e seriedade que esperávamos de todos na utilização desse espaço, por tratar-se de uma pesquisa científica.

Depois da existência do *blog*, a professora Helena passou a considerar esse ambiente como parte da disciplina oferecida e estimulou os alunos a *postarem* sobre assuntos pré-determinados e, também sugeriu que fossem feitos comentários (no *blog*) com a devida identificação (nome do aluno) acreditando que, com isso, eles teriam mais responsabilidade no momento da escrita.

Durante os dois semestres observamos o comportamento dos sujeitos (professora e alunos) com relação ao objeto (*blog*) proposto, fazendo anotações sobre situações relevantes para a compreensão dos dados.

- **Compreensão e tratamento dos dados:** essa fase seguiu-se à conclusão da coleta dos dados. Nela, procuramos superar os três grandes desafios citados por Minayo (1996): (1) *a ilusão da transparência*, definida por Bourdieu como uma compreensão espontânea da realidade, nitidamente revelada ao pesquisador por meio dos dados; (2) *a magia dos métodos e técnicas*, entendida como uma supervalorização destes em detrimento da fidedignidade às significações inerentes ao material coletado e à dinâmica das relações sociais existentes no contexto; (3) *o relacionar a teoria com o material empírico*, que ocorre, principalmente, em estudos cuja elaboração teórica fica distanciada da descrição dos dados, feita pelo(a) pesquisador(a) (MINAYO, 1996 apud BEZERRA, 2006).

Para Minayo (1996), na interpretação dos dados coletados devemos ter como principais objetivos: *ultrapassar a incerteza* através de uma leitura crítico-reflexiva que possibilite a validação da interpretação feita pelo pesquisador; *enriquecer a leitura* com a compreensão das significações e a descoberta de conteúdos latentes (ler os silêncios); *integrar as descobertas*, ampliando a compreensão de contextos culturais com significações que vão além do que está explícito nas mensagens.

Em nossa pesquisa, o tratamento dos dados foi precedido por procedimentos de seleção e categorização do material coletado, conforme descrevemos a seguir.

A seleção consiste, segundo Marconi e Lakatos (1996, p. 31), numa “[...] verificação crítica, a fim de detectar falhas ou erros, evitando informações confusas, distorcidas, incompletas, que podem prejudicar o resultado da pesquisa”. Para tanto, fizemos uma leitura prévia dos dados à medida que eles eram coletados. Aproveitamos esses momentos de leitura dos questionários e transcrição da entrevista para marcarmos, nos textos, os trechos que considerávamos mais significativos para a nossa análise.

A categorização foi uma tarefa complexa, uma vez que as categorias teóricas e empíricas surgiram da correlação entre o referencial teórico e o *corpus* de dados de nossa pesquisa. Por vezes, o conjunto inicial de categorias pode ser modificado ao longo do estudo, a partir do embate constante entre teoria e empiria, evidenciando novas concepções e novos focos de interesse (LÜDKE; ANDRÉ, 1986). A criação das categorias empíricas desta pesquisa não obedeceu a regras, padrões ou normas pré-estabelecidas (BEZERRA 2006).

Realizamos os procedimentos de tratamento e análise a partir do estudo criterioso dos dados selecionados e categorizados, oriundos da entrevista, dos questionários e da nossa

observação. Nessa fase, procuramos responder às questões de pesquisa, descrevendo, interpretando e buscando compreender a realidade apreendida sob o nosso ponto de vista, relacionando os dados empíricos com a teoria, em busca de ampliar-lhes os significados.

Ao finalizarmos nossa análise, prosseguimos à elaboração do relatório de pesquisa, no qual procuramos apresentar, de forma organizada e abrangente, o objeto de nosso estudo, com o intuito de contribuir para o aprofundamento científico do mesmo a partir dos conhecimentos construídos na investigação.

5.3. INSTRUMENTOS DE PESQUISA: ENTREVISTA, QUESTIONÁRIO E OBSERVAÇÃO

Nessa fase do processo, há que se definir que instrumentos serão utilizados, de acordo com os objetivos propostos e procedimentos adotados. Os mais frequentes e comumente usados são os questionários e os roteiros de entrevista (KUNSCH, 2006). É bom lembrarmos que, fazendo uma pesquisa qualitativa, outros instrumentos de análise surgem independentes dos escolhidos previamente. Além disso, obviamente, a participação nos *blogs*, com comentários ou *postagens*, os textos e outros materiais e, os comportamentos observáveis em sala, são todos instrumentos de análise. E através desses instrumentos, é a análise quem vai apontar mudanças decorrentes da nova experiência pedagógica a que foram submetidos.

Entrevista

A entrevista (Apêndice C) foi escolhida por ser um instrumento privilegiado que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer. É considerada um instrumento importante de coleta de dados para as Ciências Humanas e Sociais (DUARTE; BARROS, 2006, p. 62).

Utilizamos essa técnica porque, segundo Minayo, durante a coleta de dados através da entrevista ocorre uma situação de interação entre os sujeitos envolvidos (pesquisador(a)/pesquisado(a)) que pode afetar as informações obtidas, alertando-nos para a compreensão das relações de poder e dos aspectos de dominação implícitos nas investigações sociais. Afirma, também, que a entrevista tem como princípio básico a certeza de que as informações estão submetidas a um controle, por parte do entrevistado, no decorrer de todo o

processo. A compreensão dessa premissa e desse princípio pode colaborar para uma interpretação mais crítica dos dados no momento da análise (MINAYO, 1996 apud BEZERRA, 2006). Dessa forma os dados não são apenas colhidos, mas também resultado de interpretação e reconstrução pelo pesquisador, em diálogo inteligente e crítico com a realidade. O uso da entrevista possibilita ainda identificar problemas, obter juízo de valor, caracterizar a riqueza de um tema e explicar fenômenos de abrangência limitada (DUARTE, 2006, p. 62).

Optamos pela entrevista semi-aberta por ter origem em um roteiro-base que atendeu aos interesses da pesquisa. Ela “parte de certos questionamentos básicos, apoiando-se em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante” (TRIVIÑOS, 1990, p. 146). A lista de questões baseou-se no problema de pesquisa e buscou tratar da amplitude do tema, apresentando cada pergunta da forma mais aberta possível (DUARTE, 2006, p. 66).

O roteiro apresentou poucas questões, mas suficientemente amplas para serem discutidas em profundidade sem que houvesse interferências entre elas ou redundâncias. Conduzimos a entrevista valorizando o conhecimento do entrevistado, mas tendo o cuidado de ajustar esse conhecimento ao roteiro que elaboramos.

Com o intuito de atender aos interesses da pesquisa e responder a seus questionamentos, elencamos os seguintes pontos considerados fundamentais para o roteiro da entrevista:

1. Descrever as concepções do professor sobre o uso do *blog* como espaço de aprendizagem/complemento ao conteúdo disciplinar;
2. Detectar os desafios inerentes à utilização desse ambiente midiático como suporte didático.

Questionamentos relacionados:

1. Qual a sua opinião sobre a experiência de ter um *blog* sendo usado em conjunto com uma disciplina?

2. Os alunos responderam, através dos questionários, que faltou mais interesse em usar o *blog* porque não houve incentivo suficiente. O que você pensa sobre isso? O que poderia ter sido feito para aumentar o interesse desses alunos?
3. No seu entendimento, o *blog* aumentou a interação entre aluno/aluno e professor/aluno?
4. É comum que em experiências como essa quando termina a disciplina, o *blog* deixa de ser “alimentado”. Por que você acha que isso acontece?
5. Você considera o *blog* um espaço de aprendizagem? De que forma?
6. Quais os maiores desafios inerentes ao uso do *blog* como suporte didático?

Durante a aplicação dessa técnica, consideramos que o momento da entrevista “[...] não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa, que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada” (CRUZ NETO, 1998, p. 57).

Uma boa pesquisa exige fontes que sejam capazes de ajudar a responder sobre o problema proposto. Elas deverão ter envolvimento com o assunto, disponibilidade e disposição em falar. Segundo Duarte:

Nos estudos qualitativos, são preferíveis poucas fontes, mas de qualidade, há muitas, sem relevo. Desse modo, e no limite, uma única entrevista pode ser mais adequada para esclarecer determinada questão do que um censo nacional. Por isso, é importante considerar que uma pessoa somente deve ser entrevistada se realmente pode contribuir para ajudar a responder à questão de pesquisa (DUARTE, 2006, p. 68).

Realização da entrevista

Foi partindo do pressuposto citado por Duarte, que entrevistamos a professora Helena, por considerarmos a sua fala de fundamental importância para obtermos informações que não teríamos apenas com a aplicação do questionário. A entrevista aconteceu no dia e hora marcados, durando, em média, 35 minutos que transcorreram de forma segura e tranquila, em ambas as partes. Escolhemos um lugar silencioso, apesar de aberto, para a realização da entrevista, que seguiu um roteiro (já explicitado) de pesquisa previamente elaborado, contendo questionamentos referentes aos objetivos da pesquisa. Procuramos não interromper a fala da entrevistada para dar a liberdade que se faz necessária em situações como essa. Por isso, não limitamos o tempo da entrevista nem tentamos apressá-la durante as

respostas. As interlocuções que fizemos em meio a algumas respostas foram no sentido de questioná-la acerca de informações que não ficaram suficientemente claras para nós, ou ainda, inquiri-la com base em algum dado que tenha sido revelado em suas respostas.

A entrevista foi realizada próxima a cantina do setor de aulas I, do curso de Pedagogia da UFRN. Nesse momento havia algumas poucas pessoas no ambiente, além da pesquisadora e da professora, mas que de nenhum modo interferiram na realização da entrevista.

Fizemos o registro da fala utilizando um gravador de voz, o que possibilitou a captação literal e integral do que estava sendo dito, com o devido conhecimento e autorização da fonte. O gravador possui a vantagem de evitar perdas de informação, minimizar distorções, facilitar a condução da entrevista, permitindo fazer anotações sobre aspectos não verbalizados que consideramos relevantes para nossa análise. Realizamos a transcrição da entrevista logo após a sua realização.

A professora Helena mostrou-se acessível à realização dessa técnica, demonstrando entusiasmo e disponibilidade em colaborar. Acreditamos que seu interesse pessoal na experiência proposta e, o fato deste ser um projeto de pesquisa desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN, contribuíram com sua postura aberta.

De acordo com Duarte o sujeito entrevistado é classificado como informante-chave. Esses informantes são considerados, segundo o autor, “fontes de informação fundamentais por estarem profunda e diretamente envolvidos com os aspectos centrais da questão, o que faz com que não serem entrevistados possa significar grande perda” (DUARTE, 2006, p. 70).

Questionário

Como desejávamos abranger um grupo de sujeitos que representassem as duas turmas escolhidas para a realização da pesquisa, decidimos usar, também, o questionário (Apêndice D) como instrumento para coleta de dados junto aos(as) aluno(a)s que, voluntariamente, se dispuseram a participar da pesquisa. Com isso, todo o nosso universo da pesquisa (professora e alunos da disciplina escolhida) foi inserido na coleta de dados.

O início do processo de elaboração do questionário foi a compilação dos dados disponíveis sobre o assunto, partindo do escopo da pesquisa. O estudo buscou apreender o imaginário do público-alvo (os alunos das duas turmas) sobre o tema – “Potencialidades do Uso do *Blog* em Educação”.

A elaboração

Segundo Novelli (2006), o questionário pode ser composto de perguntas abertas e/ou fechadas. A opção por uma ou por outra forma, está relacionada ao direcionamento dos objetivos da pesquisa. Nas perguntas abertas, o próprio aluno pôde formular livremente sua resposta em forma de texto. Nas perguntas fechadas o aluno teve que selecionar uma ou mais opções dentre uma lista de respostas apresentadas.

No momento de redigir as perguntas do questionário, consideramos a objetividade e a clareza para facilitar o entendimento das questões. A linguagem utilizada foi adaptada aos sujeitos da amostra, ou seja, uma linguagem genérica, abrangente e simples. Tomamos como referencial a linguagem dos veículos de comunicação como parâmetro de linguagem popular. Procuramos evitar termos que pudessem provocar compreensões equivocadas ou distorções nas respostas. Contudo, no primeiro questionário, aplicado à turma 2007.2, duas perguntas (as de número 07 e 10) foram mal elaboradas e por isso geraram respostas, possivelmente, equivocadas. Em função disso, essas perguntas, para efeito de análise da pesquisa, foram desconsideradas, por não refletirem a realidade. No questionário aplicado à segunda turma (2008.1), tomamos o cuidado de re-elaborar essas perguntas para evitar uma má interpretação por parte dos alunos pesquisados.

Os questionários foram aplicados em duas turmas, de semestres diferentes, do curso de Pedagogia da UFRN. Todos com um texto introdutório sobre o assunto que estava sendo pesquisado, com a indicação de que o aluno foi escolhido por pertencer a um grupo específico, a indicação de qual instituição estava promovendo a pesquisa, a indicação de que sua participação seria muito importante e sua opinião valorizada, a indicação de que as respostas seriam confidenciais e anônimas e por fim, que sua participação seria absolutamente voluntária.

Os questionários foram elaborados com perguntas abertas e fechadas. As perguntas abertas possibilitaram conhecer, de forma mais profunda e espontânea, a opinião dos sujeitos pesquisados sobre o assunto abordado, permitindo uma variedade maior de respostas. Essas perguntas tiveram um direcionamento avaliativo sobre a pesquisa realizada. As perguntas fechadas foram elaboradas pensando na obtenção de respostas pré-determinadas, facilitando-nos assim, a elaboração de resultados estatísticos. As perguntas de múltipla escolha nos mostraram uma gama maior de respostas sobre um mesmo assunto. Essas questões foram elaboradas de tal modo que nos permitissem traçar um perfil dos sujeitos que participaram da pesquisa e sua avaliação com relação à experiência vivenciada.

As perguntas do questionário também foram formuladas de modo a permitir a livre expressão das opiniões dos sujeitos. Tentamos evitar ao máximo a indução ou direcionamento das respostas. Lemos cada uma das questões e perguntamo-lhes se estavam claras, se eles tinham alguma dúvida ou sugestão a acrescentar. Explicamos, oralmente, o sentido de cada pergunta, porque essas informações não estavam descritas no questionário. Como não surgiram colocações nem dúvidas, procedemos à aplicação do instrumento. O questionário foi respondido, individualmente, pelo(a)s aluno(a)s em sala de aula, tendo nosso acompanhamento durante todo o processo. Dispusemo-nos a prestar quaisquer esclarecimentos acerca das questões, utilizando o método de contato direto.

A aplicação

O primeiro questionário foi aplicado na turma, 2007.2, no início do semestre, com a devida concordância da professora e dos alunos. Dos 37 alunos matriculados, 24 estavam presentes e responderam ao questionário. Tudo transcorreu sem dificuldades ou dúvidas. Por fim, as folhas foram colocadas pelos alunos dentro de um envelope que estava visível a todos. O processo durou em torno de 25 minutos.

O segundo questionário foi aplicado a essa mesma turma, na penúltima semana de aula, o que coincidiu com a data da apresentação dos trabalhos finais da disciplina. É oportuno salientar que essa apresentação foi feita numa sala multimídia, usando um computador, conectado à Internet, utilizando o *blog* proposto e construído para a pesquisa. Pensando em atingir um número grande de participações, aplicamos o questionário antes da exposição dos trabalhos relacionados à disciplina “Ensino de Geografia I”.

Os questionários foram entregues aos alunos à medida que foram chegando à sala de aula. As perguntas foram quase todas respondidas por completo, apesar de termos observado certa ansiedade e pressa por parte dos alunos, em virtude da avaliação que teriam em seguida. Depois de finalizados, foram colocados pelos próprios alunos dentro de um envelope que estava em cima de uma mesa, na sala de aula. Participaram da coleta de dados os 31 alunos presentes na aula. Não apresentaram nenhuma dúvida para realizar a tarefa que foi completada em duas horas e meia, o tempo que durou a aula, pois alguns alunos aguardaram o fim das apresentações dos trabalhos para responderem às questões com mais atenção.

Na turma de 2008.1 aplicamos o questionário no último dia de aula. Uma semana antes os alunos tiveram a avaliação da disciplina e, por isso decidimos não apresentar o questionário, como fizemos na turma anterior. Pensamos no possível desconforto que poderia

causar, em alguns alunos, participar dessa atividade no mesmo dia em que estavam se submetendo a uma prova subjetiva, relacionada à disciplina.

Esse foi o terceiro momento da aplicação dessa técnica, a qual enfrentamos algumas dificuldades. A maior delas foi termos optado pelo último dia de aula para a aplicação do questionário e, em virtude disso, poucos alunos estavam presentes. A turma tinha 32 alunos que frequentavam as aulas, mas nesse dia apenas 18 alunos compareceram. Como não tínhamos outro dia para realizar a técnica, tivemos que aplicá-la mesmo assim. Dos alunos que estavam presentes, apenas 04 não responderam. Um deles porque é deficiente visual e, os outros três se retiraram da sala no momento da aplicação do questionário. Os demais responderam com tranquilidade, com atenção e quase sem dúvidas. As poucas que existiram e que esclarecemos prontamente foram: se podiam deixar perguntas em branco, se podiam corrigir respostas que logo perceberam erradas e, se podiam, no caso das perguntas de múltipla escolha, ter mais de uma resposta.

Antes de entregarmos o questionário, conversamos com os alunos mais uma vez sobre o objetivo da pesquisa, explicamos o porquê daquele questionário e os orientamos no sentido de não se identificarem, a fim de proporcioná-los uma maior liberdade nas respostas. Pedimos, também, que respondessem, com sinceridade e responsabilidade, as questões expostas por se tratar de uma pesquisa de mestrado. Os questionários foram respondidos, individualmente, pelo(a)s aluno(a)s em sala de aula. Do início ao término se passaram 30 minutos.

Todo o material foi analisado de modo a, em um primeiro momento, localizar as categorias empíricas relevantes ao estudo e, em num segundo momento, sistematizar as categorias de modo a concentrá-las em aspectos que refletissem a fundamentação teórica do trabalho.

Durante todas as etapas da investigação, elaboramos a construção teórica e revisão da literatura que dão fundamento ao trabalho. Os aportes surgidos durante o processo possibilitaram que ações, práticas e estratégias se auto-organizassem de modo a aprimorar o trabalho em sua totalidade.

Observação

Por acreditarmos que toda pesquisa é resultado, também, das observações e impressões do pesquisador foram feitas, paralelamente aos instrumentos de coleta citados,

observações assistemáticas. Registramos, em um bloco de papel, situações que consideramos relevantes para uma melhor compreensão dos dados da pesquisa.

A interpretação propriamente dita procurou extrair os aspectos relevantes da análise anterior, comparando-os dentro da fundamentação teórica com objetivos da investigação e verificando as possibilidades de resposta às questões da pesquisa.

6 POTENCIALIDADES DO USO DO BLOG EM EDUCAÇÃO

Neste capítulo, apresentaremos os resultados obtidos na pesquisa, cujo universo foi composto por uma docente e duas turmas de discentes do curso de Pedagogia da UFRN. As categorias surgiram no momento da pré-análise, seleção e categorização dos dados coletados e, representam os elementos mais relevantes e recorrentes, destacados a partir das *postagens* registradas no *blog* utilizado para esse fim. Com o intuito de nos aproximarmos, ao máximo da realidade vivenciada no campo de estudo, optamos pela seleção de um grupo de sujeitos que representasse uma boa amostragem, tendo em vista o tempo limitado para o término da pesquisa, visando à validação dos dados coletados e a confiabilidade da análise.

Como já mencionado, no capítulo anterior, os sujeitos que compuseram o universo da pesquisa foram uma professora e, alunos do curso de Pedagogia da UFRN, que estavam devidamente matriculados na disciplina Ensino da Geografia I, nos períodos 2007.2 e 2008.1, no turno da tarde.

No texto que se segue, destacamos as potencialidades educativas evidenciadas a partir do uso dos dois *blogs*, construídos para esse estudo, visando atender ao objetivo geral da pesquisa. Procuramos fundamentar teoricamente as potencialidades observadas, conceituando-as de acordo com estudos elaborados por autores que, do nosso ponto de vista, são de grande relevância para a educação. Identificamos ainda, os pontos nevrálgicos encontrados a partir da leitura dos dados coletados e ressaltamos os ditos, contraditos e não-ditos, evidenciando elementos imprescindíveis à reflexão.

Subsidiaram nossa discussão, os estudos realizados pelo grupo da Combase (Base de Estudos e Pesquisas em Meios de Comunicação e Educação), por Freire (1999; 2002; 2005) e Bakhtin (1988; 1997) sobre “diálogo”; Weber (1987) e Palacios (1998) em que ressaltamos o conceito de “comunidade”; e acrescentamos os estudos elaborados por Lévy (1999) e Kenski (2003) para discutirmos a respeito de “comunidade virtual”; Kenski (2003), Fiorentini (2004), Palangana (2001), Neves e Filho (2000), Vygotsky (1999) e Daniels (2003), donde destacamos o conceito de “aprendizagem colaborativa”; e Kenski (2003) e Primo (2007) que nos apresenta uma discussão sobre “interação” que, juntamente com outros autores, suscitaram reflexões que consideramos pertinentes acerca das concepções que predominaram nos nossos dados empíricos.

6.1. POTENCIALIDADES

A apreensão do conhecimento na perspectiva das TIC's, ao ser assumida como possibilidade didática, exige que, em termos metodológicos, também se oriente a mediação docente com base em uma nova lógica, uma nova cultura, uma nova sensibilidade, uma nova percepção.

Até algum tempo atrás havia espaços definidos para ensinar e aprender: escolas, campus, bibliotecas... . Porém, nesse momento da vida, em que as TIC's atravessam o nosso cotidiano, esses espaços foram ampliados. Sendo assim, a condição da prática pedagógica passa a requerer do educador a disponibilidade de um espírito de vigilância permanente para superar dificuldades que possam surgir em situações vivenciadas pelos alunos e pelo próprio professor. A superação dessas dificuldades depende, em parte, da percepção das condições existentes através do uso da tecnologia.

Observando atentamente tudo que foi escrito nos *blogs* evidenciamos algumas potencialidades, vejamos:

Diálogo

Freire (2002) afirma que o diálogo é que caracteriza a comunicação. Dialogar, na concepção de Paulo Freire (1999), é assumir posturas mais críticas e conscientes da realidade para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la. Acompanhamos o autor quando diz que “o diálogo é um ato de criação e recriação” (FREIRE, 1999, p. 92). É o encontro dos homens mediados pelo mundo. “É a co-participação dos sujeitos no ato de pensar” (FREIRE, 2002, p. 66). E segue afirmando:

Por isso, o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes (FREIRE, 1999, p. 91).

Alguns textos escritos ²¹ por alunos que participaram da pesquisa sugerem essa postura crítica (que estão sublinhadas), citada por Freire. Vejamos:

26/04/2008
<p><u>É necessário que o professor ao articular o desenvolvimento do seu aluno</u> no que se refere a habilidade de interpretação cartográfica, compreenda os estágios de Piaget, <u>compreendendo os seus limites e possibilidades em cada fase</u>, trabalhando com a criança proporcionando a reflexão sobre os espaços, <u>ajudando a construir e desenvolver a habilidade de representação espacial</u>, auxiliando no desenvolvimento da de diversas perspectivas de um mesmo objeto, estabelecendo relações proporcionais entre os objetos, estimulando a construção de maquetes.</p> <p>Rita</p> <p>Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 21h34</p> <p>[(0) Comente] [envie esta mensagem] [link]</p>

No *post*²² fica claro que a aluna apresenta uma noção crítica da realidade, quando afirma que o professor necessita articular o conhecimento com o desenvolvimento do seu aluno, compreendendo seus limites e possibilidades. Em outro *post*, uma aluna reconhece a contribuição do estudo cartográfico, no que diz respeito a compreensão de mapas e a percepção do seu espaço de vivência; o que demonstra uma visão crítica do conhecimento aplicado. Notamos, ainda, o entendimento do “criar e recriar” que Freire (1999) relaciona com o conceito de diálogo, quando a aluna propõe que o professor deve usar brincadeiras, jogos infantis e construções de maquetes para o desenvolvimento e entendimento da cartografia. Observe:

27/04/2008
<p><u>Sabemos que o estudo da cartografia contribui para que os alunos compreendam e utilizem os mapas</u>, sintetiza informações, expressa conhecimentos, estuda situações, etc. Sempre envolvendo a organização e distribuição do espaço. E que a linguagem cartográfica <u>possibilita à criança desenvolver a capacidade de percepção do seu espaço de vivência</u>, através da simbologia, capaz de</p>

²¹ É importante esclarecer que os textos, ou fragmentos, copiados dos *blogs* e colados no *corpus* do trabalho, serão mantidos com a grafia original, independente de eventuais erros de português (acentuação, pontuação, concordância, falta de letras etc.). Por razões éticas e para resguardar o anonimato, usaremos nomes fictícios.

²² Nome dado aos textos publicados em *blogs*.

codificar as informações para representar a espacialidade dos fenômenos geográficos, de forma gradual e contínua. Portanto imprescindível para atingir os níveis de abstração necessários à construção do saber geográfico.

Diante disso, fazem-se necessárias para o ensino de mapas que tem como princípios a reflexão, a construção de modelos tridimensionais e gráficos, a problematização e a participação ativa dos alunos. Para assim, desenvolver o domínio sobre o espaço através de sua representação. Para isso, é preciso como já foi falado, que o professor tenha conhecimento da teoria de Piaget acerca dos estágios de desenvolvimento mental, onde poderá ficar ciente da maturação que a criança precisa atingir, e conhecimento do nível de entendimento, de aprendizagem em que o aluno se encontra podendo, assim, adequar os conteúdos e materiais didáticos àquele nível. O professor poderá usar brincadeiras e jogos infantis, propôr a construção de maquetes e desenhos de mapas de trajetos familiares às crianças. Mas não pode deixar de ensinar, a cada etapa, os conceitos cartográficos envolvidos.

Carol C.A. Brandão

✎Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 10h46

[(0) Comente] [envie esta mensagem] [link]

Ainda com base no conceito de diálogo, trazido por Paulo Freire (1999), encontramos outros trechos que caracterizam essa consciência da realidade para melhor compreendê-la e assim, transformá-la. Essa noção da realidade pode ser percebida quando o aluno escreve que “os professores devem abordar o estudo da cartografia de forma coerente com a realidade de seus alunos”; quando sugere que “os professores devem trabalhar o espaço em que a criança se locomove, como sua casa e seu bairro”, contribuindo para a construção dos espaços geográficos que o aluno está inserido. Quando se fala em “trabalhar o espaço em que a criança se locomove”, entendemos que se trata de compreender o ambiente em que se vive para, a partir disso, ter a possibilidade de contribuir para a construção, ou seja, transformá-lo. Acompanhe:

30/04/2008

Mesmo antes do ingresso na escola, a criança observa, pergunta e procura explicar o mundo em que vive. Esse modo de ler nosso dia-a-dia está impregnado de geografia. Na escola é importante que o aluno possa ampliar, rever, reformular e sistematizar as noções que contruiu de forma espontânea, através de conteúdos da geografia. Todas as crianças apresentam noções espaciais, que irão ganhar novas dimensões a cada estágio de desenvolvimento proposto pela teoria piagetina.

A abordagem psicológica piagetiana apresenta o desenvolvimento mental da noção de espaço na criança como uma construção, na qual há uma interação entre a percepção e a representação espaciais. Mas convém destacar que o desenvolvimento do espaço, como não poderia deixar de ser, é coerente com o desenvolvimento mental da criança como um todo. Os professores devem levar em consideração a percepção e a representação espaciais das crianças em cada estágio de desenvolvimento e abordar o estudo cartográfico de forma coerente com a realidade de seus alunos. Além disso, as atividades propostas pelos professores devem trabalhar o espaço em que as crianças se locomovem, como sua casa, seu bairro e assim por diante. Isso contribuirá para a construção do espaço no aluno, proporcionando a análise das relações que ocorrem no espaço geográfico aos quais os alunos estão inseridos.

Vinicius De Melo

✎ Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 10h45

[(0) Comente] [envie esta mensagem] [link]

02/05/2008

Dar ao aluno a oportunidade de operacionalizar, pessoalmente, os referenciais espaciais, aplicando-os em situações concretas que exijam sua iniciativa;

Texto escrito por Larissa.

✎ Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 20h22

[(0) Comente] [envie esta mensagem] [link]

Neste último recorte, podemos perceber o entendimento da aluna sobre compreender a realidade e, ter a possibilidade de transformá-la quando diz que o aluno deve ter a oportunidade de, ele mesmo (“pessoalmente”), operacionalizar os referenciais espaciais para aplicá-los “em situações concretas”, ou seja, reais.

Em outro texto, encontramos uma clara demonstração de consciência da realidade, quando a aluna afirma que, a cartografia deve contemplar situações do cotidiano para que possa ser compreendida de uma forma mais agradável.

09/05/2008

Além disso, as atividades em prol do aprendizado de cartografia devem contemplar, principalmente, situações cotidianas para que o aluno encare de maneira lúdica, familiar, agradável e significativa a aprendizagem da representação cartográfica.

Georgia Ramalho Dias.

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 01h34

[(0) Comente] [envie esta mensagem] [link]

Se compreendermos melhor a realidade, o contexto das situações em que estamos inseridos e, aliarmos o que aprendemos nas instituições de ensino, com o nosso cotidiano, teremos condições de melhor entender e transformar essa realidade. Freire (1999) afirma que somente transformamos a realidade quando produzimos ideias e agimos. Quando entendemos bem o que nos está sendo ensinado, produziremos mais ideias. Essas ideias são consideradas, pelo autor e, também por nós, como ações que produzirão novas ideias e novas ações. E, nesse movimento cíclico, a realidade é produzida e conhecida. Conhecendo a realidade, refletimos. E tal reflexão significa pensar a própria existência e suas condições, tendo a consciência de que somos sujeitos transformadores da realidade e de que tais realidades interferem, diretamente, nas nossas formas de pensar e agir.

E é assim que acontece o diálogo: construindo situações em situações. Para Freire (1999), o diálogo é a relação criativa dos sujeitos no mundo, produzindo sua história de forma consciente/crítica e, assim, construindo-se, pensando, crescendo, transformando e, não se adaptando fatalisticamente a uma realidade desumanizante.

Para Mikhail Bakhtin (1988), o diálogo é uma relação ampla, heterogênea e complexa porque é uma relação de sentido. É estar em relação com o outro/com o mundo/conosco, sendo, dessa forma, uma criação coletiva/cultural. Para o autor, a vida é naturalmente dialógica, uma vez que não somos indiferentes ao mundo, aos outros e a nós mesmos. Confrontamo-nos, a todo instante, por meio de vozes, entoações, crenças, valores, formas diferentes ou semelhantes de pensar, sentir, conhecer e agir, que silenciam ou não, concordam ou não e estão sempre axiologicamente ligadas.

Vários textos demonstram essa concordância com o pensar do outro. Vejamos:

16/05/2008

Como a Luana colocou, as noções contruídas pela criança através da cartografia é de extrema importância para entender o espaço onde está inserido e as relações com outros espaços.

Amanda Bezerra

✎ Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 11h12

[(0) Comente] [envie esta mensagem] [link]

30/04/2008

Piaget afirma em algumas de suas obras que as noções de espaço são paralelas às demais construções que ocorrem nas crianças desde o nascimento. Esta construção processa-se como já foi dito anteriormente, por etapas, caracterizadas em estágios e subestágios.

FÁTIMA XAVIER

✎ Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 17h20

[(0) Comente] [envie esta mensagem] [link]

Também encontramos, nos comentários²³, passagens que apresentam o que consideramos um diálogo entre os sujeitos.

[Lúcia] [priscilariana@hotmail.com]

Blz Luíza... Mas cadê a prova que a professora ficou de postar aqui no blog e no sigaa???? Queria começar a fazer logo, pois durante a semana não tenho muito tempo... Estarei na aula de sexta!!

29/03/2008 09:54

Destacamos mensagens que apresentam uma relação direta com a mensagem, anterior “Blz Luíza [...] Estarei na aula de sexta”. E mensagens relacionadas com as que a precedem “Mas cadê a prova [...]”, com isso podemos entender que, implicitamente, ela espera uma resposta a esse questionamento.

²³ Outro recurso oferecido pelo *blog*, como já foi explicitado anteriormente.

Não podemos deixar de citar que Paulo Freire aponta a **afetividade/amorosidade** como um sentimento importante para a prática do diálogo. “Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo”, diz o autor (FREIRE, 2005, p. 92). Apesar disso, encontramos nos textos *postados*, expressões, que demonstram essa afetividade para com o outro.

07/12/2007

Ei galerinha...

Coloquei no blog alguns links
que falam sobre a cartografia e a educação.
Se possível, dêem uma olhadinha.

Boas férias!!!!

Xero.

Sofia.

::Escrito por Alunos às 12h23

[(0) Comente] [envie esta mensagem] [link]

06/12/2007

Didática de Geografia

Oi meu povo! 🇧🇷

O nosso grupo (2) vai apresentar o livro **Didática de Geografia** de **Saete Kozel** e **Roberto Filizola**. A síntese feita ficou muito grande, por isso não vamos por aqui, mas vamos dar uma cópia para cada grupo, ok?

Um xero e até lá! 🍷👥

::Escrito por Alunos às 17h55

[(0) Comente] [envie esta mensagem] [link]

27/11/2007

Síntese do Grupo 1

Livro Didático

(...)

Pessoal, aí está nossa contribuição para o encerramento da disciplina Ensino da Geografia I.

Desejamos a todos um BOM NATAL e um ANO NOVO de MUITAS FELICIDADES!!!

Aline Melo

✎Escrito por Alunos às 18h16

[(2) Vários Comentários] [envie esta mensagem] [link]

14/03/2008

Estivemos conhecendo este blog, estamos amando aprender tudo isso!!!!

Ass: Larissa e Isabel!!!!!!!

✎Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 14h21

[(0) Comente] [envie esta mensagem] [link]

Compactuamos com Bakhtin (1997) quando ele afirma que é necessário haver mais de um sujeito (cultura/obra/autor) para existir encontro dialógico. Portanto, compreender dialogicamente, para este autor, é também encontrar o novo, o desconhecido; é criação. Dialogar significa ser construído como sujeito a partir do outro. Como diz Freire, “diálogo é a co-participação dos sujeitos no ato de pensar” (FREIRE, 2002, p. 66).

A partir disso, podemos considerar que o nosso *blog* nos proporcionou um diálogo, pela existência de vários sujeitos, com crenças, valores e pontos de vista diferentes, em que a voz do outro foi sempre respeitada.

Seguimos Freire (2005) quando afirma que em um ambiente dialógico, de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais, partindo de uma relação horizontal em que a confiança, de um pólo no outro, é consequência óbvia.

Se a fé nos homens é um dado *a priori* do diálogo, a confiança se instaura com ele. A confiança vai fazendo os sujeitos dialógicos cada vez mais companheiros na *pronúncia* do mundo. Se falha esta confiança, é que falharam as condições discutidas anteriormente. Um falso amor, uma falsa humildade, uma debilitada fé nos homens não podem gerar confiança. A confiança implica o testemunho que um sujeito dá aos outros de suas reais e concretas intenções (FREIRE, 2005, p. 94, grifo do autor).

Quando apresentamos às turmas a proposta de usar o *blog* como apoio à disciplina, que estava sendo estudada (Ensino de Geografia I) esclarecemos que este (o *blog*) seria um

ambiente de criação, de liberdade, de respeito à opinião do outro, em que ataques pessoais ou argumentações pejorativas para quaisquer pessoas não seriam permitidos e, acima de tudo, esperávamos ser este, um ambiente de extrema confiança. Por que isso precisou ser ressaltado? Porque quando o *blog* foi criado, uma senha de acesso foi fornecida a todos os alunos da turma. Com isso, todos eles poderiam escrever ou apagar o que quisessem, quando quisessem e, ainda “assinar” com o nome que quisessem. Logo, se o *blog* não fosse tratado com respeito e seriedade, se não houvesse confiança mútua, ingredientes imprescindíveis ao diálogo, problemas sérios poderiam surgir a partir de possíveis inverdades ou escolha de palavras “chulas”. Notamos isso no trecho que se segue:

07/03/2008
<p>Olá, pessoal! Sejam bem-vindos ao nosso <i>blog</i>. Esse espaço será reservado a discussões acerca da disciplina Ensino da Geografia I. Vocês também poderão sugerir <i>links</i>, fotos, textos, informações e comentários relacionados com assuntos de interesse dessa disciplina. <u>Peço a todos que tenham responsabilidade e seriedade com tudo que for escrito aqui. Precisamos ter confiança uns nos outros e escolher bem as palavras que serão registradas, nesse ambiente midiático. Por isso, as <i>postagens</i> que não corresponderem aos temas ligados à disciplina, serão excluídas, ok? 👍</u></p> <p>Luíza Costa</p> <p>🕒 Escrito por Luízaeduc às 14h24</p> <p>[(1) Apenas 1 comentário] [envie esta mensagem] [link]</p>

Destacamos neste *post* os esclarecimentos sobre o intuito do ambiente midiático e, sua restrição a assuntos ligados a uma disciplina específica (Ensino de Geografia I). Nossa intenção não foi limitar o aluno, fechá-lo em uma “regra”, pois sabíamos que a partir do momento que o grupo se sentisse à vontade em relação ao *blog*; outros temas pessoais acabariam entrando nas *postagens* ou nos comentários. Pretendíamos com essas “orientações” apenas tentar alcançar uma funcionalidade e objetividade entre os interlocutores ressaltando a nossa expectativa com relação à seriedade, a pertinência das informações, responsabilidade e confiança com que esse espaço deveria ser tratado.

Paulo Freire condiciona o diálogo à humildade, ao reconhecimento do próprio “não saber”, da ignorância. Na visão do autor, não devemos pensar na auto-suficiência, nem sermos arrogantes, acreditando que a ignorância está sempre no outro e, nunca em nós.

Não há, por outro lado, diálogo, se não há humildade. A *pronúncia* do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante.

O diálogo, como encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir, se rompe, se seus pólos (ou um deles) perdem a humildade.

Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim? (FREIRE, 2005, p. 92-93, grifo do autor).

Com base nesse conceito, entendemos que, assumir que não sabia determinado assunto, que não tinha interesse ou curiosidade, ou que aprendeu muito com determinada atividade, parabenizar o outro pela colaboração na construção de um conhecimento, é um ato de humildade, e isso foi evidenciado em vários textos.

14/03/2008

Estivemos conhecendo este blog, estamos amando aprender tudo isso!!!!

Ass: Larissa e Isabel!!!!!!!

✎Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 14h21

[(0) Comente] [envie esta mensagem] [link]

04/04/2008

Olá professora!!!

Adorei a aula na Estação Meteorológica, foi muito didática e acima de tudo muito satisfatória no sentido de sanar curiosidades.

Há! A prova estava muito boa 😊

Pessoal olhem este endereço: <http://sol.ccsa.ufrn.br/5sel/>

Beijos

✎Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 15h06

[(0) Comente] [envie esta mensagem] [link]

07/06/2008

Bem pessoal, também foi rica a oportunidade de participar desse blog, uma verdadeira ferramenta de aprendizagem! Agradeço as professoras desse semestre do Ensino de Geografia I e aos colegas

pelos momentos de aprendizagem compartilhados ao longo desse semestre! Bjus

Rita

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 13h45

[(0) Comente] [envie esta mensagem] [link]

06/06/2008

Aproveito para agradecer às duas docentes no ensino de geo.I desse semestre,que de forma conjunta nos deram a oportunidade de apreender conhecimentos de diferentes naturezas!!Nunca tinha imaginado que a geografia poderia me acrescentar tanto, vista minha dificuldade de interessar-me por essa disciplina, e que aprenderia a construir um blog!!!muito legal!

GLAUCIA ALVES MOREIRA

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 16h26

[(0) Comente] [envie esta mensagem] [link]

21/09/2007

Oiiiiiii gente, gostaria de dizer que pra quem não sabia nem o que era um blog...

rsrsrrrsrsrsrs

Agora tenho um....

<http://em-macario.zip.net>

Podem me visitar...

Lá não tem nada ainda. Esse é o principal detalhe...

rsrsrss

Escrito por Alunos às 19h51

[envie esta mensagem] [link]

É importante explicar que partimos do pressuposto de que quando alguém diz “estamos amando aprender tudo isso”, “sanar curiosidades”, “oportunidade de aprender conhecimentos”, “nunca tinha imaginado que [...] aprenderia a construir um blog”, “não sabia nem o que era um blog”, significa que antes daquele momento não se sabia daquele assunto. Consideramos implícito o reconhecimento da própria ignorância (não no sentido pejorativo, mas sim, no sentido de não ter conhecimento sobre algo) a respeito de um determinado assunto, o que, no nosso entendimento, significa um ato de humildade. As palavras de

agradecimento pelo que se aprendeu não deixam de ser, de certa forma, também uma atitude de humildade.

Acreditamos que foi aprendido mais do que isso tudo. Foram aprendidas as relações do diálogo produzidas através do *blog*. Assim, para essa reflexão, adotaremos a compreensão de que o diálogo aconteceu entre os sujeitos em que, aqui, analisado na forma escrita, consistiu-se no fato de um conhecer o outro por meio da leitura do que o outro escreveu, buscando, com a informação do outro, construir um conhecimento que, por sua vez, será transformado também em informação para ser disponibilizada para outro. Dessa forma, promovendo a comunicação que “é a co-participação dos sujeitos no ato de pensar” (FREIRE, 2002, p. 66).

Posto tudo isso, podemos considerar que o *blog* utilizado nessa pesquisa, como apoio a uma disciplina específica, nos proporcionou um ambiente dialógico, sim. Um espaço onde “muitas vozes” construíram reflexões, ideias, visões críticas e novos conceitos sob variados pontos de vista.

Sentimento de Pertencimento

Quando tratamos de um agrupamento de pessoas, em torno de interesses específicos, a exemplo desta pesquisa, regras, valores, limites, usos e costumes são estabelecidos. Cria-se, não só, um sentimento de pertencimento ao grupo, como uma identidade social que os distingue de outros agrupamentos existentes. Essa construção social flui do desejo coletivo de pertencer a um determinado grupo e sobrevive enquanto houver interesse de seus participantes em desfrutar desse espaço como membros, pessoas, cidadãos (KESNKI, 2003).

Esse sentimento de pertencimento é visível em alguns textos escritos no *blog*. Por exemplo:

07/12/2007
<p><u>Ei galerinha...</u> Coloquei no blog alguns links que falam sobre a cartografia e a educação. Se possível, dêem uma olhadinha. Boas férias!!!!</p>

Xero.

Sofia.

::Escrito por Alunos às 12h23

[(0) Comente] [envie esta mensagem] [link]

14/03/2008

Oi pessoal, no link do paulo freire vocês irão encontrar algo sobre a ECOPEDAGOGIA assunto que a professora comentou hoje! Interessante né!

Ass: Larissa e Isabel!!!!

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 14h31

[(1) Apenas 1 comentário] [envie esta mensagem] [link]

01/04/2008

Hello,

Nossa 1a avaliação está disponível na sala virtual do **Sigaa/UFRN**. Ela deve ser respondida e remetida para meu e-mail até a próxima sexta, dia 04/04.

A propósito, que tal nossa visita a Estação Meteorológica? Gostaria de conhecer seus comentários.

Um abraço e não esqueçam o compromisso com Luíza postado abaixo. 😊

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 10h07

[(1) Apenas 1 comentário] [envie esta mensagem] [link]

06/06/2008

ola!!!

Até que em fim, literalmente, cheguei para deixar minha pequena participação nesse blog criado para nós e por nós...

Aproveito para agradecer às duas docentes no ensino de geo.I desse semestre, que de forma conjunta nos deram a oportunidade de apreender conhecimentos de diferentes naturezas!!

Abraço pessoal!

felicidades para todos e o melhor...

QUE DEUS ABENÇOE A TODOS!

GLAUCIA ALVES MOREIRA

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 16h26

[(0) Comente] [envie esta mensagem] [link]

07/06/2008

Nossa última aula!

Pessoal estou passando para avisar que encontrei a Prof^a Luíza e ela me avisou que essa próxima sexta-feira dia (13/06) haverá a nossa última aula, o fechamento da disciplina! Bjus

Rita

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 13h49

[(0) Comente] [envie esta mensagem] [link]

Bem pessoal, também foi rica a oportunidade de participar desse blog, uma verdadeira ferramenta de aprendizagem! Agradeço as professoras desse semestre do Ensino de Geografia I e aos colegas pelos momentos de aprendizagem compartilhados ao longo desse semestre! Bjus

Rita

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 13h45

[(0) Comente] [envie esta mensagem] [link]

Acreditamos que a noção de pertencimento tem origem no sentimento mútuo e, no sentimento de adesão a princípios e visões de mundo comuns, o que fazem com que as pessoas se sintam participantes de um espaço-tempo comum. Sublinhamos a ideia de pertencimento como uma capacidade humana de empatia entre subjetividades. O sentimento de pertencimento, ou “pertença”, seria a noção de que o indivíduo é parte do todo, que colabora para uma finalidade comum com os demais membros (caráter corporativo, sentimento de comunidade e projeto comum). O senso de pertencimento é aprofundado pela permanência de os membros do grupo em torno de um objetivo comum.

A ideia de pertencimento nos remete à ideia de “comunidade” que, a partir das TIC’s teve seu conceito transposto em função desses fenômenos. No entendimento de Weber (1987), o conceito de comunidade baseia-se na orientação da ação social. Para o autor, a

comunidade funda-se em qualquer tipo de ligação emocional, afetiva ou tradicional. O autor utiliza como exemplo básico de comunidade, a relação.

Chamamos de comunidade a uma relação social na medida em que a orientação da ação social, na média ou no tipo ideal- baseia-se em um sentido de solidariedade: o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes (WEBER, 1987, p. 77).

A ideia de comunidade moderna começou a se distinguir de seu protótipo antigo, apoiando-se em diferentes princípios de coesão entre os seus elementos constituintes, como o contraste entre parentesco e território, sentimentos e interesses etc. O conceito de comunidade foi identificado em diversos aspectos, como a coesão social, a base territorial, o conflito e a colaboração para um fim comum, e não mais a ideia de uma relação familiar.

Palacios (1998) enumera os elementos que caracterizariam essa comunidade: o sentimento de pertencimento, a territorialidade, a permanência, o caráter corporativo, a emergência de um projeto comum e, a existência de formas próprias de comunicação.

Como podemos observar, o termo “comunidade” evoluiu de um sentido quase “ideal” de família, comunidade rural, passando a integrar, com o passar do tempo, um maior conjunto de grupos humanos. É oportuno lembrar as comunidades formadas a partir da correspondência escolar. As pessoas estavam longe e as cartas eram seu instrumento de comunicação. “Na Pedagogia Freinet, a correspondência é o elemento essencial para estimular o equilíbrio, a comunicação, a expressão, a afetividade, a pesquisa, os conhecimentos, fonte permanente de realização individual e coletiva” (ELIAS, 1997, p. 67). A correspondência entre professores/alunos/escolas concorreu para ajudar a romper com o isolamento em que viviam. Pela primeira vez, os educadores trocam ideias sobre seus problemas cotidianos e procuram juntos os meios de resolvê-los.

A noção de comunidade como território limitado começa a ser substituída pela noção de comunidade como a de “mentes iguais”, ou de pessoas com pensamentos semelhantes. E com o passar do tempo, começam a surgir comunidades denominadas “comunidades virtuais”²⁴.

Segundo Pierre Lévy,

²⁴ Conforme esclarecemos anteriormente, embora se utilize, neste trabalho, com muita frequência, o termo “comunidade virtual”, não vemos diferença de uma comunidade real, nem vemos muita razão para a diferenciação. O maravilhoso é que podemos formar comunidades apesar das distâncias e da “diacronicidade” da relação. Essa é a nova sociabilidade que através das TIC’s, ampliamos enormemente.

Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais (LÉVY, 1999, p. 127).

Partindo desse conceito, entendemos que a atividade que desenvolvemos, com os alunos de Pedagogia, se configura em uma comunidade virtual. Formamos um grupo de pessoas com afinidades de interesses (cursar a disciplina Ensino da Geografia I), participando de um projeto comum (“O *blog* tem o intuito de estimular alunos e professores [...] a utilizar este ambiente midiático como um auxílio na construção do saber”), em um projeto de troca (“Terão discussões sobre o Ensino da Geografia, bibliografias sobre o assunto, relatos de atividades, fotos de passeios, dúvidas e comentários sobre as aulas”).

29/08/2007
<p><u>O <i>blog</i> tem o intuito de estimular alunos e professores da disciplina Ensino de Geografia I, do curso de Pedagogia, da UFRN, a utilizar esse ambiente midiático como um auxílio na construção do saber.</u></p> <p><u>Terão discussões sobre o Ensino da Geografia, bibliografias sobre o assunto, relatos de atividades, fotos de passeios, dúvidas e comentários sobre as aulas.</u></p> <p>A próxima aula será, sexta-feira (31/08), às 14:00, no Parque das Dunas, com o objetivo de experimentar espaços para a prática do Ensino da Geografia. Contamos com a presença de todos! 👍</p> <p>Sejam muito bem vindos</p> <p>Luíza Costa 🇧🇷</p> <p>Escrito por Alunos às 20h22</p> <p>[(1) Apenas 1 comentário] [envie esta mensagem] [link]</p>

Os sujeitos que participaram deste estudo não apresentaram a característica apenas de uma “comunidade virtual”, mas também, de uma “comunidade virtual de aprendizagem”. Kenski (2003) assim denomina as comunidades que emergem de cursos ou disciplinas. Nesse tipo de comunidade (de aprendizagem), o desejo dos seus membros – alunos e professores – é o de se manterem em contato, visando à aprendizagem (apreensão de conhecimento). A autora

cita algumas especificidades, das “comunidades virtuais de aprendizagem”, que encontramos na comunidade formada em função da pesquisa, por exemplo:

- Objetivos comuns a todos os seus membros;
- Igualdade de direitos e de participação para todos os membros;
- Definição em comum de normas, valores e comportamentos na comunidade;

07/03/2008

Olá, pessoal! Sejam bem-vindos ao nosso *blog*. Esse espaço será reservado a discussões acerca da disciplina Ensino da Geografia I. Vocês também poderão sugerir *links*, fotos, textos, informações e comentários relacionados com assuntos de interesse da disciplina. Peço a todos que tenham responsabilidade e seriedade com tudo que for escrito aqui. Precisamos ter confiança uns nos outros e escolher bem as palavras que serão registradas, nesse ambiente midiático. Por isso, as postagens que não corresponderem aos temas ligados à disciplina, serão excluídas, ok? 🍌

Luíza Costa

Escrito por Luízaeduc às 14h24

[(1) Apenas 1 comentário] [envie esta mensagem] [link]

- Centralização dos resultados a serem alcançados;

28/04/2008

Bom, muito bom! As anotações são pertinentes e avançamos a cada tópico postado.

Helena

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 08h33

[(0) Comente] [envie esta mensagem] [link]

- Trabalho em equipe;

06/05/2008

Olá, pessoal. Por favor coloquem um comentário!!!! OK! Não é necessario produzir um texto. Todas as respostas estão muito boas, continuem assim. valewwwww.....

Anônimo.

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 10h55

[(0) Comente] [envie esta mensagem] [link]

- Professores assumem o papel de orientadores e animadores da comunidade.

18/04/2008

Olá,

Não teremos aulas no próximo dia 25. Estarei participando de uma reunião do Departamento de Educação durante todo esse dia.

Oriento a leitura dos textos disponibilizados pois os mesmos serão objeto de nossa 2a avaliação, bem como a visita ao sítio: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/pnld2007_geo.pdf

Um abraço - Helena

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 10h44

[(0) Comente] [envie esta mensagem] [link]

Colaboração

A criação de ambientes virtuais tecnologicamente apropriados para a realização de atividades educacionais precisa ser complementada com ações que estimulem as atividades em grupo, em que possam atuar de forma colaborativa. Com a colaboração de cada um para a realização de atividades de aprendizagem, laços sociais são construídos.

Alguns autores usam colaboração e cooperação com o mesmo sentido, outros com sentidos distintos. Nesse texto, colaboração assume o sentido de um auxílio ao colega na realização de alguma tarefa ou a indicação de formas para acessar determinada informação. Ela pressupõe a realização de atividades de maneira coletiva, ou seja, a tarefa de um complementa o trabalho de outros (KESNKI, 2003, p. 112).

Concordamos, também, com Fiorentini (2004) quando diz que, na colaboração todos trabalham conjuntamente e se apóiam mutuamente, tendendo, dessa forma a um relacionamento não hierárquico.

Um exemplo prático de colaboração aconteceu em uma atividade proposta pela professora Helena: os alunos deveriam pesquisar sobre um tema relacionado ao conteúdo abordado na disciplina – a cartografia. Em seguida, os alunos foram orientados a *postar* uma resposta, em forma de texto, de preferência com *links* para outros textos, sobre uma questão

previamente elaborada pela professora. A produção *hipertextual* dos alunos foi registrada no *blog*, sendo então disponibilizada para acesso público através da Internet. Para realizar uma atividade desse tipo, foi necessário organizar um projeto coletivo, que mobilizasse diversos conhecimentos técnicos e competências cognitivas.

A partir disso, inferimos que a colaboração se dá na interação, ao mesmo tempo em que a interação se dá na colaboração, no acoplamento estrutural entre sujeitos, e não no aglomerado de pessoas que trabalham individualmente.

Contudo, o processo de ação colaborativa desencadeado nas “comunidades virtuais de aprendizagem” não dilui os participantes em um “coletivo de iguais”. Segundo Lévy (1999), na comunidade colaborativa cada um é um centro, ou seja, não existe um chefe, professor ou detentor do saber, mas uma circularidade de informações e trocas, visando ao alcance de objetivos que podem ser de todo o grupo, de um número restrito de pessoas ou, até mesmo, de uma única pessoa.

Pesquisadores da Universidade de Évora (apud KENSKI, 2003, p.126) informam que:

[...] a aprendizagem colaborativa destaca a participação ativa e a interação, tanto dos alunos como dos professores. O conhecimento é visto como um construto social e, por isso, o processo educativo é favorecido pela participação social em ambientes que propiciem a interação, a colaboração e a avaliação. Pretende-se que os ambientes de aprendizagem colaborativos sejam ricos em possibilidades e propiciem o crescimento do grupo.²⁵

Os elementos básicos da aprendizagem colaborativa, apresentados pelos pesquisadores, da Universidade de Évora, são as seguintes:

1. *Interdependência do grupo*: os alunos, como um grupo, têm um objetivo comum a perseguir e devem trabalhar eficazmente em conjunto para alcançá-lo. Primeiro, os alunos são responsáveis pela sua própria aprendizagem. Segundo, por facilitar a aprendizagem de todos os membros do grupo. Terceiro, por facilitar a aprendizagem de alunos de outros grupos. Todos os alunos interagem e todos contribuem para o êxito da atividade;

²⁵ Informação tirada do site <<http://www.minerva.uevora.pt/cscl/index.htm>>.

2. *Interação*: um dos objetivos da aprendizagem colaborativa é o de melhorar a competência dos alunos para trabalhar em equipe;
3. *Pensamento divergente*: não deve haver nenhum elemento do grupo que se posicione ostensivamente como líder ou como elemento mais "esperto", mas uma tomada de consciência que todos podem por em comum as suas perspectivas, competências e base de conhecimentos. As atividades devem ser elaboradas de modo que exijam colaboração em vez de competição (tarefas complexas e com necessidade de pensamento divergente e criativo);
4. *Avaliação*: os métodos para a avaliação independente são baseados em jogos de perguntas, exercícios, observações da interação do grupo e heteroavaliação.

De acordo com os conceitos citados, percebemos que houve um esforço, uma mobilização para a aprendizagem colaborativa no nosso *blog*. As quatro características descritas foram encontradas nos textos *postados*. O grupo apresentou interdependência, pois todos tinham um objetivo comum (construir e utilizar um ambiente midiático como auxílio à disciplina Ensino de Geografia I), e se empenharam em função disso; houve interação, na medida em que trabalharam em equipe para realizar atividades propostas durante o semestre; não houve uma hierarquia, ou seja, nenhum indivíduo se colocou de forma superior aos demais; e, no fim do semestre, fizemos uma avaliação (a respeito da utilização do *blog*) dos resultados alcançados, através de perguntas (questionário e entrevista) e observações.

Quando nos referimos à aprendizagem colaborativa, no espaço midiático (*blog*) observado, partimos do pressuposto de que, no processo de ação colaborativa, haja circulação intensa de informações e trocas, visando o alcance dos objetivos previstos. Todos auxiliam na execução das atividades propostas, superam possíveis desafios e, constroem colaborativamente, seu próprio conhecimento e o da coletividade. As contribuições que os participantes – professora e alunos – oferecem são disponibilizadas a todos e servem para que cada pessoa possa executar melhor seu trabalho.

Compreendemos a aprendizagem colaborativa, como já foi dito, como uma aprendizagem em que os alunos, de vários níveis de desempenho, trabalharam juntos em pequenos grupos tendo uma única meta. Sendo, então, responsáveis pela aprendizagem uns dos outros, assim como a sua própria. Observamos que a troca ativa de ideias em pequenos grupos aumentou o interesse, promoveu o pensamento crítico, possibilitando assim, alcançar níveis qualitativos mais elevados em conteúdo.

Portanto, os ambientes virtuais de aprendizagem colaborativa são espaços compartilhados de convivência que dão suporte à construção, inserção e troca de informações, pelos participantes, visando à construção social do conhecimento, devendo, portanto, serem públicos e democráticos.

Os sistemas informáticos de suporte à comunicação mediada pelo computador e, de apoio à aprendizagem colaborativa são típicos e, tradicionalmente classificados por categorias, segundo uma matriz de tempo / localização dos utilizadores: síncronos (mesmo tempo), assíncronos (tempo diferente), presenciais (mesmo lugar) e remotos (lugar ou lugares diferentes).

Os sistemas síncronos suportam a interação em simultâneo entre membros do grupo como, por exemplo, a videoconferência. Já os assíncronos, como o *blog*, as listas de distribuição de correio eletrônico, o *hipertexto* etc., suportam o trabalho individual ou de pequenos grupos, de modo a contribuir para o processo geral.

Para Vigotsky, a colaboração entre alunos ajuda a desenvolver estratégias e, habilidades gerais de soluções de problemas, pelo processo cognitivo implícito na interação e na comunicação. Para ele, linguagem é fundamental na estruturação do pensamento, sendo necessária para comunicar o conhecimento, as ideias do indivíduo e para entender o pensamento do outro envolvido na discussão e na conversação. O autor afirma que “A linguagem é o meio através do qual se generaliza e se transmite o conhecimento, a experiência acumulada na e pela prática social [...]” (VYGOTSKY, 1988 apud PALANGANA, 2001).

Observamos, no nosso estudo, que o grupo de pessoas envolvidas teve grandes possibilidades de trocas e negociações; o que nos leva a pensar na ocorrência de um processo de aprendizagem. Pedagogicamente, podemos dizer que este método de trabalho (em grupo) destacou algumas competências e habilidades, tais como:

- Conhecimento compartilhado: a valorização do universo do conhecimento prévio, das experiências pessoais, línguas, estratégias e culturas que os alunos e os professores trazem para a situação de aprendizagem;
- Autoridade compartilhada: entre professores e alunos;
- Aprendizagem mediada: pelos autores e ações que se constroem nesses espaços (professores como mediadores);
- Valorização das diversidades e das diferenças: (gênero, etnia, classe social, estilos e ritmos de aprendizagem, enfim, as histórias pessoais e as trajetórias sociais);

- A construção de significações e resignificações no processo de aprendizagem.

As características pedagógicas requerem:

- A flexibilidade dos papéis e movimentos no processo das comunicações e relações que fazem a mediação da aprendizagem;
 - A valorização das diferentes autorias do professor/organizador, monitor e alunos participantes;
 - A democratização das participações nos diferentes espaços do ambiente e da inserção de colaborações individuais e coletivas dos grupos de trabalho;
 - Alcance de metas realizadas coletivamente;
 - Debates que privilegiam novas leituras, interpretações, associações e críticas em espaços formais e informais;
 - Suporte aos estudos individuais.

Segundo Vygotsky (1988 apud PALANGANA, 2001), uma atividade coletiva pode aumentar a capacidade de desenvolvimento da aprendizagem, criando “zonas de desenvolvimento proximal”. O autor lançou o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) ²⁶, afirmando que aquilo que um indivíduo é capaz de realizar assistido por outro - seja um parceiro, seja um instrutor, seja até mesmo instrumento como livros, lições, que são, em última instância, produtos de outros indivíduos -, também representa uma habilidade intelectual do indivíduo.

O conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal foi criado por Vygotsky como uma metáfora para ajudar a explicar como ocorre a aprendizagem social e participativa. Segundo Vygotsk, zona de desenvolvimento proximal é:

[...] a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSK, 1998, p. 112).

²⁶ Zone of Proximal Development (ZPD), no original.

Através desse conceito, Vygotsk (1998) demonstra como o processo interpessoal (social) se transforma num processo intrapessoal (psíquico). Ao descrever essa passagem do social para o individual, ele destaca a importância da *experiência partilhada, da comunhão de situações, do diálogo, da colaboração*, concebendo, desse modo, o aprendizado como um processo de trocas e, portanto, verdadeiramente social (PALANGANA, 2001).

Vejamos alguns trechos das *postagens* e comentários que evidenciam essas características, tornando o aprendizado um processo de trocas.

Experiência compartilhada

[Sofia] [jolipa7@hotmail.com]

A aula está sendo maravilhosa! Já tinha um blog, mas com essa aula estou aprendendo muitas coisas. Vou fazer um blog desse para mim.

Beijinhos.

21/09/2007 16:01

Comunhão de situações

[Sofia] [jolipa7@hotmail.com]

Que bom! Estou achando o blog uma experiência maravilhosa. São a partir dessas relações sociais - interações que nos formamos sujeitos e construímos nosso próprio conhecimento. E concerteza, aqui, tenho aprendido muito. Beijinhos.

27/09/2007 00:11

Diálogo

16/05/2008

Como a Luana colocou, as noções contruídas pela criança através da cartografia é de extrema importância para entender o espaço onde está inserido e as relações com outros espaços.

Amanda Bezerra

⌘ Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 11h12

[(0) Comente] [envie esta mensagem] [link]

Colaboração

28/04/2008
<p>Bom, muito bom! As anotações são pertinentes e <u>avancamos a cada tópico postado.</u></p> <p>Helena</p> <p>⌘Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 08h33</p> <p>[(0) Comente] [envie esta mensagem] [link]</p>

Aprendizagem/processo de troca

07/06/2008
<p>Bem pessoal, <u>também foi rica a oportunidade de participar desse blog, uma verdadeira ferramenta de aprendizagem! Agradeço as professoras desse semestre do Ensino de Geografia I e aos colegas pelos momentos de aprendizagem compartilhados ao longo desse semestre!</u> Bjus</p> <p>Rita</p> <p>⌘Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 13h45</p> <p>[(0) Comente] [envie esta mensagem] [link]</p>

Para Vygotsky (1998), que prega a origem social da inteligência, a aprendizagem acontece inicialmente, como já foi dito, de forma intersíquica (no coletivo), para depois haver a construção intrapsíquica (individual). Partindo do pressuposto de que o conhecimento/aprendizagem é construído pelas interações do sujeito com outros indivíduos, essas interações sociais seriam as principais desencadeadoras do aprendizado. O processo de mediação se estabelece quando duas ou mais pessoas cooperam em uma atividade (interpessoal), possibilitando uma reelaboração (intrapessoal).

A Zona de Desenvolvimento Proximal é considerada “um traço central de aprendizagem”, onde se encontram as funções em processo de maturação. O conhecimento está vinculado ao contexto sociocultural do aluno, em que são igualmente importantes “o que” os sujeitos realizaram e “como” realizaram. Por meio da análise desses processos, pode ser verificada a mudança cognitiva (construção do conhecimento). Frente a esse embasamento teórico, é possível perceber que a utilização de alguns ambientes midiáticos, como por

exemplo: listas de discussão, *chat* e *blogs* podem desencadear novos conflitos cognitivos. Esses conflitos ocorrem, não pelos recursos tecnológicos em si, mas porque existirá a interferência de outros sujeitos que poderão atuar como promotores do crescimento cognitivo do desenvolvimento real.

Durante a década de 1980, as novas ideias colocadas pela abordagem Sócio-Interacionista, proposta por Vygotsky (1978), sugerem que o aprendiz é parte de um grupo e deve ter iniciativa para questionar, descobrir e compreender o mundo a partir de interações com os demais elementos do contexto histórico no qual está inserido. O objetivo do professor é o de favorecer a convivência social, estimulando a troca de informações em busca da construção de um conhecimento coletivo e compartilhado. Portanto, essa abordagem tinha como principal veia a interação entre os indivíduos (VYGOTSKY, 1978 apud NEVES; FILHO, 2000).

De acordo com essa abordagem – Construtivista-Sócio-Interacionista – na relação aluno-professor; esse último é um mediador do processo de construção do conhecimento que se dá através de interações sociais; na relação aluno-aluno; aluno este, que é parte de um contexto social e deve ter iniciativa para questionar, descobrir e compreender o mundo a partir de interações com os demais; na relação aluno-objeto do conhecimento a ser aprendido, o aluno é capaz de interagir com os objetos (amplificadores culturais), e modificá-los, construindo assim seu conhecimento; e, quanto aos recursos, o computador, com todas as suas possibilidades, passa a ser encarado, também, como um meio de comunicação e interação entre aprendizes e orientadores (BARROS; CAVALCANTE, 2000).

E antes que comecemos a discutir sobre interação, é oportuno ressaltar que o fenômeno da aprendizagem é formado por um conjunto de condições existentes tanto na sala de aula, no plano cognitivo do aluno, como nas situações propostas pelo professor. No nível mais localizado da sala de aula, essas condições envolvem desde as relações entre professores e alunos, passando pela postura de cada um diante de suas respectivas funções, a forma de valorizar cada atividade proposta, a disponibilidade de participação, a frequência, a motivação, a pontualidade, a iniciativa, entre várias outras exigências (PAIS, 2005).

Acreditamos que, talvez, não exista um conjunto estruturado de condições preexistentes capazes de determinar, de uma forma absoluta e definitiva, os resultados das atividades de aprendizagem. Pesquisamos indivíduos. E como tal, são complexos e subjetivos. Contudo, com base nos conceitos estudados, procuramos relacionar a teoria com a prática, a fim de fazermos algumas considerações a respeito desse processo, tão complexo - o processo de aprendizagem.

Interação

A Internet é um espaço de interação entre pessoas conectadas. Pessoas reunidas virtualmente com os mais diferentes propósitos, inclusive o de aprender juntas.

Interação será entendida aqui, como a “ação entre” os participantes do encontro (inter+ação) (PRIMO, 2007, p. 13). A interação em ambientes virtuais pode acontecer por meio da comunicação oral ou escrita, acompanhadas ou não de imagens. A forma mais simples e comum que se encontra, é a da comunicação escrita, pois a captação ou transmissão de áudio e vídeo requer, do usuário, um aparato tecnológico mais sofisticado e de conhecimentos específicos, também. A interação pode ser feita por meio de troca de mensagens, individuais ou coletivas, via *e-mail*, *chat*, *blog*, publicação de textos, entre outras existentes.

Primo (2007) propõe, partindo da observação do relacionamento entre os interagentes, dois tipos de interação: mútua e reativa. A interação pode ser mútua, se todos foram emissores e receptores dos enunciados ou reativa, caso a iniciativa parta apenas do professor, por exemplo. Com base na distinção apresentada pelo autor, entendemos que, nos *blogs* que fizeram parte deste estudo, ocorreu a interação mútua, pois, todos os sujeitos envolvidos no processo interativo, tanto os emissores quanto os receptores participaram do processo.

Segundo Primo,

[...] a interação mútua é aquela caracterizada por relações interdependentes e processos de negociação, em que cada interagente participa da construção inventiva e cooperada do relacionamento, afetando-se mutuamente; já a interação reativa é limitada por relações determinísticas de estímulo resposta (PRIMO, 2007, p. 57).

Kenski (2003) aponta vários níveis de interação. Em síntese, seriam os seguintes:

1. Apresentação do programa ou cronograma da disciplina na Internet;
2. Exploração da Internet pelos alunos, dentro e fora da sala de aula;
3. Apresentação de textos ou trabalhos na *home page*²⁷ da disciplina;

²⁷ No caso específico deste estudo, substituímos o termo *home page* usado na descrição dos níveis de interação, pelo termo *blog*.

4. Apresentação de materiais da disciplina em uma *home page*;
5. Disponibilização dos conteúdos das aulas presenciais para que os alunos possam acessá-la, mesmo quando ausentes da instituição;
6. Utilização da Internet para que os alunos respondam a testes, questionários, façam avaliações e relatórios;
7. Apresentações em tele e videoconferências, como atividades didáticas da disciplina;
8. Oferecimento completo da disciplina pela Internet;
9. Abertura para que algumas das disciplinas de um curso sejam realizadas a distância, pelos alunos, via Internet;
10. Elaboração de projeto institucional para oferecimento completo de um curso, com várias disciplinas, pela Internet.

É importante ressaltar que, embora a amplitude e o grau de complexidade desses níveis de interação no ensino, com o auxílio da Internet, sejam extensos e variáveis, eles não apresentam o grau de interatividade social que pode ocorrer entre as pessoas envolvidas nessas atividades. No entanto, não fez parte dos objetivos da pesquisa identificar a transformação sensível das formas como se dá e, como se faz esse ensino, nem suas diferenças em relação ao ensino mediado ou não pelas tecnologias.

Dos dez níveis de interação citados, podemos afirmar que, os cinco primeiros, ou seja, a metade deles esteve presente, em algum momento da nossa experiência; o que nos faz considerar a existência de um “bom nível” de interação, no grupo pesquisado. Em função dessa interação, nós podemos usar o espaço midiático (*blog*) para realizar atividades – didaticamente ativas e envolventes – construídas com a participação e a colaboração entre alunos e professores. Um ensino baseado em trocas e desafios que envolveram e motivaram os alunos e, também a professora para a participação e a expressão de suas opiniões.

Atividades de ensino com um bom nível de interação podem ser realizadas em cursos presenciais, semipresenciais e a distância. Em cursos presenciais, como o que nós acompanhamos, utilizamos o ambiente midiático (digital) como extensão das atividades realizadas em sala de aula.

O uso de apresentações multimídia (“aulas produzidas no *power point*”), nas quais o aluno assiste à exposição feita pelo professor, é considerado “material instrucional”, ou seja, oferece baixo grau de interação para o aluno que não pode modificar ou explorar o conteúdo exposto. Funciona como um recurso audiovisual com mais possibilidades que o videocassete

e o DVD, uma vez que o computador pode reunir em uma mesma apresentação: som, vídeo, fotografias, gráficos, animações e texto (BEZERRA, 2006).

Segundo Kenski, “é conveniente destacar que o significado original do termo interatividade pressupõe um contato direto entre interlocutores humanos, envolvidos em um processo estruturado de comunicação” (KENSKI, 2003, p. 144-145).

Entretanto, com a evolução da tecnologia informática e com uma facilidade maior de acesso ao espaço virtual, essa ideia original de interatividade tende a ser flexibilizada, no sentido de envolver situações mais amplas de comunicação não presencial entre pessoas. Desde as mensagens registradas na secretária eletrônica, passando pelo correio eletrônico, ou com outros sujeitos através de um ambiente midiático, como o *blog*, temos, também, situações interativas no sentido flexibilizado do termo. A rigor, nesses casos, não se tem uma comunicação direta e simultânea entre interlocutores humanos, mas o usuário interage com uma série de informações fornecidas pelo suporte tecnológico. É esse o tipo de interação que identificamos neste estudo. O que nos parece ser uma tendência sinalizada para a compreensão da noção de interatividade, em relação ao novo cenário pedagógico, da era digital.

Não tratamos, nesta pesquisa, da interatividade entre sujeitos por meio de um contato direto, nem tampouco da interação entre sujeitos e máquinas. No presente trabalho, identificamos uma interação entre sujeitos de caráter bidirecional (PAIS, 2005), ou seja, uma comunicação de “mão dupla”, mediada pelas informações postas no espaço que o *blog* nos oferece. Cada mensagem *postada* no *blog* podia dar origem a outra mensagem, cujo significado poderia ser inteiro e imprevisível. Com a utilização do *blog*, várias situações foram criadas, envolvendo a comunicação entre as pessoas do grupo. Acreditamos que essa possibilidade (de interação) redefine as noções de espaço e tempo oferecendo à educação a estruturação de uma nova dimensão didática.

Pelo fato de envolver interlocutores humanos, mediados por um ambiente midiático (o *blog*), trata-se, segundo Kenski (2003), de uma das situações de melhor grau de interatividade; isso porque um só usuário pode inserir informações que poderão ficar disponíveis para vários outros, estabelecendo, assim, uma cadeia de comunicação que se desdobra em muitas outras vertentes. Acrescentamos, ainda, a inserção dos *links*, que em forma de *hipertexto*, oferecem opções diversificadas aos seus usuários. E, em função disso, passam a ter uma maior autonomia e liberdade de interferência, no universo das informações, o que pode ser feito através da divulgação de suas ideias para um grande número de pessoas.

Isso posto, podemos entender que, em um contexto pedagógico, a interatividade qualifica uma situação de aprendizagem na qual o sujeito estabelece, com certo suporte de interlocução, uma troca de informações. Esse suporte pode envolver elementos humanos e tecnológicos, como aconteceu na nossa pesquisa.

Muitas outras potencialidades poderiam ser destacadas a partir do uso do *blog* na educação. Contudo, achamos por bem citarmos aquelas que se mostraram mais evidentes, para nós: ***diálogo, sentimento de pertencimento, colaboração e interação***. Não temos a pretensão de anunciar verdades definitivas, nem tampouco encerrar o *blog* em apenas quatro potencialidades. Os aspectos levantados aqui se referem a uma abordagem inicial sobre as diversas possibilidades que o uso do *blog* pode nos oferecer.

7 REFLEXÕES SOBRE FALAS E POSTAGENS

No texto que se segue identificaremos, nas falas da professora Helena e dos alunos, participantes de nossa pesquisa, suas concepções a respeito do uso do *blog* como espaço de aprendizagem/complemento ao conteúdo disciplinar e, destacaremos as principais dificuldades apontadas por esses sujeitos, no processo de aplicação do *blog*, atendendo assim, aos objetivos específicos da nossa pesquisa. Na seção anterior, nossas observações foram focadas apenas nos textos escritos no *blog*. Agora, traremos para o *corpus* do trabalho, os pontos relevantes e recorrentes encontrados nas falas dos sujeitos que fizeram parte da nossa coleta de dados.

Com a professora, optamos pela realização de uma entrevista semi-aberta, que buscou tratar da amplitude do tema, apresentando cada pergunta da forma mais aberta possível. A entrevista foi realizada individualmente e o registro da fala feito por meio de gravação de voz, mediante sua autorização (como já explicamos no Capítulo de metodologia). Elaboramos um breve roteiro, visando à obtenção de respostas que nos levasse a um entendimento sobre o resultado da nossa experiência.

Com os alunos, foram aplicados questionários, em sala de aula, como já foi dito anteriormente (capítulo 04), com o acompanhamento da pesquisadora e, respondidos voluntariamente e de maneira anônima, diferentemente dos textos escritos nos *blogs*, que, em sua maioria, tinham a identificação de quem os escrevia. Em função disso, nesse caso, as falas dos alunos não serão identificadas com nomes fictícios, como nos textos dos *blogs*, mas sim, apenas como (A1, A2, A3,... A31); já a professora continuará sendo referenciada por um nome fictício (Helena). Faz-se importante lembrar que as transcrições das falas dos sujeitos serão mantidas na sua forma original, sem nenhuma alteração ou correção.

Algumas questões que buscamos responder dentro da pesquisa foram: *a aprendizagem através do uso do blog faz com que o sujeito se insira numa experiência de construção do conhecimento? Quais as potencialidades do blog sendo utilizado em educação? Em que sentido a utilização desse ambiente midiático pode alterar ou simplesmente trazer implicações para as concepções usuais de aprendizagem?*

O blog como espaço de aprendizagem

O que entendemos como “espaço de aprendizagem” é um ambiente integrado que ofereça a possibilidade do exercício da expressão criadora de forma coletiva, ou seja, colaborativa; o diálogo, que vem seguido da criticidade, da criatividade e do respeito; a interação entre alunos e professores; e a troca de informações visando à construção de conhecimento.

Segundo a professora Helena, o *blog* é sim, um espaço de aprendizagem. Ela afirma, de forma clara e direta que, quando um ambiente é elaborado e planejado com um determinado objetivo ele se converte em um espaço de aprendizagem. Notemos sua fala.

Olha, eu acho que [o blog] é sim um espaço de aprendizagem. Nós experimentamos isso [durante essa pesquisa]. Ele [o blog] precisa ser intencionalmente ou antecipadamente planejado pra isso, de modo que os alunos, é... possam frequentar esse espaço com dado objetivo. Mesmo que isso pareça uma certa formalidade, mas sem intenção não há ação. Então quando a gente organiza um ambiente desse, para um dado objetivo, pra o alcance, pra o suporte, pra o alcance de um dado objetivo ele é possível sim, se converter em um espaço de aprendizagem. (professora Helena)

Quando a professora usa o termo “certa formalidade”, ela está fazendo referência a nossa intenção prévia de construir um *blog* que funcionaria como um “espaço acadêmico”, proporcionando a aprendizagem e a aquisição de novos conhecimentos. O ambiente midiático surgiu para ser utilizado como um suporte/auxílio à disciplina Ensino de Geografia I, de modo que, qualquer informação que não tivesse relação com os assuntos abordados durante o semestre, seria excluída. Podemos afirmar que durante todo o período de observação, dois semestres letivos, tudo que foi *postado* no *blog* fez referência a assuntos didáticos.

Quase todos os alunos (92,8%) responderam afirmativamente à pergunta: *você considera o blog um espaço de aprendizagem?* De um modo geral, as justificativas apresentadas pelos alunos, para o fato de considerarem o *blog* um espaço de aprendizagem calcaram-se em argumentos relacionados com “troca de conhecimentos”, “compartilhamento de informações” e “acréscimo de novos pontos de vista”. Vejamos alguns trechos em que isso pode ser observado:

Sim [considero o blog um espaço de aprendizagem], pois a partir dele [do blog] podemos aprender uns com os outros, trocando informações e enriquecendo o assunto trabalhado. (A1)

Sim, já que [o blog] favorece ao compartilhamento de informações bem como o acréscimo de novos pontos de vista e de novos conhecimentos. (A2)

Sim, pois ocorreu uma troca de conhecimento. (A3)

[...] nunca tinha acessado um blog, e essa experiência da disciplina me apresentou o blog como um espaço de aprendizagem[...]. (A4)

Não temos a intenção de definir, de forma precisa e abrangente, o termo “aprendizagem”, tendo em vista ser um processo ligado ao desenvolvimento psicológico, que “ocorre estritamente no plano da compreensão individual do sujeito” (PAIS, 2003, p. 20). A “aprendizagem” a que nos referimos está relacionada com a interação do indivíduo com o meio externo (meio esse que leva em conta não só os objetos, mas os demais sujeitos) e a aquisição de novos conhecimentos. (respondendo a nossa primeira questão de pesquisa: “*A aprendizagem através do uso do blog faz com que o sujeito se insira numa experiência de construção do conhecimento?*”).

Outra fala recorrente relacionada com espaço de aprendizagem foi “novos conhecimentos”. A propósito disso, os sujeitos revelaram suas percepções sobre alguns desses conhecimentos adquiridos com o uso do *blog* e, o mais presente foi o contato com esse ambiente midiático, não só na sua concepção mas também, utilização. Vejamos alguns exemplos:

[...] foi a primeira vez que eu utilizei essa ferramenta em sala de aula, foi a primeira vez que eu pude trabalhar com a estratégia de ensino” semi à distância” e presencial e pra mim foi muito gratificante. (professora Helena)

Eu não sabia nem utilizar um blog. Essa proposta me incentivou, clariou e facilitou muita coisa. (A5)

Não tinha contato com blog, então, foi muito relevante aprender a lidar com este mecanismo. (A6)

Aprendi a usar o blog e principalmente suas muitas funções, inclusive como um meio de comunicação e recurso didático. (A7)

Antes de tudo aprendi a fazer um blog. Além disso, pude reconhecer sobre a importância da sua utilização desse recurso em sala de aula, de sua praticidade. (A8)

Aprendi a postar (a manusear o blog). (A9)

Aprendi a utilizar o blog, postar fotos e recados [...]. (A10)

O conhecimento pelo e do próprio blog foi ótimo, pois eu só era visitante, mas agora posso participar, pois aprendi a utilizar. (A11)

Para nós, não foi surpresa constatar a falta de contato dos sujeitos com o *blog*. Apesar de estarmos tratando de um recorte quantitativo muito pequeno da realidade (apenas duas turmas do curso de Pedagogia), de um modo geral, podemos considerar que a utilização do *blog* em instituições de ensino (no nosso caso, só podemos nos referir à UFRN, por ter sido a área de atuação desta pesquisa) ainda não é uma prática cotidiana. Percebemos que, para a grande parte dos alunos e, também para a professora Helena, essa experiência foi inédita. Eles já tinham ouvido falar em *blog*, na sua praticidade e na rapidez com que se multiplicavam na Internet. Porém, como ficou claro nas falas anteriores, não tinham, ainda, tido um contato direto com esse ambiente, nem tampouco, tinham usado para fins didáticos. Como também é observado pela professora.

[...] como eu disse anteriormente, eu nunca havia feito isso numa situação formal de ensino. (professora Helena)

E mais adiante:

Bem, nós podemos perceber que também por parte dos alunos era inédito o uso do blog num... espaço como recurso, um espaço de aprendizagem. (professora Helena)

Outros novos conhecimentos foram citados, com menos frequência, mas não menos importante. Dentre eles, ressaltamos: “buscar mais informações”, “utilizar o *blog* didaticamente”, “a importância do *hipertexto*”, “como tornar a aula mais dinâmica”, “usar o *blog* como veículo interdisciplinar”.

Realmente utilizei [o blog] para buscar informações. (A12)

Aprendi a utilizar o blog e principalmente suas muitas funções, inclusive como um meio de comunicação e recurso didático. (A7)

[com o uso do blog percebi] A importância do hipertexto e sua utilidade em sala de aula. (A13)

Essa atividade contribuiu para o ampliamto da visão de recursos didáticos, que poderá auxiliar a prática docente e tornando a aula mais dinâmica, e estendendo para além da sala de aula. (A14)

[...] o blog pode agir como um veículo interdisciplinar, intercalando as várias disciplinas das áreas de conhecimento. (A15)

Interação

Como compreendemos que um “espaço de aprendizagem” deve favorecer a interação, “entendida aqui como a ‘ação entre’ os participantes do encontro (inter+ação)” (PRIMO, 2007, p. 13, grifo do autor), fizemos, aos sujeitos da pesquisa, a seguinte pergunta: *você acha que o blog aumentou a interação entre aluno/professor e professor/aluno?* E a resposta foi afirmativa quase que em sua totalidade (93% dos respondentes). Vejamos alguns exemplos:

Acho que sim. Porque nós temos, infelizmente, verificado que em sala de aula, muitas vezes o aluno entre e sai durante quinze encontros sem deixar suas marcas, né? Sem, às vezes, por motivos diversos, ele quase não se expressa em sala de aula, não fala, não opina, não discute, não critica. E o blog... no blog ele pôde fazer isso, né? Eles

puderam... puderam expressar é... a sua concepção sobre as questões que nós tratávamos em sala de aula. Então eu acho que ele aumentou sim, a interação entre os alunos e entre eu, a professora, e eles. (professora Helena)

O relacionamento professor/turma foi beneficiado pelo uso do blog, pois tínhamos mais acesso uns aos outros, o que possibilitou-nos maiores chances de aprendizagens (extra sala de aula). (A16)

Sim, o aluno respondendo às questões propostas vai mostrando ao professor sua linha de pensamento e os demais alunos também vão participando, aumentando a interação e troca de informações entre todos. (A1)

Nessa última fala “o aluno respondendo as questões propostas vai mostrando ao professor sua linha de pensamento e os demais alunos também vão participando”, identificamos a interação entre sujeitos de caráter bidirecional, proposta por Pais (2005), ou seja, uma comunicação de “mão dupla”, mediada pelo espaço que o *blog* possibilita como mencionamos anteriormente, quando destacamos suas potencialidades. Cada mensagem *postada* no *blog* podia dar origem à outra mensagem, cujo significado poderia ser inteiro e imprevisível.

Sim. O blog tornou-se algo nosso: dos alunos e da professora. A qualquer momento podíamos interagir através dos trabalhos propostos, avisos deixados e outras informações trocadas [...]. (A4)

Quando o aluno diz “o *blog* tornou-se algo nosso”, reconhecemos o sentimento de pertencimento que flui do desejo coletivo de pertencer a um determinado grupo e sobrevive enquanto houver interesse de seus participantes em desfrutar desse espaço como membros, pessoas, cidadãos (KESNKI, 2003). Reafirmamos que a noção de pertencimento, no nosso entendimento, tem origem no sentimento mútuo e, no sentimento de adesão à princípios e visões de mundo comuns, o que fazem com que as pessoas se sintam participantes de um espaço-tempo comum.

Sim, [aumentou a interação] uma vez que através da utilização do blog podemos deixar registrado para outras pessoas nossas

concepções e opiniões sobre diversos assuntos. Sendo assim, tanto o professor como os outros alunos poderão conhecer as nossas ideias e pensamentos, o que nem sempre é possível de acontecer em sala de aula. (A2)

Eu acho que o blog se traduz num espaço que propicia a interação aluno/professor e entre professor/aluno. (A17)

O blog como complemento ao conteúdo disciplinar

Ao término do processo, elaboramos três perguntas que consideramos relevante para avaliarmos o resultado da pesquisa. *O que você achou da experiência de ter utilizado o blog como complemento ao conteúdo de uma disciplina? Exercendo a atividade de professor você repetiria essa experiência com seus alunos? Por quê?*

Para nossa surpresa, as respostas foram positivas e satisfatórias, se considerarmos a totalidade das informações e dos dados coletados. Apesar das turmas terem se prontificado a participar da pesquisa, não esperávamos uma aceitação tão significativa como a que tivemos, tendo em vista a resistência, natural, a tudo que é novo. Para Morin (2006), o problema maior a enfrentarmos diante da mudança, encontra-se no fato de que nossas teorias, sistemas de ideias e concepções de mundo tornam-se dogmas e criam uma redoma em torno do nosso pensamento, criando um fechamento e, resistindo ao novo e à complexidade.

Segundo a professora Helena, a experiência se mostrou bastante gratificante, principalmente pela possibilidade que os alunos tiveram de expressar as suas concepções em relação a determinados temas, ou seja, o desenvolvimento de autoria.

[...] foi a primeira vez que eu utilizei essa ferramenta em sala de aula, foi a primeira vez que eu pude trabalhar com a estratégia de ensino "semi à distância" e presencial e pra mim foi muito gratificante. (professora Helena)

[...] no que diz respeito a participação do aluno e a possibilidade de autoria o blog é capaz de responder a essa demanda. [...] o aluno pode expressar a sua concepção em relação a determinados temas. (professora Helena)

[...] em linhas gerais eu achei muito interessante poder trabalhar com essa ferramenta, como eu disse anteriormente, eu nunca havia feito isso numa situação formal de ensino. (professora Helena)

De acordo com o depoimento dos alunos a experiência foi muito positiva. Vejamos algumas falas que deixam clara a satisfação com o uso do *blog*.

Inovador, instigante e um espaço a mais para dinamizar a troca de conhecimentos e experiências em sala de aula. (A18)

Bastante interessante, pois é uma ferramenta a mais para trabalhar as disciplinas, além de proporcionar o compartilhamento de informações. (A2)

Apesar de ter acessado poucas vezes a experiência foi muito boa e rica para a minha formação, pois aprendi como uma tecnologia tão importante facilita a comunicação e a troca de conhecimentos de maneira rápida e interativa. (A19)

Interessante, pois foi uma forma de avançar rumo à tecnologia. (A20)

Achei interessante. Uma forma mais prática, espontânea de relação com o professor(a) e com a turma. (A21)

A utilização do blog na disciplina de Geografia foi bastante relevante no que diz respeito ao desenvolvimento e aprimoramento dos conceitos relacionados à Geografia. (A22)

Uma experiência muito proveitosa. Ajudou a interagir com o restante do grupo, além de ter aberto um espaço para informações e discussões em relação à disciplina. (A23)

Muito interessante, uma vez que a tecnologia é mais que essencial hoje. Foi algo novo, pois nenhuma outra disciplina tinha favorecido essa experiência. Pessoalmente, foi muito construtivo para mim, pois nunca tinha visitado um blog e, aprender como acessá-lo foi muito bom, porque foi desafiante também. (A4)

A experiência foi muito interessante. O blog foi um meio de aproximar a turma, de sabermos mais a opinião, ideias, formas de pensar uns dos outros, como também de melhor relacionarmos-nos com as

professoras, vista a liberdade de acesso que tínhamos a elas por meio dessa ferramenta, “recurso didático”. (A16)

Achei interessante, pois podíamos expor nossas opiniões mais à vontade. (A3)

Apenas um aluno, das duas turmas, respondeu negativamente a experiência. O que, para nós, trouxe à tona um elemento importante: a insegurança. Esperávamos que uma maior quantidade de alunos apresentasse essa característica; mas, para nossa surpresa, poucos tiveram ou admitiram que tivessem insegurança em escrever suas ideias no *blog*.

Na verdade, achei estranho expor publicamente minhas anotações; não gostei porque não estava seguro quanto ao conteúdo exposto. (A24)

Quando perguntamos: *exercendo a atividade de professor, você repetiria essa experiência com seus alunos?* Às respostas foram conflituosas. Mas, a maioria dos alunos disse que sim. Aplicariam o *blog* com seus alunos, pois “essa atividade estaria estimulando a inclusão digital”; “este seria um espaço onde os alunos iriam poder expor suas opiniões”, “seria uma nova forma de comunicação que facilitaria a interação”.

Sim, pois acredito que seja um espaço inovador para dar oportunidade àqueles que possuem alguma dificuldade de interação dentro da sala de aula. (A23)

Não tenha dúvida, porque a referida experiência, além de ser bastante enriquecedora para as crianças, no que se refere à pesquisa, pode também ser um mecanismo ideal para proporcionar às crianças o acesso à informática e a uma nova forma de se trabalhar com a linguagem e a comunicação. (A2)

Claro, concerteza. Porque existem muitos pontos positivos; e como usaria; posso afirmar que gostei muito. (A18)

Sim, pois a inclusão digital é muito importante, visto que nos encontramos na época da tecnologia digital. (A25)

Sim, porque é muito interessante utilizar recursos tecnológicos em sala de aula, pois hoje há um intenso uso da internet pelos jovens e, como educadora, posso utilizá-la como recurso de ensino e aprendizagem, [...]. (A4)

Obviamente. A experiência mostrou que o blog funciona; alcançamos os nossos objetivos, aproxima as pessoas que participam e nos ajudam a sermos críticos; contudo, respeitando e valorizando as opiniões divergentes às suas. (A16)

Porém, alguns poucos alunos se mostraram reticentes (usando termos como “talvez”, “depende”, “só se todos os alunos se interessassem”). Percebemos escondido atrás de uma pretensa preocupação relacionada com o interesse e a facilidade de acesso a recursos midiáticos, um sentimento de insegurança ou de resistência em alterar a prática de ensino, um receio de enfrentar algo novo, dinâmico e descentralizador, como pode ser o uso do *blog*. Associamos isso ao fato de o curso de Pedagogia preparar professores para a Educação Infantil, e para as cinco primeiras séries do Ensino Fundamental, ou seja, crianças e adolescentes. Quando questionados sobre a repetição dessa experiência com futuros alunos, talvez eles tenham pensado de imediato, na pouca idade desses futuros alunos. Percebemos nas falas expressas, que alguns usam termos como “crianças” e “jovens”. Talvez por isso, as afirmações que só repetiriam essa experiência se não houvesse interação e diálogo em sala de aula, que dependeria da estrutura da escola e do interesse dos alunos em participar de uma atividade como essa. Vejamos como as falas destacadas expressam isso.

Talvez sim, mas se eu visse o interesse por parte dos alunos. (A26)

Não [repetiria essa experiência com os meus alunos]. Só se todos (ou maior parte) os alunos já usarem blog. (A24)

Dependendo das condições físicas (estrutural) da escola e do acesso que esses alunos têm ao computador. (A21)

É relativo. Talvez dependa do grau de interação da turma. Uma turma em que não há um diálogo pertinente entre professor/aluno e aluno/aluno é interessante realizar atividades em um blog. Talvez haja maior participação de todos no processo de ensino e aprendizagem. (A22)

Talvez, pois o acesso à Internet não é um meio comum a todos da sociedade e, de certa forma, temos que ver a realidade dos alunos com os quais estamos trabalhando. (A1)

Se todos os meus alunos tivessem acesso à Internet, sim. [...]. (A19)

Destacamos na fala do A1 sua preocupação com a realidade do aluno, o que demonstra um pensamento crítico que nos remete à concepção de Paulo Freire (1999), sobre “assumir posturas mais críticas e conscientes da realidade para melhor compreendê-la. Percebemos que na concepção de todos os alunos que responderam negativamente à nossa pergunta (*Exercendo a atividade de professor você repetiria essa experiência com seus alunos? Por quê?*), houve uma clara preocupação com o aluno, com seu interesse, com sua facilidade de acesso a recursos como o *blog*. Atribuímos isso, como já falamos antes, à faixa etária (crianças e adolescentes) dos alunos que esses futuros professores irão ensinar. Porém, não podemos esquecer de que as velozes transformações tecnológicas da atualidade impõem mudanças no processo de ensino. É preciso estar em permanente estado de aprendizagem e de adaptação ao novo. Freire (1999) nos orienta a sermos conscientes da realidade para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la. Se continuarmos resistentes ao novo, se continuarmos presos a velhos hábitos, as tecnologias continuarão sendo vistas apenas como mais um modismo e, desse modo, dificilmente iremos assumir novas perspectivas filosóficas, que contemplem visões inovadoras de ensino, aproveitando-se das amplas possibilidades comunicativas e informativas dos recursos tecnológicos, para a concretização de um ensino que acompanhe as mudanças que estão ocorrendo na sociedade (KENSKI, 2003).

Durante o longo percurso que percorremos para a realização desta pesquisa, tivemos que enfrentar alguns desafios. Quando propomos essa experiência à professora e aos alunos do curso de Pedagogia, tínhamos uma enorme expectativa quanto ao resultado. Primeiro, por tratar-se de algo relativamente novo (a popularização do *blog* se deu, no Brasil, a partir de 2004); segundo, pela resistência já conhecida, que temos de nos adaptarmos a tudo que é novo.

Percebemos, no decorrer da pesquisa que, mesmo a instituição dispor de bons equipamentos tecnológicos, como computadores novos e rápidos com acesso a Internet, por exemplo, pouca coisa se alterou no processo de ensino²⁸. De um modo geral, a Universidade

²⁸ Importante lembrar que estamos nos referindo, especificamente, a professores e alunos que fizeram parte do universo desta pesquisa.

permanece com a mesma segmentação disciplinar dos conteúdos e a mesma divisão de alunos em grandes turmas. Os professores, por sua vez, utilizam as formas mais viáveis de ensino nessas condições, que são aquelas fortemente baseadas na “fala”, na exposição oral do conteúdo, seja pelo professor ou pelos alunos. Nessas condições, o uso das TIC’s no curto tempo da aula e, para uma grande quantidade de alunos se torna inviável. Com relação à Universidade, a docente relatou, em sua fala:

Acho que nossa universidade não tem experiência nessa área, ainda, nas situações de ensino presencial com o apoio de alguma plataforma ou de algum recurso virtual. Nossa experiência é muito pequena. É possível que esses alunos nunca tenham, em disciplinas anteriores, experimentado esse exercício. (professora Helena).

Na fala “Acho que nossa universidade não tem experiência nessa área, ainda, nas situações de ensino presencial com o apoio de alguma plataforma ou de algum recurso virtual”. “Nossa experiência é muito pequena”, evidenciamos outro fator-chave: dispor de espaço e equipamentos midiáticos não é o suficiente, se forem subutilizados.

O setor I, da UFRN, onde os alunos do curso de Pedagogia assistem a suas aulas, possui laboratórios e salas multimídias equipadas com computadores, *data show* e Internet à disposição de alunos e professores. Contudo, a instituição é considerada, pela professora Helena, pouco experiente quanto ao uso dos seus recursos técnicos. Uma perspectiva crítico-reflexiva de integração das tecnologias no ensino requer uma compreensão mais abrangente do problema, não apenas em sua dimensão econômica – e, portanto, com viés tecnicista; mas a consideração conjunta das dimensões sociais e culturais relacionadas ao processo de tecnologização da sociedade contemporânea.

Não é nossa intenção discutir a infra-estrutura da UFRN, com relação aos seus equipamentos tecnológicos e a sua estrutura curricular, pois não foi objeto da pesquisa. Porém, compreendemos que a abordagem teórica e prática do uso das TIC’s constituem-se como elemento indispensável à formação desse profissional – o pedagogo.

Concordamos com Kenski (2003), quando ela afirma que para que as tecnologias não sejam vistas como apenas mais um modismo, mas com a relevância educacional que elas possuem, é preciso refletir sobre o processo de ensino de maneira global. Antes de tudo, é necessário que todos estejam conscientes e preparados para assumirem novas perspectivas filosóficas, que contemplem visões inovadoras de ensino, aproveitando-se das amplas

possibilidades comunicativas e informativas desses recursos, para a concretização de um ensino crítico de qualidade.

As características dessas novas formas de ensinar baseiam-se na consciência sobre as alterações nos papéis dos professores, defendidas por Freire (1996) e, das instituições no oferecimento de oportunidades de ensino ampliando as possibilidades de aprendizagem em outros espaços, que não sejam apenas a sala de aula; possibilitando um ensino de qualidade em tempos e lugares diferenciados (presenciais e a distância); e envolvendo todos na construção individual e coletiva do conhecimento.

Contudo, é importante esclarecer que, não apresentamos sintomas de “delírio tecnológico” (KENSKI, 2003, p. 85), em que se apresentam opiniões como a de que, a partir do uso do computador na educação tudo se transforma, para melhor, e todos os problemas educacionais se resolvem, pois entendemos as especificidades das tecnologias e de seus limites, suas deficiências e precariedades. Sabemos que os nossos problemas educacionais gerais vão muito além do uso de recursos tecnológicos e, são de difícil solução.

As transformações das práticas docentes a partir do uso de TIC's em sala de aula são consideradas moderadas por Brunner (2004), com base nos resultados do estudo realizado por Larry Cuban, no Silicon Valley – EUA. O estudo revelou que, embora os professores tenham um elevado acesso às TIC's, usam-nas com pouca frequência e de maneira limitada na sala de aula, sem desencadear significativas modificações em suas práticas pedagógicas cotidianas.

Em suas reflexões, Brunner (2004 apud BEZERRA, 2006) demonstra certo estranhamento acerca do fato de os discursos sobre a educação, salvo exceções, prescindirem da base tecnológica da comunicação em suas formulações: ou as TIC's aparecem como elementos alheios à educação, ou na melhor das hipóteses, como um dos fatores externos que devem ser inseridos no cotidiano educacional, e que, nesse caso, têm seu uso concebido de modo puramente instrumental.

Podemos perceber como o uso dos recursos tecnológicos, na prática educativa, encontra-se num estágio inicial, nas falas que se seguem.

E em linhas gerais, eu achei muito interessante poder trabalhar com essa ferramenta. Como eu disse anteriormente, eu nunca havia feito isso numa situação formal de ensino. (professora Helena)

Acho que nossa universidade não tem experiência nessa área, ainda, nas situações de ensino presencial com o apoio de alguma plataforma

ou de algum recurso virtual. Nossa experiência é muito pequena. É possível que esses alunos nunca tenham, em disciplinas anteriores, experimentado esse exercício. (professora Helena)

A docente afirma que o uso do *blog*, como complemento a um conteúdo disciplinar, foi inédito para ela e, possivelmente, para os alunos. A recorrência dessa situação em muitos espaços educacionais pode ser um indício do despreparo com que esses recursos tecnológicos estão sendo encaminhados às instituições. Além das condições pessoais com que os professores e alunos encaram o uso dos recursos tecnológicos, que vão do estranhamento, da rejeição, do medo, da incerteza, até o deslumbramento, a ousadia e a afetividade. Essas considerações não estão baseadas em uma análise criteriosa junto aos docentes, mas partem de sentimentos que surgiram a partir de conversas informais com professores de várias áreas, inclusive de outras instituições.

Perguntamos à professora Helena: *quais os maiores desafios inerentes ao uso desse recurso como suporte didático?* Quatro aspectos foram ressaltados: a falta de hábito; a dificuldade de expressão; a parte operacional, ou seja, fazer uso do *blog* como ambiente de aprendizagem; e a capacidade cognitiva dos alunos, o que significa saber quais informações são relevantes para serem registradas no *blog*.

Bem, nós podemos perceber que também, por parte dos alunos, era inédito o uso do blog num espaço... como um recurso, um espaço de aprendizagem. Então os alunos não estavam muito habituados a fazer isso. [...] Então, é preciso que isso se torne rotina, é preciso que a gente incorpore experiências como essa na nossa... na nossa rotina, como professoras, como mediadoras no processo de ensino e aprendizagem. E um outro desafio que não é inerente, simplesmente ao uso da máquina, ou as visitas a esses ambientes de aprendizagem, é a própria rotina, a própria dificuldade que o aluno tem de se expressar, de falar sobre é... expressar suas opiniões sobre temas que estão sendo discutidos em sala de aula. Eu também costumo é... comentar em sala de aula, como eles subutilizam os cadernos, não é? quase não escrevem. [...] E também no ambiente virtual é possível que isso aconteça, ou seja, ele não... também não se expressa por escrito e por isso, isso também é um desafio. Quer dizer, então um desafio relacionado a... a parte operacional, ou digamos assim, técnica de utilizar a máquina, de fazer uso do blog como ambiente de aprendizagem; e, no que diz respeito a nossa capacidade também cognitiva relacionada ao que a gente vai deixar no blog, quais são as informações que podem ser relevantes, se a gente também se expressa por escrito. Se a gente tem dificuldade de se expressar oralmente e

também... podemos estender isso é... num ambiente virtual onde ele se expressa por escrito. [...]. (professora Helena)

Quando indagamos os alunos sobre a falta de hábito de *blogar*, a maioria justificou que não foi incentivado o suficiente pela professora, faltou motivação. A propósito disso, um fato nos chamou atenção: no início de cada semestre, quando a proposta de pesquisa foi apresentada aos alunos, quando o *blog* foi construído, as *postagens* ficaram “livres”. Queríamos observar como seria o “tráfego” no *blog* sem nenhuma obrigação ou formalidade. Percebemos que o volume de registros (incluído *posts* e comentários) não era satisfatório (menos de 10% dos alunos escreviam algo). Num segundo momento, experimentamos formalizar as visitas ao *blog*. A professora Helena começou a definir atividades para serem realizadas através do *blog*. A partir daí, as visitas aumentaram para quase 100%.

Com base nesses acontecimentos, entendemos que, quando os alunos foram orientados, “direcionados” a realizar atividades formais (definidas pela professora), eles corresponderam, ou seja, praticamente todos se “interessaram” e acessaram o *blog*, *postando* críticas, sugestões e informações para serem compartilhadas com todos. Veja o relato da professora Helena a respeito disso.

Nós fizemos é... muitos esforços nesse sentido. Talvez, o problema tenha sido porque esse espaço, espaço que nós utilizávamos virtualmente, não era, digamos assim, de um trânsito, [...] ou de uma permanência obrigatória. Nós não obrigamos ou conduzimos o aluno a frequentar o blog, a postar resumos ou respostas. Não era um espaço obrigatório. Eu não sei se a obrigação formal de acessar o blog e poder construir algo no blog poderia ter sido o [...]. Nós entramos no ambiente [blog] várias vezes e, também incentivamos o aluno a frequentá-lo. [...] a ida ao ambiente era [...] facultativa, ele entraria se, se achasse... se achasse necessário, ou interessante. Então, eu discordo que tenha havido [...] falta de incentivo da nossa parte. [...] Num segundo momento, quando eles foram provocados, eles acessaram o ambiente e puderam se expressar. Se a gente pensar desse modo, se esse for então o incentivo, nós experimentamos, num primeiro momento [...] as entradas espontâneas sem [...] nenhum... digamos assim... planejamento intencional pra isso, na primeira parte, num primeiro momento do nosso exercício e, realmente as idas ao ambiente foram menores. E, quando nós criamos uma situação mais formal de acesso, se isso pode ser considerado um incentivo, é... os alunos acessaram o blog, não é? Foram até o blog. (professora Helena)

É provável que essa falta de hábito explique outra dificuldade observada durante a nossa pesquisa: a quebra de continuidade do uso do ambiente midiático, que sempre acontece após o término da disciplina. Existem muitos relatos formais e informais, que dão conta desse desinteresse por manter o *blog* “ativo”. Em se tratando desta pesquisa, no relato, tanto da professora quanto dos alunos, as justificativas mais comuns foram a “falta de incentivo”, “falta de interesse”, e a “perda do vínculo”, visto que o *blog* tinha sua utilização associada a uma determinada disciplina (Ensino de Geografia I). Vejamos as falas de alguns sujeitos sobre esse “abandono” do *blog*, quando acaba a disciplina:

[...] nesse caso o blog tinha um...digamos assim...a sua existência estava vinculada ao trabalho dessa disciplina, né? É como você pensar nos livros e nos textos que os alunos utilizam numa disciplina que nunca mais visitam, né? Então a mesma coisa acontece com o blog, né? É... possível que eles não visitem mais esses materiais escritos, como no caso de um material de uma certa disciplina, ou não visitem mais os cadernos, como também não visitam mais o blog. A não ser que eles tenham um objetivo a longo prazo. Aí sim, eu acredito que eles seriam visitados. (professora Helena)

[a descontinuidade do blog acontece] Talvez pelo interesse da turma se voltar para outras disciplinas (dos semestres futuros), não por não gostar da ferramenta blog, ou seja, se o objeto do blog pudesse ser constantemente modificado, relacionado à outros conteúdos, temas, experiências; o interesse por ele fosse mantido. (A12)

Porque inconscientemente, talvez, os alunos têm o blog como algo somente da disciplina, ou seja, para os trabalhos formais oferecidos por ela [a disciplina] e não como um espaço que continua disponível para o nosso uso. (A4)

Isso deve ocorrer devido [...] a mudança de objeto de estudo, pois no semestre seguinte os alunos irão trabalhar com novas temáticas. (A2)

Isso frequentemente acontece por várias razões. Primeira: a perda do vínculo com a professora e/ou disciplina. Segundo: a frequência e o acesso que a turma tem com a Internet. (A15).

Creio que seja por falta de interesse dos próprios alunos, [...]. Acho que falta estímulo. (A 19)

Porque as pessoas não se envolveram o suficiente. (A24)

Acho que [quando acaba a disciplina] acaba de certa forma o incentivo para que o trabalho continue sendo alimentado. (A1)

Como fica claro, muitas e importantes dificuldades foram surgindo durante nosso percurso: (1) pouca experiência das nossas instituições de ensino, (2) a subutilização dos recursos tecnológicos, (3) a falta de uma cultura tecnológica que incorpore as tecnologias no cotidiano de professores e alunos, (4) a falta de hábito, por parte dos alunos, de utilizar o *blog*, (5) a dificuldade que alguns alunos têm de se expressar por escrito, (6) a falta de incentivo e de motivação, por parte da professora e (7) a quebra da continuidade do *blog* com o término da disciplina, decorrente da falta de interesse e da quebra do vínculo com a disciplina e com a professora, por parte dos alunos.

Esses são, notadamente, fatores de extrema relevância para o entendimento e, a melhoria da inserção de recursos midiáticos no processo de ensino e aprendizagem. Contudo, não traremos para o *escopo* desse trabalho uma análise criteriosa sobre cada um deles, pois não faz parte dos objetivos deste estudo. Propusemo-nos a relatar e, não analisar as concepções predominantes dos sujeitos participantes quanto ao uso do *blog* e as dificuldades inerentes a sua utilização complementando o conteúdo de uma disciplina, por acreditarmos que um trabalho tão abrangente, excederia o tempo de que dispomos para a finalização da pesquisa.

8 CONSIDERAÇÕES E RECOMENDAÇÕES

Faremos, aqui, considerações e recomendações, com base nos dados que coletamos, retornando a pontos já referidos, sempre que se façam necessários ao esclarecimento de novas afirmações.

A partir dos dados da nossa pesquisa, podemos considerar que o *blog*, usado como suporte ao conteúdo de uma disciplina, pode se transformar em um espaço de aprendizagem. Entretanto, ao analisarmos o problema do uso das TIC's nos processos educativos, acreditamos que a principal contribuição educacional que podemos atribuir ao *blog* não está inscrita, naquilo que produzimos através dele, mas nos processos que desencadeamos a partir do seu uso. Em outras palavras, o *blog* que produzimos com nossos alunos não deve ser o fim último da aprendizagem, mas o meio através do qual mobilizamos informações e atividades no decorrer da mediação pedagógica com vistas à construção de conhecimentos.

No contexto didático, dentro dos limites dessa experimentação, podemos entender que a interação ocorreu e que qualifica uma situação de aprendizagem, na qual o sujeito estabelece, com certo suporte de interlocução (*o blog*), uma troca de informações, que favorece a construção do conhecimento. Porém, esclarecemos que a aprendizagem vai depender da qualidade das informações que estão sendo trocadas.

Acreditamos que a postura do professor, frente ao a inserção das TIC's no ensino deve ser ousada, deve sempre ir além, “aprender fazendo” ou “aprender com o erro”. Curiosidade e ousadia talvez sejam as palavras de “ordem” para um professor que deve ser criador, construtor. Consideramos que o mais importante é ter a percepção de que a atualização permanente é condição fundamental para o bom exercício da profissão.

Percebemos que a adoção de recursos tecnológicos orienta para o uso de uma proposta diferente de ensino, com possibilidades que apenas começamos a visualizar. Não se trata, portanto, de adaptar as formas “tradicionais” de ensino aos novos equipamentos ou vice-versa, pois “novas” tecnologias e velhos hábitos de ensino não combinam.

Nossos dados revelaram que, a utilização do *blog* complementando uma disciplina, foi bastante válida dentro de um ambiente educacional possibilitando novos ritmos e dimensões para a tarefa de ensinar e aprender, de ação e comunicação. Consideramos importante essa constatação, por acreditarmos que esse fato pode estimular outros pesquisadores a realizar mais estudos envolvendo o uso do *blog*, visando possíveis mudanças nessa instituição de ensino e, com isso, à melhoria do processo de ensino e aprendizagem.

Entretanto, não podemos ignorar que a utilização de recursos tecnológicos afeta todos os campos educacionais, exigindo uma reestruturação não só das teorias, mas também da própria percepção e ação educativas. O desenvolvimento de uma “cultura tecnológica” é essencial na mudança da gestão da educação, na reformulação dos programas pedagógicos, na flexibilização das estruturas de ensino, na interdisciplinaridade dos conteúdos, no relacionamento dessas instituições com outras esferas sociais e com a comunidade de forma geral (KENSKI, 2003). E para o desenvolvimento dessa “cultura tecnológica” é necessário proporcionar proximidade, familiaridade, habilidades, formação de competências, acesso aos meios materiais e campanhas de esclarecimento junto aos professores e alunos, com relação ao uso das TIC’s.

Constatamos que as TIC’s continuam sendo concebidas, majoritariamente, como elementos externos, como apêndices justapostos às práticas, sem provocar maiores reflexões acerca da premência de mudanças paradigmáticas que contribuam com uma apropriação crítica dessas tecnologias.

Consideramos que apesar de algumas dificuldades, citadas no capítulo anterior, chamamos a atenção para os resultados positivos destacados pelos sujeitos envolvidos na pesquisa. Os dados confirmaram que a utilização do *blog* em ambientes educacionais colaborou para a transformação do paradigma educacional, senão numa perspectiva temporal mais imediata, em médio ou longo prazo. Entendemos que as TIC’s não são a salvação do ensino; entretanto, é preciso estar atento às mudanças culturais para não ficarmos defasados diante do atual contexto histórico e social. O tempo da mudança certamente dependerá de uma série de fatores econômicos, políticos e, principalmente, culturais.

Os resultados obtidos em nossa pesquisa confirmaram nossa hipótese de que, a utilização do *blog*, como recurso didático, pode condicionar situações favoráveis ao processo de ensino e aprendizagem e, estimular a formação de competências exigidas pelo contexto social contemporâneo, decorrente do avanço científico e tecnológico. Em contrapartida, lança também desafios que alteram as condições do trabalho docente e as atividades realizadas pelos alunos nos diversos níveis educacionais.

Apesar de alguns desafios inerentes a estudos como este, podemos considerar que a discussão sobre o uso das TIC’s está ganhando visibilidade no cotidiano das instituições educacionais. Porém, reiteramos, que somente o envolvimento contínuo e comprometido dos docentes e discentes, em torno de um projeto mobilizador coletivo poderá agenciar mudanças significativas nos paradigmas da educação, que propiciem a apropriação de conhecimentos

teórico-metodológicos e o desenvolvimento de práticas educativas com o uso das TIC's que redundarão em sucessivos avanços nessa área do conhecimento.

Apresentamos como objetivo geral: identificar quais as potencialidades educativas evidenciadas nos *blogs*, construídos para este estudo. Retomaremos esse assunto e algumas definições (abordados no Capítulo 05) a fim de fazermos algumas considerações. Em nossas observações destacamos quatro potencialidades, que se mostraram muito evidentes: (1) diálogo, (2) sentimento de pertencimento, (3) colaboração e (4) interação (respondendo, assim, a nossa segunda questão da pesquisa “*Quais as potencialidades do blog sendo utilizado em educação?*”).

Os sujeitos apresentaram, ao longo de todo o processo, posturas críticas e reflexivas diante da realidade e do conhecimento aplicado, contemplando situações do cotidiano. O respeito com o pensar do outro, a afetividade, a amorosidade, a confiança entre os sujeitos, a humildade e o reconhecimento do próprio “não saber”, foram características demonstradas, em várias situações, através de palavras e imagens. E, diante da presença de todos esses elementos, considerados por Freire (1999) e Bakhtin (1997) como imprescindíveis para a existência do diálogo, podemos afirmar que o *blog* possibilitou uma situação dialógica, durante toda a sua utilização.

O sentimento de pertencimento surgiu na medida em os sujeitos permaneceram, todo o tempo de realização da pesquisa, focados em torno de interesses específicos, em que regras, valores, limites, usos e costumes foram estabelecidos. Criou-se, não só, um sentimento de pertencimento, como também, uma identidade social que os diferenciou de outros agrupamentos virtuais existentes.

Em seguida, citamos a colaboração, evidenciada pela experiência compartilhada, pela comunhão de situações e, pelo processo de troca. Falamos aqui da colaboração que pressupõe a realização de atividades de forma coletiva, ou seja, a tarefa de um complementando o trabalho de outros (KESNKI, 2003). Todos trabalharam, no *blog*, conjuntamente e se apoiaram mutuamente, tendendo, dessa forma a um relacionamento não hierárquico. Houve uma circularidade de contribuições que foram expressas pelo somatório das individualidades, percepções e racionalidades. Quando afirmamos que houve colaboração, partimos do pressuposto de que, no processo de ação colaborativa, existe uma circulação intensa de informações e trocas, visando o alcance dos objetivos previstos, em que todos do grupo auxiliam na execução das atividades propostas e constroem colaborativamente, seu próprio conhecimento e o da coletividade. Segundo Vygotsky (1988 apud PALANGANA, 2001), uma atividade coletiva pode aumentar a capacidade de desenvolvimento da

aprendizagem. Então, podemos concluir que, a ocorrência da colaboração favoreceu ao processo de aprendizagem. Com base nisso, consideramos que a utilização desse ambiente midiático alterou as “concepções usuais de aprendizagem”²⁹. (O que corresponde a nossa terceira questão de pesquisa: “*em que sentido a utilização desse ambiente midiático pode alterar ou simplesmente trazer implicações para as concepções usuais de aprendizagem?*”).

A interação foi a quarta potencialidade que destacamos, a partir do uso do *blog*. É oportuno deixar claro que estamos tratando, neste estudo, da interação por meio da comunicação escrita, mediada por um recurso tecnológico – o *blog*. Não abordamos a interação em nível social que pode ter ocorrido, ou não, entre as pessoas envolvidas na pesquisa. Não tratamos da interatividade entre sujeitos por meio de um contato direto, nem tampouco da interação entre sujeitos e máquinas. No presente trabalho, identificamos uma interação entre sujeitos de caráter bidirecional, ou seja, uma comunicação de “mão dupla”, mediada pelo *blog*. Ocorreu interação no momento que cada mensagem *postada* no *blog* podia dar origem a outra mensagem, e assim por diante. Acreditamos que a interação pode redefinir as noções de espaço e tempo, oferecendo à educação a estruturação de uma nova dimensão didática.

Quando decidimos apontar quatro potencialidades advindas do uso do *blog*, em nenhum momento tivemos a pretensão de fechar a questão ou de encerrar o assunto. Acreditamos que muitas outras potencialidades possam ser destacadas. Porém, consideramos inviável realizarmos um estudo mais abrangente, no espaço-tempo de realização do Mestrado.

Ao terminarmos este texto, certamente somos obrigados a confessar que temos mais dúvidas do que tínhamos por ocasião das primeiras páginas. Mas, para trabalhar com educação, acreditamos ser preciso ter disponibilidade para sempre expandir nossa própria consciência e ter a liberdade para criar nossas próprias questões. Se caímos em alguma contradição, que sirva de ponto de conexão para os próximos momentos de leitura, reflexão e ação, ou de ponto de partida para pesquisas futuras.

As sugestões e observações que ora fizemos não devem ser tomadas como prescrições, mas como pontos de pauta a serem analisados e refletidos pela instituição de ensino na sua caminhada em direção às mudanças requeridas no contexto social do século XXI.

²⁹ Consideramos “concepção usual de aprendizagem” as aulas ministradas apenas na sala de aula, em que os professores se baseiam apenas na fala, na exposição oral do conteúdo, seja pelo professor ou pelos alunos.

REFERÊNCIAS

ABED. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/011tcc3.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2006.

ADNEWS-MOVIDO PELA NOTÍCIA. Web cresce no Brasil e chega a 64,8 milhões de usuários. Disponível em: <<http://www.adnews.com.br/internet>>. Acesso em: 21 ago. 2009.

ANDRADE, Arnon de. **Novas tecnologias e educação.** In: Arnon de Andrade – *Site Pessoal*. Disponível em <<http://www.educ.ufrn.br/arnon>>. Acesso em: 18 set. 2009.

BARATO, Jarbas Novelino. **Aprendente.** São Paulo, [2004]. Disponível em: <<http://aprendente.blogspot.com/>>. Acesso em: 21 set. 2009.

APRENDIZAGEM Colaborativa. Disponível em: <<http://www.projeto.org.br/mapas/gac.htm>>. Acesso em: 10 set. 2006.

APRENDIZAGEM Colaborativa. Disponível em: <<http://www.minerva.uevora.pt/rtic/aprojecto/apcolab.htm>>. Acesso em: out. 2006.

ARAGÃO, Ana Lúcia Assunção; NAVARRO, Almira. Diálogos em Diálogo: David Bohm, Paulo freire e Mikhail Bakhtin. **Educação em Questão**, v.19, n. 5, p. 108- 118. jan./abr. 2004. Natal: EDUFRN, 2003.

BAKHTIN, Mikhail Mikháilovitch. **Questões de literatura e de estética:** a teoria do romance. Tradução Aurora Fornoni et AL. São Paulo: UNESP, 1988.

_____. **Estética da criação verbal.** Tradução Maria Ermantina Galvão Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARROS, Simone; CAVALCANTE, Patrícia Smith. Os recursos computacionais e suas possibilidades de aplicação no ensino. In: NEVES, André Menezes Marques das; CUNHA FILHO (Org.). **Projeto virtus:** educação e interdisciplinaridade no ciberespaço. Recife: Editora Universitária da UFPE; São Paulo: Editora da Universidade Anhembi Morumbi, 2000. p. 21- 32.

BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Tradução Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BEZERRA, Lebiam Tamar Silva. **A docência do século XXI: formando competências para o uso das TIC's na UFPB.** 2006. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Departamento de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

BLOG da disciplina Ensino I. Natal: UFRN, 2007. Disponível em: <<<http://ensino.educ.zip.net/>>>. Acesso em: 01 set. 2007.

BLOG do Juca. São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://blogdojuca.blog.uol.com.br/>>. Acesso em: 16 abr. 2009.

BLOG educacional: ambiente de interação e escrita colaborativa. Disponível em: <<http://penta3.ufrgs.br/PEAD/Semana01/blogeducacioalsbie2005.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2006.

BLOG garota sem fio: a tecnologia móvel no dia-a-dia. Disponível em: <<http://www.odontopalm.com.br/gsf/>>. Acesso em: 21 set. 2009.

BLOG do GEC. Tecnologias e novas educações. Disponível em: <<http://educacoes.livejournal.com/>>. Acesso em: 21 abr. 2009.

BLOG grupoassurê. Disponível em: < <http://blogassure.wordpress.com/>>. Acesso em: 21 set. 2009.

BLOG reinventando geografia. Natal: UFRN, 2008. Disponível em: <<http://geocritica06.zip.net/>>. Acesso em: 08 mar. 2008.

BLOG relendo clássicos. Porto Alegre: TRAMSE-UFRGS, 2003. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/tramse/classicos/>>. Acesso em: 16 abr. 2007.

BLOG vamos blogar? São Francisco: Pyra Labs, 2003. Disponível em: <<http://vamosblogarbr.blogspot.com> >. Acesso em: 26 jan. 2008.

BLOGOSFERA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Blogosfera> >. Acesso em: 10 mar. 2009.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994. 336p.

BARATO, Jarbas Novelino. **Boteco escolar: ensaios sobre uso de blog em educação**. São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://jarbas.wordpress.com/>>. Acesso em: 21 set. 2009.

BOUDON, Raymond. **Dicionário de sociologia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

BRUNNER, Joaquim José. Educação no encontro com as novas tecnologias. In: TEDESCO, Juan Carlos (Org.). **Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza?** tradução de Claudia Berliner, Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cortez; Buenos Aires: Instituto Internacional de Planeamiento de la Educacion. 2004.

BRUYNE, Paul de; HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica**. 5. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. Tradução de Roneide Venancio Majer. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CASTRO, Alda Maria Duarte Araújo. Educação a distância e formação de professores: limites e possibilidades. In: CABRAL NETO, Antônio. **Política educacional: desafios e tendências**. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 97- 124

CESNEIROS, Paulo G. **Novas tecnologias no cotidiano escolar**. Disponível em: <<http://www.proinfo.gov.br>>. Acesso em: 18 jun. de 2008.

CHIZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5. ed. São Paulo:Cortez, 2001. (Biblioteca de educação. Série 1. Escola; v.16).

CRUZ NETO, Otávio. **O trabalho de campo como descoberta e criação**. In: MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. (Coleção Temas Sociais).

DANIELS, Harry. **Vygotsky e a pedagogia**. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

DAVENPORT, T.H. **Ecologia da informação: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação**. São Paulo: Futura, 2001.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: ed. 34, 1995.

DELORS, Jacques. **Educação para o século XXI**. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2005.

_____. **Educação: um tesouro a descobrir**. 10. ed. São Paulo: Cortez; Brasília. DF: MEC: UNESCO, 2006.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 62- 83.

INTERATIVIDADE. Disponível em:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal>. Acesso em: 08 ago. 2006.

ELIAS, Marisa Del Cioppo. **Célestin Freinet: uma pedagogia de atividade e cooperação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

FANTAUZZI, Elizabeth. **Edublogosfera**. Disponível em
<<http://edublogosfera.blogspot.com/>>. Acesso em: 21 set. 2009.

FIORENTINI, Dario. Pesquisar práticas colaborativas ou pesquisar colaborativamente? In: BORBA, Marcelo de Carvalho. **Pesquisa qualitativa em educação matemática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

FREINET, Célestin. **Pedagogia do bom senso**. Tradução J. Baptista. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FREINET, Elise. **O itinerário de Célestin Freinet: a expressão livre na pedagogia Freinet**. Lisboa: Livros Horizonte, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

_____. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **Extensão ou comunicação?** Tradução: Rosisca Darcy de Oliveira. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Sobre educação: (diálogos)**. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Paz e Terra, 2003.v. 2.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUGIK, Gabriel. **A história dos computadores e da computação**. Disponível em: <<http://www.baixaki.com.br/info/1697-A-Historia-dos-computadores-e-da-computacao.htm#topo>>. Acesso em: 23 jun. 2009.

HISTÓRIA da internet. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/internet/>>. Acesso em: 27 mar. 2009.

HISTÓRIA da internet no brasil. Disponível em: <<http://homepages.dcc.ufmg.br/~mlbc/cursos/internet/historia/Brasil.html>>. Acesso em: 27 mar. 2009.

INTERDISCIPLINARIDADE. Disponível em: <<http://recantodasletras.uol.com.br/artigos/294810>>. Acesso em: 19 abr. 2009.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. Autoria da comunicação organizacional. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 236- 252.

LAURILLARD, D. Multimedia and the changing experience of the learner. **British Journal of Educational Technology**, Londres, v. 26, n 3, 1995.

LEMOS, André. **Cultura das redes: ciberensaios para o século XXI**. Salvador: EDUFBA, 2002. 74p.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu Costa. 34. ed. São Paulo, 1999. (Coleção TRANS).

LINHA do tempo da internet no brasil. Disponível em:
<<http://www.internetnobrasil.net/index>>. Acesso em: 16 abr. 2009.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino).

MANHÃES, Eduardo. Análise de discurso. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 305-329.

MARCONI, M; LAKATOS, E. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida. **Dimensões da ciberdemocracia: conceitos e experiências fundamentais**. 2004. 202 f. Dissertação de Mestrado Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004.

MARTÍNEZ, Jorge H. Guitiérrez. Novas Tecnologias e o desafio da educação. In: TEDESCO, Juan Carlos (Org.). **Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza?**; Trad. Claudia Berliner, Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cortez; Buenos Aires: Instituto Internacional de Planeamiento de la Educacion; Brasília: Unesco, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 4. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1996.

MORAN, José Manuel. **Como utilizar a internet na educação**. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19651997000200006>. Acesso em: 01 abr. 2009.

_____. **Novos desafios na educação: a internet na educação presencial e virtual**. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/novos.htm>> Acesso em: 03 abr. 2009.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya; Revisão técnica Edgar de Assis Carvalho. 10. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2005a.

_____. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. In: ALMEIDA, Maria da Conceição de; CARVALHO, Edgar de Assis (Org.). 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005b.

_____. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Tradução Eloá Jacobina. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

MUNHOZ, Paulo César Vialle. **Fotografia, internet e participação: os usos da fotografia em weblogs e veículos de pauta aberta**. 2005. 189 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005.

NEVES, André Menezes Marques das; FILHO, Paulo Carneiro da Cunha (Org.). **Projeto virtus: educação e interdisciplinaridade no ciberespaço**. Recife: Editora Universitária da UFPE; São Paulo: Editora da Universidade Anhembi Morumbi, 2000.

NOVELLI, Ana Lúcia Romero. Pesquisa de opinião. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 164- 179.

OLIVEIRA, André de. Bem-vindo à edublogosfera. **Carta na Escola**, São Paulo, n.39, p. 60-61, set. 2009.

OLIVEIRA, Silvio Luiz. **Sociologia das organizações: uma análise do homem e das empresas no ambiente competitivo**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

O que é hipertexto? Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/internet-and-technologies/1794880-que-%C3%A9-hipertexto/>>. Acesso em: 19 abr. 2009.

PAIS, Luiz Carlos. **Educação escolar e as tecnologias da informática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PALACIOS, Marcos. **Cotidiano e sociabilidade no ciberespaço: apontamentos para discussão**. Disponível em: <<http://facom/ufba/br/pesq/cyber/palacios/cotidiano.html>> . Acesso em: 19 nov. 1998.

PALANGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky: a relevância do social**. 3. ed. São Paulo: Summus, 2001.

PERUZZO, Cícilia Maria Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 125- 145.

PRETTO, Nelson. **Abobrinhas do Nelson Pretto**. Salvador, 2004. Disponível em: <<http://nelsonpretto.livejournal.com/>>. Acesso em: 23 jul. 2007.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2007. 240 p.

_____. **Blogs e seus gêneros: avaliação estatística dos 50 blogs mais populares em língua portuguesa**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., 2008, Natal.

PROJETO ZAPT. Porto Alegre: TRAMSE-UFRGS, 2003. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/tramse/pzapt>>. Acesso em: 05 ago. 2006.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: veredas**. 20 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

STAKE, Robert E. Case studies. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Org.). **Handbook of qualitative research**. United States of America: Sage, 1994. p. 236- 247.

SILVA, Maria Ozanira da Silva e. **Refletindo a pesquisa participante**. São Paulo: Cortez, 1986.

TAJRA, Sanmya Feitosa. **Informática na educação: novas ferramentas pedagógicas para o professor na atualidade**. 6. ed. São Paulo: Érica, 2001.

TAKAHASHI, Tadao (org.) **Sociedade da informação no Brasil: livro verde**. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

Um pouco da história dos computadores. Disponível em: <http://www.mansano.com/beaba/hist_comp.aspx>. Acesso em: 23 jun. 2009.

VYGOTSKY, L.S. **Mind in society: the development of higher psychological process.** Cambridge, Ma. : Harvard University Press, 1978.

_____. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Ícone, 1988.

_____. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** Michael Cole *et al.* (Org.); Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIRILIO, Paul. **O espaço crítico.** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

WEBER, Max. **Conceitos básicos de sociologia.** Editora Moraes. São Paulo, 1987.

WINER, David. **The history of weblogs Acton:** UserLand Software, Inc, 2001. Disponível em: <<http://www.weblogs.com/earlyWeblogs>>. Acesso em: jul. 2008.

WOLTON, Dominique. Pensar a internet. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado. **A geneologia do virtual: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário.** Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 149- 156.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** Tradução Daniel Grassi. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

APÊNDICE A – *POSTAGENS*

Textos (*postagens*) escritos no *blog* construído para a turma do semestre 2007.2, do curso de Pedagogia da UFRN. Os *posts* estão apresentados em sua forma original: escrita, fontes, cores, gravuras... tudo como foi desenvolvido pelos sujeitos no decorrer da pesquisa.

BLOG ensino.educ(Turma 2007.2)

13/02/2009

Acessei o *blog* na esperança de ter alguma postagem de um dos alunos, mas infelizmente não teve!

Talvez seja realmente uma questão de hábito... ou da falta dele.rsrsrsr

Michele Costa

⚡Escrito por Alunos às 11h39
[(0) Comente] [envie esta mensagem] [link]

09/06/2008

Este foi o *blog* construído durante a pesquisa de Mestrado, no período de 29 de agosto de 2007 até 23 de dezembro do mesmo ano. Com a turma da disciplina Ensino da Geografia I da professora Sandra Kelly, turno da tarde.

Excelente participação de todos!!!!



Michele Costa

✉Escrito por Alunos às 17h16
 [] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

22/04/2008

Olá,

Por que vocês pararam de postar? Que pena!!!!!! 😞

Continuo esperando que algum de vocês entre para mandar notícias...

Abraços

✉Escrito por Alunos às 13h29
 [] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

23/12/2007

Oi turma!!!!

Acabei de colocar no site: <http://meneghettieduc.googlepages.com/> a apresentação do grupo 2.

Desejo a todos um Feliz Natal e um Ano Novo cheio de saúde e notas boas, ok? 🍀

Ah!!!!!! Não deixem de "alimentar" o *blog*, ok?

Michele Costa

✉Escrito por Alunos às 17h59
 [] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

07/12/2007

Ei galerinha...
 Coloquei no blog alguns links
 que falam sobre a cartografia e a educação.
 Se possível, dêem uma olhadinha.
 Boas férias!!!!
 Xero.
 Jô.

✉Escrito por Alunos às 12h23
 [] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

06/12/2007

Didática de Geografia

Oi meu povo! 🍀

O nosso grupo (2) vai apresentar o livro **Didática de Geografia de Salete**

Kozel e Roberto Filizola. A síntese feita ficou muito grande, por isso não vamos por aqui, mas vamos dar uma cópia para cada grupo, ok?

Só pra não chegar lá sem saber de nada, vamos dizer do que se trata, certo? Vamos lá!

Esse livro tem mais ou menos uns 8 capítulos e fala sobre quase tudo do ensino da Geografia, desde quando começou, lá na Grécia, até os dias atuais. vamos abordar aspectos importantes, como:

- geografia tradicional;
- geografia quantitativa;
- o ensino de Geografia hoje;
- atividades que podem ser realizadas na sala de aula e na escola;
- como trabalhar alguns conceitos;
- como avaliar;
- como escolher um livro didático;

E mais um monte de coisas que só assistindo pra saber! 😊

Um xero e até lá! 🙌👨🎓

✉️ Escrito por Alunos às 17h55

[] [envie esta mensagem] [link]

05/12/2007

Cartografia

A transformação de uma superfície esférica em uma superfície plana recebe o nome de projeção cartográfica (que nasceu a partir da necessidade que o homem sentiu de registrar suas aventuras e os lugares por onde passou). Ao longo dos anos, uma das definições que a Cartografia recebeu é recomendação da Associação Cartográfica Internacional (1989): "Cartografia é a organização, apresentação, comunicação e utilização da geoinformação nas formas visual, digital ou tátil, que inclui todos os processos de preparação de dados, no emprego e estudo de todo e qualquer tipo de mapa". Nesse sentido, tem como objetivo analisar o espaço geográfico, com base num processo de pesquisa científica ou organização territorial, abarcando conceitos como: mapa, carta, planta, cartograma, atlas e globo. Para isso, são imprescindíveis os estudos da orientação espacial, localização do espaço geográfico, fusos horários e coordenadas geográficas.

Bem pessoal, isso é parte do que será trabalhado ao longo de nossa apresentação.

No mais, cheguem pontualmente a aula desta sexta-feira e confirmam alguns dos conceitos e possíveis estratégias de ensino da cartografia.

Se quiserem rever nossa apresentação é só visitar esse endereço: <http://meneghettieduc.googlepages.com/>

Beijos. 🍷
Jô e Cia.

Escrito por Alunos às 12h22

[] [envie esta mensagem] [link]

27/11/2007

Síntese do Grupo 1

Livro Didático

Adriano Correia, Camilla Alves, Danyella Duarte, Ingrid Albuquerque, Janeclécia da Silva, Karina de Lima, Luciara Sousa, Mariana Nogueira, Micheline Cruz, Priscila Lopes, Sirlia Sousa, Viviane Melo

O trabalho objetiva mostrar como funciona o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD - <http://portal.mec.gov.br/seb/index.php?option=content&task=view&id=370>) no Brasil, que é o mais antigo dos programas voltados à distribuição de obras didáticas aos estudantes da rede pública do ensino fundamental, compartilhando a responsabilidade pela compra e distribuição dos livros com o Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação (FNDE - http://www.fnde.gov.br/home/index.jsp?arquivo=missao_objetivos.html), que direciona os livros aos Estados, ao Distrito Federal, aos Municípios e organizações não-governamentais.

Após uma primeira etapa de seleção, é criado o Guia do Livro Didático (http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/pnld2007_apresentacao.pdf), onde encontram-se as resenhas das coleções e dos livros, que foram selecionados por cumprirem os critérios de qualificação e eliminatórios exigidos pelo Guia do PNLD, para o professor poder escolher o melhor para a sua docência.

Para análise, escolhemos para o Ensino da Geografia nas séries iniciais a "Coleção Vivência e Construção", que tem como autores José William Vesentini (<http://www.geocritica.com.br>), Dora Martins e Marlene Pécora. Segundo a avaliação feita pelo Guia 2007 (http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/pnld2007_geo.pdf), a coleção foi selecionada para o programa por atender a todos os critérios de qualificação e eliminatórios; Porém, em nossa análise, não qualificamos a coleção frente ao tópico "Mapas e ilustrações devem conter título, fonte, data de elaboração, orientação e escala", pois nem todas as fotos apresentam datas e/ou referências.

Frente ao exposto, vimos ser de fundamental importância uma política séria para a seleção de bons Livros Didáticos e distribuição pelas escolas de todo o Brasil; Assim como, uma fiscalização dentro deste mercado financeiro que só faz crescer o número de Livros Didáticos, muitos dos quais não obedecem aos requisitos mínimos de qualificação,

transformando o ensino-aprendizagem em uma tarefa mecanicista e decorativa.

Este é o link para os slides apresentados pelo grupo: <http://meneghettieduc.googlepages.com/geografiai>

Pessoal, aí está nossa contribuição para o encerramento da disciplina Ensino da Geografia I.

Desejamos a todos um **DOM NATAL** e um **ANO NOVO** de MUITAS FELICIDADES!!!

Viviane Melo

Grupo I

✉:Escrito por Alunos às 18h16

[] [\[envie esta mensagem\]](#) [\[link\]](#)

23/11/2007

Oi pessoal!!!!!!

Hoje tivemos a apresentação do primeiro seminário da turma. Infelizmente não pude assistir, mas soube que foi maravilhoso!!!!!!Espero que o grupo tenha um tempinho, semana que vem, para nos encontrarmos e colocarmos alguns tópicos no nosso *blog* para que todos tenham acesso.

Semana que vem, em decorrência no **Carnatal**, foi decidido que **não haverá aula**. Porém, na sexta-feira (07/12), teremos a apresentação dos dois últimos seminários na mesma tarde. Espero que os grupos escolham um representante para prepararmos a apresentação no *blog*. Penso que vai ficar ótimo.

Essa nossa última aula deverá ser na sala F1, do setor I. Ainda vou confirmar essa reserva nesta segunda-feira, daí mando *e-mail* pra todos, ok?

Gostaria que algum aluno escrevesse um poste sobre a apresentação do grupo 1. Eu faria isso se tivesse assistido, mas.... não pude. Por isso peço, por gentileza, que alguém se habilite a fazer.

Aguardo contato dos grupos para prepararmos a apresentação no *blog*, ok?

Michele 

✉:Escrito por Alunos às 21h11

[] [\[envie esta mensagem\]](#) [\[link\]](#)

22/11/2007

Oi pessoal!!!!!!

Amanhã teremos nossa apresentação do Seminário no **auditório B, do CCHLA (azulão)**, anexo novo, às 13:50.

Estaremos com todo material tecnológico necessário para a apresentação do primeiro grupo.

Até lá. 👍

Michele

✉️ Escrito por Alunos às 19h16

[] [\[envie esta mensagem\]](#) [\[link\]](#)

09/11/2007

Agenda dos Seminários (definida na aula do dia 09/11)

Grupo 1 - Livro Didático (23/11)

Grupo 2 - Didática da Geografia (30/11)

Grupo 3 - Cartografia (07/12)

Sugestões da professora Sandra para cada grupo

- Depois do trabalho pronto, inserir no *blog* uma síntese do trabalho;
- Inserir um *link* para uma apresentação do trabalho em *powerpoint*;
- Sugerir *links* com indicações de trabalhos já desenvolvidos sobre o tema escolhido, sobre autores que falam sobre o assunto e bibliografias que enriqueçam o tema estudado;
- Espera-se, também, que os outros grupos, através de um representante, façam um comentário, no *blog*, sobre os trabalhos dos outros grupos.

Boa sorte a todos e podem contar comigo, ok? 👍

Michele

✉️ Escrito por Alunos às 20h50

[] [\[envie esta mensagem\]](#) [\[link\]](#)

Olá pessoal!!!! Quanto silêncio.rsrrsrsrs

Como vocês podem ver o *blog* está com seu acesso normal.

Beijos 🍷

✉️ Escrito por Alunos às 15h49

[] [envie esta mensagem] [link]

02/10/2007

Oi turma, saudades....

Esta semana começa, na UFRN ,a CIENTEC. Quem quiser mais informações sobre esse evento entre no endereço:<http://www.cientec.ufrn.br/>

A SEMANA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E CULTURA DA UFRN – **CIENTEC** - vem consolidando-se como um evento de grande importância, tanto para a comunidade acadêmica quanto para toda a sociedade do estado do Rio Grande do Norte. Este evento constitui uma oportunidade ímpar para que a **UFRN** se mostre viva e atuante, atenta ao cumprimento de suas responsabilidades de natureza social, ativa nas grandes questões e projetos locais e regionais, procurando, cada vez mais, divulgar conhecimentos e exercer seu papel de promotora de ações que conduzam a uma sociedade mais democrática, mais justa e mais solidária.

Aproveitem!!!! 😊

Beijos

Michele

✉️ Escrito por Alunos às 19h15

[] [envie esta mensagem] [link]

23/09/2007

Oi galera!

Cumprindo o que me foi solicitado, 🧑🏫

venho divulgar algumas das informações/novidades da disciplina Ensino de Geografia I.

Organização das **Unidades do Semestre**: 🧑🏫

Unidade I: Geografia, Ciência e Ensino.

Unidade II: PCN.

Unidade III: Práticas de Ensino em Geografia.

2. **Avaliação I**: 🧑🏫

Elabore cinco perguntas referentes aos PCN's de Geografia. Essas perguntas serão objeto de seminário (da unidade seguinte);

Remeter essas perguntas até o dia 17/10/07 via email (skaraujo@hotmail.com), para a professora Sandra Kelly (organizar);

E, ainda, elaborar uma síntese (de no máximo três laudas) sobre texto "Como vai o ensino de Geografia" (trabalhado anteriormente na disciplina), tecendo comentários e relações referendados por outro(s) autor(es).

3. **Agenda**: 😊

28/09/07: Afirse

05/10/07: CIENTEC

12/10/07: Feriado

19/10/07: Entrega da Avaliação I

Por enquanto, é só isso pessoal.

 Em caso de dúvidas, entrem em contato com a professora Sandra Kelly ou com a Michelle.

Beijão. 

Jô. 

::Escrito por Alunos às 23h46

[] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

21/09/2007

Oiiiiiii gente, gostaria de dizer que pra quem não sabia nem o que era um blog...

rsrsrrsrsrsrsrs

Agora tenho um....

<http://em-macario.zip.net>

Podem me visitar...

Lá não tem nada ainda. Esse é o principal detalhe...


rsrsrss

::Escrito por Alunos às 19h51

[] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]


Oi para todos!!!!

Tentei me controlar pra ver se vocês postavam antes de mim, mas não consegui me conter. **EU AMEI A AULA DE**


HOJE . Apesar da confusão por ter muito gente, pouco computador e falta de monitores, o rendimento da turma foi muito além do esperado. Posso arriscar que mais de 95% dos alunos conseguiram construir seu próprio blog, ou, ao menos, entender um pouco como eles (os blogs) funcionam.

Apreendi muito também, pois apesar de usar essa ferramenta há algum tempo, algumas coisas eu nunca tive curiosidade ou necessidade de fazer. Mas algumas alunas me deram ótimas idéias que vou tentar descobrir como se faz e depois repasso pra vocês. E é claro que vocês podem fazer o mesmo comigo. Se aprenderem algo novo, que possa melhorar nosso blog, por favor, me ensinem, ok?

Espero que alguém se habilite a postar as tarefas pedidas pela professora e também o calendário da disciplina das próximas 3 semanas. E gostaria de ler comentários sobre os eventos que estão por vir, tais como: a AFIRSE (<http://sol.ccsa.ufrn.br/afirse/>) e a CIENTC (<http://www.cientec.ufrn.br/>). Esse espaço é um bom lugar para divulgarmos os resultados desses eventos, não acham?

Beijos pra todos. 

Ah!!!Se tiverem dúvidas, se eu puder ajudar em alguma coisa, é só gritar, ok? 

EU ADOREI OS COMENTÁRIOS QUE RECEBI. OBRIGADA! 

Bom fim de semana.

::Escrito por Alunos às 19h32


[] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

19/09/2007

Oi pessoal,

Nossa aula de laboratório, desta sexta (21/09), será na **sala D6, no setor 1**. Mas, o **horário mudou**. Agora será às **14:30** (antes estava marcado para às 14:00).

Por isso, iremos para nossa sala habitual, a C2, às 13:50. Lá começaremos a falar sobre nosso assunto e, só às 14:30 é que vamos para a D6, ok?

Beijos. 

Michele

::Escrito por Alunos às 20h17

[] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

18/09/2007

Oi pessoal,

Não esqueçam que o primeiro momento da nossa aula será no **laboratório D6**, do setor I, às 14:00, ok?

Levem cpf e o cep da rua de vocês para podermos abrir uma conta no bol, pra quem não tem ainda, claro!!!!

Os *links* que a professora Sandra indicou, para a aula que vem, já estão disponíveis ao lado, ok? Se puderem sugerir outros, eu agradeço.

Bom estudo.

Beijos e até lá.

Michele 🍌

::Escrito por Alunos às 19h51

[] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

15/09/2007

Uma dica didática!

Olá turma!

Aproveitando a deixa da professora Sandra Kelly, sobre o mapa falante, indico o *ATLAS Escolar do Rio Grande do Norte, de José Lacerda A. Felipe e Edilson Alves de Carvalho, publicado pela editora GRAFSET, em 2001*. É um material didático de fácil compreensão, para ser trabalhado no Ensino Fundamental I. Esse atlas engloba localização, ocupação, povoamento, divisão do estado, atividades econômicas e manifestações culturais do RN. É um material riquíssimo, disponibilizado para os professores nas escolas do município, mas também está a venda em algumas livrarias, aqui mesmo em Natal.

Na próxima aula estarei levando o que tenho para quem quiser dar uma olhadinha.

Beijinhos. 🍌

Joaracy.

::Escrito por Alunos às 19h17

[] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

12/09/2007

Olá turma,

Vejam uma foto do nosso passeio ao **Parque das Dunas**, dia 31 de agosto.

Ficou ótima!!!! Escolheremos, juntos, outras fotos na nossa aula de laboratório, que será na semana que vem, ok? 🍌



::Escrito por Alunos às 15h44
 [] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

04/09/2007

Na próxima sexta-feira (07/09), não teremos aula em virtude do feriado. Mas, na próxima semana, teremos uma aula dividida em dois momentos: no começo teremos uma **explanção sobre uso do blog em sala de aula** e, depois a professora Sandra Kelly retoma as discussões seguindo o cronograma proposto para a disciplina.

Espero todos vocês. 🙌

::Escrito por Alunos às 20h37
 [] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

31/08/2007

Olá pessoal!!!!

Hoje, conforme combinado, nossa aula foi no **Parque das Dunas**. Começou às 14:00 e foi até o fim da tarde sem que nem percebêssemos o tempo passar. A aula foi um verdadeiro show!!!! Essa disciplina, como já foi mencionado, trata do ensino da geografia e não podia ter encontrado lugar mais propício para se falar e se vivenciar sobre esse assunto. Contamos com a presença de 29 alunos, da professora Sandra e da assistente Michele, no caso, eu.kkkkkk Apesar de alguns momentos de dispersão, de um modo geral, o saldo da aula foi positivo. Comentamos sobre a diversidade da fauna e da flora, além dos cuidados dos responsáveis pela preservação do local. O Senhor Manuel do Nascimento e a estagiária de biologia, da UFRN, Beatriz Colombo, explicaram sobre os tipos de plantas nativas. Não posso deixar de relacionar este momento com as "Aulas Passeio", idealizadas e efetivadas por Freinet, no começo do século passado. Podemos perceber que ainda hoje fazemos uso das idéias que surgiram há tanto tempo!!!!

Adorei a aula e, espero que seja a primeira de uma série de "Aulas Passeio". 🌈

Aguardem as fotos. Ficaram lindas!!!!

Michele Costa 🙌

::Escrito por Alunos às 20h22

☐ [\[envie esta mensagem\]](#) [\[link\]](#)

29/08/2007

Este *blog* tem o intuito de estimular alunos e professores da disciplina Ensino de Geografia I, do curso de Pedagogia, da UFRN, a utilizar esse ambiente midiático como um auxílio na construção do saber.

Terão discussões sobre o Ensino da Geografia, bibliografias sobre o assunto, relatos de atividades, fotos de passeios, dúvidas e comentários sobre as aulas .

A próxima aula será, sexta-feira (31/08), às 14:00, no **Parque das Dunas**, com o objetivo de experimentar espaços

para a prática do Ensino da Geografia. Contamos com a presença de todos! 🍷

Sejam muito bem vindos!

::Escrito por Alunos às 21h03

☐ [\[envie esta mensagem\]](#) [\[link\]](#)

[\[página principal \]](#) [\[ver mensagens anteriores \]](#)

Textos (*postagens*) escritos no *blog* construído pela turma do semestre 2008.1, do curso de Pedagogia da UFRN. Os *posts* estão apresentados em sua forma original: escrita, fontes, cores, gravuras...tudo como foi desenvolvido pelos sujeitos no decorrer da pesquisa.

BLOG reinventando a Geografia (Turma 2008.1)

13/02/2009

Por não ter tido nenhuma postagem dos alunos durante algum tempo, este *blog* foi desativado 😞!!! Hoje, senti necessidade de reativá-lo, mesmo sem esperança de que algum aluno entre pra escrever algo. Entro eu...

Michele Costa 🍌

📌 Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 11h44
[(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

15/07/2008

Este foi o *blog* aplicado à turma de pedagogia da UFRN, direcionado a uma pesquisa de Dissertação de Mestrado, do Programa de Pós graduação desta instituição.

A professora da disciplina foi Sandra Kelly e a pesquisadora Michele Costa.

O trabalho foi considerado excelente em virtude do envolvimento dos alunos com as atividades propostas em sala de aula e fora dela.

Agradeço a participação de todos!!!

Michele Costa



📌 Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 09h43
[(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

07/06/2008

Nossa última aula!

Pessoal estou passando para avisar que encontrei a Profª Michele e ela me avisou que essa próxima sexta-feira dia (13/06) haverá a nossa última aula, o fechamento da disciplina! Bjus Ana Raquel

✎ Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 13h49

[(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

Bem pessoal, também foi rica a oportunidade de participar desse blog, uma verdadeira ferramenta de aprendizagem! Agradeço as professoras desse semestre do Ensino de Geografia I e aos colegas pelos momentos de aprendizagem compartilhados ao longo desse semestre! Bjus

Ana Raquel

✎ Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 13h45

[(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

06/06/2008

ola!!!

Até que em fim, literalmente, cheguei para deixar minha pequena participação nesse blog criado para nós e por nós...

Aproveito para agradecer às duas docentes no ensino de geo.I desse semestre, que de forma conjunta nos deram a oportunidade de apreender conhecimentos de diferentes naturezas!!Nunca tinha imaginado que a geografia poderia me acrescentar tanto, vista minha dificuldade de interessar-me por essa disciplina, e que aprenderia a construir um blog!!!muito legal!

Mas, ainda gostaria de deixar minhas impressões acerca dos conteúdos trabalhados em sala!

O que mais me chamou atenção foi a descoberta do trabalho que o professor pode desenvolver com seus alunos sobre a cartografia e como esse conjunto de novos conhecimentos favorece o desenvolvimento cognitivo dos alunos. Consegui fazer relação com meu processo educacional e descobri que algumas dificuldades que tenho com relação a quantificar e qualificar os diferentes espaços em que vivo (saber só de olhar, por exemplo, o espaço que preciso para estacionar um carro, ou quais distâncias em KM são relativamente perto) são decorrência da falta de oportunidades de trabalhar com a cartografia durante a infância, contudo aprendi a valorizar o trabalho com esse instrumento e percebi a real importância de trabalhar-lo com meus futuros alunos. Descobri que o desenho das crianças é um ponto de partida para suas futuras representações cartográficas, então ao desenhar o caminho (mesmo que de forma mais rústica) de sua casa para a escola, ela está construindo de forma concreta seu conceito de cartografia.

Professoras, o trabalho desenvolvido foi válido, contudo senti um pouco a falta de uma maior sistematização do conteúdo, talvez de uma simples análise de uma coleção ou exemplar de livro de geografia ("Geografia para todos" é esse o nome daquela coleção?), pois acredito que esse tipo de trabalho dá subsídio a nós, enquanto professores, para contribuir com a melhor formação de nossos alunos. Vou procurar buscar essa coleção e fazer minha análise, mas acredito que seria mais proveitoso se pudesse contar com a experiência das professoras e dos meus estimados colegas!

Professoras, agradeço por tudo: pela paciência, descontração, dedicação...Ah! E a Sandra pelo livro...excelenteleitura para minha pessoa iniciante...rsrsrs...

PS: proxima aula trago para devolve-lo!

Abraço pessoal!

felicidades para todos e o melhor...

QUE DEUS ABENÇOE A TODOS!

ISABELE ALVES MOREIRA

✚ Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 16h26
[(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

Oi turma...

Gostaria de saber a opinião de vocês sobre a experiência de ter usado um *blog* em paralelo com a disciplina Ensino da Geografia I. Para que se sintam mais à vontade para serem absolutamente sinceros, não precisam colocar o nome ao fim da postagem, ok?

Agradeço a todos pela dedicação e seriedade com que participaram dessa pesquisa. O resultado foi muito além do esperado, graças ao empenho e interesse de vocês. **Obrigada**

Michele Costa



✚ Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 14h47
[(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

03/06/2008

Pessoal, estou passando para avisar que quem faltar a aula de Português terça ou quarta dessa semana, dias 03/06 e 05/06 terão menos 1, 0 ponto na média. Quem chegar atrasado também terá 0. 5 décimos a

menos do que aqueles que chegarem pontualmente. Bjus

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 13h02

[[\(0\) Comente](#)] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

02/06/2008

Concordo com o pessoal!

É inquestionável a importância da formação cartográfica como parte da educação geral de crianças e jovens, diante da necessidade das relações do homem com o espaço geográfico. A alfabetização sempre foi um problema que chamou a atenção dos educadores, sendo entendida como um processo de ensino/aprendizagem da leitura e escrita de uma determinada língua. No entanto, os educadores não têm dado ao mapa o mesmo tratamento que se dá para a leitura e para a escrita. Há necessidade, portanto, de preparar professores para "alfabetizar" crianças e jovens na representação gráfica da superfície terrestre. É necessário encontrar caminhos que facilitem o acesso às informações cartográficas. Afinal, o mundo de hoje está cada vez mais ligado a mapas, códigos e legendas... É notória a necessidade de preparar crianças e jovens para enfrentar os desafios tecnológicos que o progresso impõe à sociedade.

Mariana Nascimento de Lima.

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 19h26

[[\(0\) Comente](#)] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

28/05/2008

O texto lido faz uma reflexão sobre o ensino da geografia considerando a teoria epistemológica genética defendida por Piaget, que explica a construção do conhecimento ano em etapas da vida. Segundo Piaget a aprendizagem é um processo que só termina com a morte, e o professor consciente desta teoria e de sua função como agente mediador no processo de educação escolar, deve entender como utilizar

da noção de localização espacial. Utilizar a técnica da cartografia na sala de aula ajuda o aluno a perceber uma ligação entre o espaço em que vive e o planeta, conceitos como clima, vegetação, relevo, limites geográficos, e a sua utilização e relação com o seu status social.

Simone Maciel

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 11h18

[[\(0\) Comente](#)] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

16/05/2008

Como a Elizângela colocou, as noções contruídas pela criança através da cartografia é de extrema importância para entender o espaço onde está inserido e as relações com outros espaços. Iniciar a construção desses conceitos nas séries iniciais com embasamento na teoria piagetiana facilita o aprendizado, por respeitar os estágios cognitivos do educando. Cabe ao professor mediar esse aprendizado, de modo que o aluno se aproprie, gradativamente, das noções de espaço em âmbito local e também mundial, fazendo sempre uma ligação clara com a sua vida cotidiana. Aprender a linguagem cartográfica, ao contrário do que alguns podem pensar, pode ser agradável e até mesmo divertido, quando o aluno se percebe como inserido no contexto estudado. Encarar esse processo como uma "alfabetização" é interessante para entendermos que, se começarmos o seu estudo nas séries iniciais, o educando terá mais chances de ser bem sucedido na construção dos conceitos relacionados.

Irenilma Bezerra

✎ Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 11h12
[(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

15/05/2008

Como Michelly colocou, o professor possui papel relevante no processo de articulação entre o desenvolvimento cognitivo da criança e o trabalho com a Cartografia, uma vez que, através do aprendizado da cartografia, os alunos tornam-se capazes de não só de representar os diferentes tipos de paisagens, mas de compreender e interpretar as diversas mudanças ocorridas na natureza. Sendo assim, cabe ao professor trabalhar de forma a instigar o pensamento crítico e questionador dos alunos através do estudo da cartografia, que não deve ser baseado somente na construção e observação de mapas e sim através da interpretação e análise dos mesmos. Para tanto, é preciso respeitar o nível cognitivo dos alunos e o seu processo de maturação.

Érica Tatiana

✎ Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 19h52
[(1) Apenas 1 comentário] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

10/05/2008

Olá pra todo mundo...

Coloquei no *blog* o *link* "Guia do Livro Didático". Não consegui chegar aonde professora Sandra chegou ontem. Mas cheguei bem perto. rrsrrsr

Acho que a partir desse *link* vocês irão conseguir achar.

Abraços,

Michele Costa

Ah!!!! Parabéns pelas postagens. De excelente qualidade.

✎ Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 15h00
 [(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

09/05/2008

É de extrema importância que se estabeleça no contexto educacional uma discussão dos conceitos que devem ser considerados relevantes no ensino da Geografia. Nesse contexto a busca de um referencial teórico com o qual se possa articular essa área de conhecimento se mostra muito válida. No que diz respeito às concepções atuais sobre a Cartografia percebe-se como aspectos mais relevantes a relação estabelecida entre Cartografia e a Geografia enquanto metodologia de representações de fenômenos espaciais; e a conceituação da Cartografia como linguagem no desenvolvimento das habilidades operatórias no processo de formação dos conceitos geográficos. Partindo de uma perspectiva educacional que objetiva estimular o desenvolvimento da capacidade crítica do aluno, a qual é muito discutida atualmente, a proposta de se buscar uma articulação entre o ensino cartográfico para crianças com as idéias propostas Piaget surge como uma concepção extremamente interessante.

Maria Dayane de Andrade

✎ Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 11h49
 [(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

Consideramos de fundamental importância o ensino da Cartografia para o desenvolvimento e a compreensão da noção/ conceito de Espaço. Nesse sentido, é válido salientar que, para que os educandos construam o conhecimento espacial através da Cartografia, deve-se adotar uma prática pedagógica que leve em consideração o espaço imediato do aluno para então, paulatinamente, ampliar esse conhecimento a outros espaços. Entendemos que dessa forma serão oferecidos subsídios ao aluno para o desenvolvimento de diversas habilidades e conhecimentos necessários para a compreensão e análise global do Espaço e sua dinâmica, como produto social.

Débora Nunes!!!

✎ Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 11h36
 [(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

Podemos perceber que conhecimento cartográfico possibilita aos alunos a capacidade de representar o espaço geográfico, e através desse conhecimento o individuo pode localizar-se e orienta-se no espaço onde vive, interpretando informações presentes neste espaço. Para Piaget, a criança desenvolve através da ação sobre o objeto do conhecimento, enfatizando a percepção e a organização das ações para formar a representação espacial. Sendo assim o docente deve utilizar de referências espaciais e de localização que os alunos já possuem, articulando o conhecimento, a criatividade, e a autonomia a partir da participação ativa, construindo e representando o espaço em que vivem.

DAVYSON EMANUEL

✎ Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 10h13
 [(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

O processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança é integrado de estágios (quatro, segundo Piaget). Durante esses

estágios, a criança realiza diversas construções intelectuais, inclusive a construção do espaço.

Sendo assim, em cada momento da vida, o indivíduo apreende (constrói) conhecimento de forma diferente, e ainda pode-se dizer que a cada estágio as construções passam a ser mais elaboradas e consistentes.

Nesse contexto, busca-se responder ao questionamento: “Como adequar o desenvolvimento da criança à cartografia escolar?”.

A atuação da criança deve ser mais valorizada, objetivando formar um indivíduo autônomo no conhecimento cartográfico, assim como em qualquer outro tipo de conhecimento, mediante a necessidade essencial de o aluno conhecer o espaço geográfico em que vive e se reconhecer como parte agente e transformadora do referido espaço. Em face de tal postura, o professor de geografia deve diagnosticar e considerar as concepções prévias das crianças. Assim, a escola deve promover a mediação das ações da criança com o objeto do conhecimento, bem como na organização e diferenciação dessas ações. Além disso, as atividades em prol do aprendizado de cartografia devem contemplar, principalmente, situações cotidianas para que o aluno encare de maneira lúdica, familiar, agradável e significativa a aprendizagem da representação cartográfica.

Fernanda Ramalho Dias.

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 01h34
[(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

08/05/2008

No ensino de Geografia, bem como de outras áreas, as atuais formas produtivas exigem domínio de conhecimentos científicos e técnicos veiculados amplamente pelos meios de informação. O indivíduo que não domina as variadas formas de representação desses conhecimentos está impedido de pensar sobre aspectos do território que não estejam registrados em sua memória. Então, uma das funções da escola consiste em preparar o aluno para

compreender a atual organização da sociedade, dando-lhe acesso às novas formas de representação da informação espacial: mapas, fotografias aéreas, imagens de satélites.

Sarah de Lima

✎ Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 23h35
 [(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

[[página principal](#)] [[ver mensagens anteriores](#)]

Para que a criança desenvolva habilidades cartográficas na escola, se faz necessário, antes de tudo, que o professor tenha consciência da importância da cartografia, da necessidade do aluno conhecer o seu espaço, o ambiente em que vive. Para tal feito, o docente deve levar em consideração a teoria da construção do conhecimento elaborada por Piaget, em que o desenvolvimento se dá por meio da ação sobre o objeto do conhecimento, ou seja, é preciso que se tenha a percepção do local e em cima disso ocorra a organização das ações de forma a se construir a representação espacial. Com este objetivo em mãos, o professor deve partir dos conhecimentos prévios que o aluno apresenta sobre o espaço local, sobre os referenciais espaciais de localização do cotidiano, uma vez que ele não imagina o espaço, e sim age sobre ele, para só depois do desenvolvimento da autonomia de deslocamento regional atingir patamares mais globais. Além disso, deve levar em consideração que o desenvolvimento das noções espaciais ocorre paralelamente as demais construções na criança e que os sentidos estão intimamente ligados a esta construção espacial. Dessa forma, o professor pode fazer uso de materiais concretos do tipo: maquetes, mapas, passeios, desenhos de forma a estimular a compreensão da cartografia.

Ismênia Guedes

✎ Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 22h30
 [(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

O aprendizado da cartografia se faz necessário nos primeiros anos do ciclo fundamental, pois o aluno não deve somente entender o espaço geográfico de forma subjetiva, mas deve saber se localizar e como localizar os mais diversos territórios, dentro de um contexto de mundo.

O papel do professor é fundamental para que os alunos se apropriem tanto das convenções, como do funcionamento da linguagem cartográfica.

É importante ter em mente o papel social da cartografia, para que os alunos percebam a relevância do estudo cartográfico em sua vida cotidiana, para que não se torne um estudo "sem sentido".

Compreender e utilizar a linguagem cartográfica, sem dúvida alguma, amplia os horizontes dos alunos, permitindo que eles extraiam, comuniquem e analisem informações em vários campos do conhecimento — além de contribuir para a estruturação de uma noção espacial flexível, abrangente e complexa.

Saber ler em mapas como uma população está distribuída e como sua vegetação e relevo se situam no espaço, é de fato uma grande contribuição para a vida dos alunos.

IZABEL CUNHA

✎ Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 22h15
 [(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

07/05/2008

A exemplo do que acontece com a alfabetização propriamente dita, a "alfabetização cartográfica" também começa na infância, pois se trata de uma construção. O ensino da cartografia, quando embasado na teoria piagetiana de construção do conhecimento, facilita o processo de ensino e de aprendizagem por respeitar o conhecimento já construído pelo educando e por acreditar na capacidade que o educando tem de aprofundar esse mesmo conhecimento. A cartografia é um conhecimento imprescindível, no atual contexto, para a formação da criança, pois é um instrumento de aproximação dos lugares e do mundo, estreitando laços culturais e sociais. Ajuda também no processo de

localização dos sujeitos e dos objetos no espaço, e influencia diretamente as representações do espaço e a tomada de consciência do espaço pela criança.

Elizângela Santana Rodrigues

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 11h07

[[\(0\) Comente](#)] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

06/05/2008

A cartografia no ensino fundamental é bastante relevante e enriquecedor para o aluno e deve ser introduzida, e despertado o interesse dos alunos desde a pré infância, cabendo a professor estimular esse interesse, partindo dos conhecimentos prévios dos alunos, partindo do seu cotidiano, noções de espaço que as crianças já têm, e aprofundando nesse conhecimento delas a medida que elas vão abstraído. Considero também bastante pertinente a colocação de alguns colegas a cerca de ser importante o professor considerar os estágios da criança na ótica Piagetiana.

Assim, o docente estará auxiliando seus alunos no aprendizado da geografia, história e de outras disciplinas, bem como no seu cotidiano e na formação de sua cidadania.

Mayara Leão

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 20h48

[[\(0\) Comente](#)] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

[[página principal](#)] [[ver mensagens anteriores](#)]

Como já foi muito bem explanado a criança tem que ter um papel ativo e criativo na construção da noção de espaço. O real impacto educacional pode estar na maneira de como são apresentados os documentos cartográficos as crianças. A cartografia deve enfrentar novos desafios, visando estimular o raciocínio espacial e despertando a criatividade na criança. Entender mapas não é uma tarefa fácil para crianças, especialmente na educação infantil, que envolve um grande volume de conhecimentos a serem adquiridos. Por isso, é tão importante que o professor tenha um vasto conhecimento sobre as idéias propostas por Piaget e Luquet acerca dos estagios do desenvolvimento respeitando a noção de espaço das crianças e que possa assim estimular de maneira adequada com a maturação as habilidades de representação dos espaços geograficos.

 Janielle Gomes Freire!!!! 

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 11h37

[[\(0\) Comente](#)] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

[[página principal](#)] [[ver mensagens anteriores](#)]

Olá, pessoal. Por favor coloquem um comentário!!!! OK! Não é necessario produzir um texto. Todas as respostas estão muito boas, continuem assim. valewwww.....

Anônimo.

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 10h55
[(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

04/05/2008

O conhecimento cartográfico possibilita aos alunos a capacidade de representar o espaço geográfico, bem como de o aluno saber se localizar, orienta-se no espaço onde vive e interpretar as informações presentes neste espaço. Para isso, o ensino da cartografia deve partir das referências que os alunos já possuem (conhecimentos prévios) e, também deve considerar o desenvolvimento cognitivo da criança, já que segundo Piaget a construção do espaço pela criança obedece etapas caracterizadas em estágio e subestágio. E em cada etapa o sujeito vai adquirindo noções de como se localizar no espaço e de como os objetos localizam-se nesse espaço, em outras palavras a cada estágio que a criança passa ela começa a tomar consciência do espaço em que vive (não ocorrendo de forma linear). Como Márcia falou, anteriormente, a criança adquirir essa consciência do espaço através da exploração do meio (agir) em que a rodeia.

É importante ressaltar que o ensino da cartografia deve ser contextualizado com o cotidiano do aluno, além de dar oportunidades para ele se expressar e compartilhar as suas descobertas à respeito do espaço geográfico. Assim, o ensino da cartografia estará possibilitando que a criança possa se locomover de maneira autônoma no lugar onde vive. 😊

EDNA POLIANA BRAZ

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 20h01
[(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

O estudo da linguagem cartográfica contribui não apenas para que os alunos venham a compreender e utilizar uma ferramenta básica da Geografia, os mapas, como também para desenvolver capacidades relativas à representação do espaço. Segundo Piaget, a criança desenvolve-se (desenvolve sua inteligência) através da ação sobre o objeto do conhecimento, é tanto que ele enfatiza a importância da ação sobre a percepção e a organização das ações para formar a representação espacial. Portanto, o professor de Geografia ao trabalhar a linguagem cartográfica deve conceber a expressão espacial na criança como um conhecimento a ser construído como qualquer outro aprendizado, considerar tanto os estágios do desenvolvimento infantil quanto as etapas da construção do espaço, as quais enfatizam a grande importância do agir do aluno, para assim planejar o ensino de modo a favorecer esse aprendizado.

Nessa perspectiva, o educador pode proporcionar a vivência das representações espaciais através de mapas, confecção de maquetes, desenhos, entre outros recursos, promovendo nos alunos o desenvolvimento de suas percepções espaciais a partir do espaço local, reconhecendo no seu cotidiano os referenciais espaciais de localização, orientação e distância de modo a deslocar-se com autonomia e representar os lugares onde vivem e relacionam-se, até chegar aos espaços globais, sempre valorizando a ação do educando, uma vez que a representação é uma ação interiorizada, pois a criança não começa a imaginar o resultado das ações, antes de as ter executado. Ou seja, a representação não substitui verdadeiramente a ação. Atuando assim, o docente proporcionará aos alunos a construção dos conhecimentos sobre a linguagem cartográfica como pessoas que representam e codificam o espaço e como leitores das informações expressas por ela.

Márcia Maria Araújo do Nascimento

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 19h18
 [(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

03/05/2008

Essa explicação de Maria Luisa denota a preocupação e a aproximação da geografia e psicologia em estudar a capacidade humana de localizar-se e criar registros que facilitem a localização, na tentativa de responder questões relativas ao domínio humano sobre o espaço.

Estudos mais recentes aponta que o domínio do espaço pelo homem é influenciado por fatores psicofisiológicos bem como socioculturais. Como proposta metodológica para uma maior compreensão de mapas geográficos, Pêcheux (1990) realiza um trabalho que analisa a hipótese de que as experiências espaciais e suas consequências são as mesmas para todos os homens. Apresenta um quadro do desenvolvimento das relações da criança com o espaço, levando em conta, simultaneamente, as práticas da criança e as práticas espaciais das sociedades humanas. Logo, a interação entre fatores biológicos e sociais é essencial no desenvolvimento do domínio espacial do indivíduo.

Houve questionamentos de diversos pesquisadores na área de psicologia que se preocuparam em saber como se desenvolve a compreensão das informações espaciais no homem, então Pêcheux trata de três modalidades sensoriais: a visão, a audição e a propriocepção em relação ao tato. Conclui que a percepção auditiva do espaço é difícil de ser dissociada da percepção visual e das percepções cinestésicas e a audição é considerada uma modalidade muito importante na percepção da direção e da distância.

Ressalta a importância do sistema sensorio-motor na organização psicológica do espaço em que as progressivas aquisições em nível corporal ampliam o domínio do espaço, e a postura influi na apreensão das informações sobre o entorno, estabelecendo referenciais espaciais com relação ao próprio sujeito, atingindo assim o esquema corporal que consiste no centro de referência sobre o qual será estabelecido o domínio do espaço.

No entanto as escolas não valorizam a questão da motricidade (movimento), preferem considerar a inércia por exemplo. Então necessitam buscar fontes que as mostrem que a motricidade é a geradora da ordem espacial, a qual se desenvolve com a idade e a construção da representação do espaço ocorre lentamente e gradativamente.

Débora Mara Pereira

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 14h37
 [(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]



Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 03h55
 [(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

O texto levanta questões gerais para o estudo da construção do espaço geográfico na criança, tais como:

"Qual é o espaço percebido pelas crianças?"

"Os professores conhecem o espaço em que a criança se locomove? Sabem interpretar os dados obtidos?"

Esses questionamentos apresentam um caráter didático-metodológico, na medida em que as atitudes do professor diante do processo de construção do espaço pela criança são levantadas. Mas é preciso notar que a questão epistemológica "como as crianças constroem o espaço geográfico?" é, inevitavelmente, causa de determinadas posturas assumidas pelos professores durante o trabalho com a cartografia. Para explicar tal questão, a autora se utiliza da Epistemologia Genética de

Piaget, ao afirmar que:

"As etapas de construção do espaço são paralelas às demais construções que ocorrem desde o nascimento, constituindo-se com a própria inteligência. Está articulada, psicologicamente, com outras de caráter lógico como as de casualidade, classificação e seriação. A construção processa-se através de etapas, caracterizadas em estágios e subestágios" (PAGANELLI, 2007, P. 47)

Para Piaget, "a ação, mais que a percepção, constitui o veículo essencial do progresso evolutivo na construção do espaço." É provável que a condição destinada por Piaget à percepção dentro do processo evolutivo de construção do espaço advém do conceito geral que tal termo abriga, como algo estimulado pelos sentidos, de caráter seletivo, que apresenta uma limitação de aspectos (detalhes) e regido pela subjetividade e atenção. Sendo assim, esta função aparentemente primária, deve ser inicialmente trabalhada pelo professor, pois a percepção do espaço envolve todas as sensações e impressões que a que a criança apresenta do mesmo. Dessa forma, deve-se trabalhar as diversas percepções: a visual (percepção das cores, formas e sentidos); a auditiva (percepção dos sons que frequentemente ecoam); olfativa (os odores que fluem); temporal (as estações do ano, as mudanças constantes de sensação térmica) e, por último, a espacial (a distâncias entre os objetos e como se organizam).

Este trabalho com os diferentes tipos de percepção dos diversos aspectos que transitam por um espaço, apresenta um caráter interdisciplinar e pode ser aplicado através de projetos. Mas para que possa ser devidamente realizado, é preciso o conhecimento do professor sobre o papel da percepção na construção do espaço pela criança, o respeito a sua subjetividade e ao seu ambiente (espaço), o conhecimento de seu espaço para, assim, poder interpretar os dados obtidos e, com isso, refletir juntamente com a turma sobre o porquê de determinadas sensações em detrimento de outras, evidenciando a maneira como aquela população se utiliza do espaço, se estrutura, se organiza e, por último, como podemos representar graficamente o espaço observado.

Isso revela que o trabalho com a construção dos espaços não se restringe meramente a representação gráfica do mesmo. Ou seja, que para se chegar a uma representação gráfica, dominando as relações descritas por Piaget (espaciais métricas, projetivas e topológicas), é necessário, primeiramente, o trabalho com a percepção dos ambientes e, posteriormente, a construção e reconstrução dos espaços. 🤖

Maria Luísa 🤖

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 03h54
 [(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

02/05/2008

Segundo Paganelli (2007) para que as crianças (9 e 10 anos) realizem representações gráficas em suas relações espaciais é de fundamental importância considerar:

- O papel da percepção; uma vez que, saber orientar-se no espaço e saber expressar-se (desenhar plantas, por exemplo) exige capacidades de abstrações empíricas e reflexivas, e de coordenação de ponto de vista, aonde operações topológicas, projetivas e/ou euclidianas devem ser acionadas.

Estas três operações são consideradas por Piaget como as principais relações espaciais que evoluem na criança ao longo do seu desenvolvimento por etapas, onde as estruturas topológicas são entendidas como as mais fundamentais; de acordo com os estudos deste autor, podemos afirmar também que ele considera a percepção como secundária à Ação, "o conhecimento do objeto, diz Piaget, consiste em construir ou reconstruir o espaço através da ação" (p.47) enfatizando também que "a representação adulta do espaço resulta de manipulações ativas sobre o meio social e não da "leitura" imediata desse meio, realizada pelo aparelho perceptivo." (PAGANELLI, 2007; p.47).

- O papel da utilização do espaço urbano por estas crianças (no cotidiano);
- O grau de influência da escolarização na operacionalização e representação do espaço conhecido pela criança no seu dia-dia: verificar qual a importância dos conhecimentos adquiridos na escola. Como estes capacitam a criança para trabalhar com as representações gráficas;

Ou seja, é necessário considerar a criança não apenas em seu desenvolvimento biológico (um ser com cinco sentidos capaz de ver, ouvir, movimentar-se, realizar abstrações cognitivas), como também pré-supor o grau de desenvolvimento desta criança: os conhecimentos, mesmo que intuitivos, que esta já trás acerca do que é um plano, uma planta, mapas, escala, etc; e sobre quais noções de orientação espacial ela já tem.

O professor deve considerar os conhecimentos prévios do aluno acerca de bi/tridimensionalidade, deve também conhecer o contexto geográfico do aluno valorizando-o no ensino.

Diante deste contexto cabe pensar que a representação/interpretação cartográfica do espaço pela criança

deve respeitar o desenvolvimento da mesma, e ainda, de forma a criar condições para o questionamento (de sua realidade de vida), ao invés de negar esta realidade através de uma organização espacial desumana. Este é um fato comum, por vezes presente na realidade brasileira, e que foi exposto por Paganelli quando realizou suas pesquisas:

O que se constata, após esses dados é que o ensino escolar desses alunos de 3ª e 4ª séries não lhes ofereceu oportunidades de um conhecimento sobre a disposição dos bairros dessa parte da cidade (zona sul), sobre a delimitação administrativa, físico-territorial do bairro que o aluno vive e/ou situa a escola, afim de que pudessem construir uma representação espacial do espaço urbano de uma parte da cidade. Por não se deter num estudo concreto do bairro, não explicitando os conceitos de bairro, de utilização e apropriação do solo urbano, o ensino reforça e favorece uma exclusão física e social dos moradores, implícito no discurso dos alunos. A dissociação entre a escola e a realidade, possibilita um saber alienado e alienante desse espaço. (PAGANELLI, 2007; p.62)

Diante da escassez de publicações acerca das representações espaciais, ALMEIDA (2007) manifesta sua preocupação intensificando seus estudos nesta área e publicando a partir destes algumas sugestões sobre uma proposta metodológica para a construção de noções e conceitos espaciais pelas crianças. Alguns princípios em destaque nesta metodologia estão em consonância com alguns tópicos abordados nas pesquisas de Paganelli, tais como:

- A representação do espaço a partir de uma reflexão sobre o mesmo, através da qual o aluno pondere as relações entre os elementos espaciais e defina pontos de referencia;
- Dar ao aluno a oportunidade de operacionalizar, pessoalmente, os referenciais espaciais, aplicando-os em situações concretas que exijam sua iniciativa;

Esta autora considera estes pontos porque para ela as habilidades (cartográficas) sobre o espaço devem surgir a partir da ação sobre o mesmo, evidenciando assim a necessidade de procedimentos que contribuam para a livre manipulação e que estimulem a reflexão sobre o como representar tal espaço através dos diversos meios (maquetes, mapas, desenhos sobre diferentes perspectivas, etc.). Tornando evidente que os caminhos para a construção da inteligência, da criatividade e da autonomia pela criança, devem partir da participação ativa da mesma, e no caso da cartografia, deve-se considerar sua participação na construção de formas de representar o espaço vivido por esta criança.

Texto escrito por Ana Flávia.

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 20h22

[(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

30/04/2008

Sabemos que as crianças precisam e estabelecem relações de si mesmas com o espaço, com os objetos, e desses objetos no espaço. Esta noção de espaço, surge da ação da criança sobre ele, que conseqüentemente a faz refletir de como melhor representá-lo. Piaget afirma em algumas de suas obras que as noções de espaço são paralelas às demais construções que ocorrem nas crianças desde o nascimento. Esta construção processa-se como já foi dito anteriormente, por etapas, caracterizadas em estágios e subestágios. A construção do campo espacial, vai desde as associações dos diversos sentidos e ações (espaço gustativo, visual, postural, cinestésico, etc.) até a evocação da imaginação para expressar as diversas formas espaciais, mas tudo isto depois, é claro, que foi realizada materialmente, ou seja, o pensamento reproduz o ato efetivo. Piaget também enfatiza que o espaço gráfico é uma das formas do espaço representativo, e o desenho infantil constitui em um tipo de representação espacial. Diante dessas perspectivas, o professor poderá trabalhar os mapas, os desenhos, as maquetes, dentre outros, de uma forma lúdica, a fim de despertar o interesse, e incentivar nas crianças a construção e a compreensão da linguagem cartográfica.

JULIENE XAVIER

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 17h20

[(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

Mesmo antes do ingresso na escola, a criança observa, pergunta e procura explicar o mundo em que vive. Esse modo de ler nosso dia-a-dia está impregnado de geografia. Na escola é importante que o aluno possa ampliar, rever, reformular e sistematizar as noções que contruiu de forma espontânea, através de conteúdos da geografia. Todas as crianças apresentam noções espaciais, que irão ganhar novas dimensões a cada estágio de desenvolvimento proposto pela

teoria piagetina.

A abordagem psicologia piagetiana apresenta o desenvolvimento mental da noção de espaço na criança como uma construção, na qual há uma interação entre a percepção e a representação espaciais. Mas convém destacar que o desenvolvimento do espaço, como não poderia deixar de ser, é coerente com o desenvolvimento mental da criança como um todo. Os professores devem levar em consideração a percepção e a representação espaciais das crianças em cada estágio de desenvolvimento e abordar o estudo cartográfico de forma coerente com a realidade de seus alunos. Além disso, as atividades propostas pelos professores devem trabalhar o espaço em que as crianças se locomovem, como sua casa, seu bairro e assim por diante. Isso contribuirá para a construção do espaço no aluno, proporcionando a análise das relações que ocorrem no espaço geográfico aos quais os alunos estão inseridos.

Paulo Victor De Melo

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 10h45
 [(O) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

28/04/2008

Bom, muito bom! As anotações são pertinentes e avançamos a cada tópico postado.

Sandra Kelly

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 08h33
 [(O) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

27/04/2008

Um ponto inicial para a introdução da linguagem cartográfica no ensino fundamental é o professor conhecer a realidade vivida pelo aluno evitando assim, a alienação de seus próprios espaços. Isso pode ser trabalho através de uma representação de pequenas áreas como a própria casa do aluno, o bairro em que ele mora, etc. e aprofundando posteriormente para grandes áreas como a cidade, o estado, o país, por exemplo. Além disso, é importante que o professor respeite os estágios de desenvolvimento cognitivo dos alunos (como propõe Piaget) e as etapas do desenho infantil traçadas por Luquet.

De posse dessas representações iniciais realizadas pelos próprios alunos, o professor pode adequar (através de metodologias diversas) o ensino da cartografia ao desenvolvimento cognitivo da criança, introduzindo assuntos relacionados à linguagem cartográfica como as escalas, as projeções, as legendas, as localizações, etc. de acordo com a compreensão obtida por eles, comentando posteriormente tais assuntos em conjunto e não como elementos isolados de um mapa, levando sempre em consideração a apresentação de conteúdos sócio-espaciais, como por exemplo, a ocupação urbana (ruas, avenidas, comércios, indústrias) e a ocupação rural (fazendas, rios, pontes).

Emanuella S. Miranda

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 17h36
 [(O) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

Antes de mais nada, é necessário que o professor tenha um bom conhecimento dos estágios de desenvolvimento da criança definido por Piaget. Outro conhecimento que é importante o professor ter é do lugar que os alunos vivem ou que mais freqüentam, para poder fazer um trabalho que integre a teoria

cartográfica com a prática, ou seja, atividades que estimulem o sentido de localização das crianças, pois a primeira das três “teses de Piaget em relação à construção do espaço” (P. 46), diz que: “A ação, mais que a percepção constitui o veículo essencial do progresso evolutivo na constituição do espaço” (Idem).

Priscila Ariana

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 12h39

[[\(0\) Comente](#)] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

[[página principal](#)] [[ver mensagens anteriores](#)]

Sabemos que o estudo da cartografia contribui para que os alunos compreendam e utilizem os mapas, sintetiza informações, expressa conhecimentos, estuda situações, etc. Sempre envolvendo a organização e distribuição do espaço. É que a linguagem cartográfica possibilita à criança desenvolver a capacidade de percepção do seu espaço de vivência, através da simbologia, capaz de codificar as informações para representar a espacialidade dos fenômenos geográficos, de forma gradual e contínua. Portanto imprescindível para atingir os níveis de abstração necessários à construção do saber geográfico.

Diante disso, fazem-se necessárias para o ensino de mapas que tem como princípios a reflexão, a construção de modelos tridimensionais e gráficos, a problematização e a participação ativa dos alunos. Para assim, desenvolver o domínio sobre o espaço através de sua representação.

Para isso, é preciso como já foi falado, que o professor tenha conhecimento da teoria de Piaget acerca dos estágios de desenvolvimento mental, onde poderá ficar ciente da maturação que a criança precisa atingir, e conhecimento do nível de entendimento, de aprendizagem em que o aluno se encontra podendo, assim, adequar os conteúdos e materiais didáticos àquele nível.

O professor poderá usar brincadeiras e jogos infantis, propôr a construção de maquetes e desenhos de mapas de trajetos familiares às crianças. Mas não pode deixar de ensinar, a cada etapa, os conceitos cartográficos envolvidos.

Gllauce C.A. Brandão

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 10h46

[[\(0\) Comente](#)] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

Pessoal, não se esqueçam de se identificar! Ana Raquel

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 10h11

[[\(0\) Comente](#)] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

[[página principal](#)] [[ver mensagens anteriores](#)]

26/04/2008

É necessário que o professor ao articular o desenvolvimento do seu aluno no que se refere a habilidade de interpretação cartográfica, compreenda os estágios de Piaget, compreendendo os seus limites e possibilidades em cada fase, trabalhando com a criança proporcionando a reflexão sobre os espaços, ajudando a construir e desenvolver a habilidade de representação espacial, auxiliando no desenvolvimento da de diversas perspectivas de um mesmo objeto, estabelecendo relações proporcionais entre os objetos, estimulando a construção de maquetes.

Ana Raquel

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 21h34

[[\(0\) Comente](#)] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

25/04/2008

O professor deve ter conhecimento dos estágios do desenvolvimento definidos por Piaget, do processo de maturação, e também aliar aos estágios do desenho dito por Luquet. Ao ensinar cartografia ele deve criar oportunidades para que as crianças participem ativamente na construção das diferentes maneiras de representar o espaço, partindo inicialmente, dos conhecimentos e do cotidiano dos alunos e que estes fiquem aptos também a ler as informações expressadas por eles.

Anna Karenina Maia Farache

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 18h33

[[\(0\) Comente](#)] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

O estudo da cartografia na escola bem como a compreensão cartográfica do espaço deve respeitar o nível de desenvolvimento cognitivo da criança se adequando ao estágio de desenvolvimento na qual a criança se encontra, pois para representar graficamente um espaço é necessário que se considere tais estágios para sua construção. Além disso, é necessário observar as etapas do desenho infantil propostas por Luquet, pois a partir da representação gráfica do espaço no desenho podemos analisar como a criança está se apropriando das noções espaciais em busca do desenvolvimento do espaço representativo.

Mariana Queiroz

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 18h21

[[\(0\) Comente](#)] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

O professor tendo consciência desses estágios e do processo de maturação, ao ensinar a cartografia deverá atribuir significados para a aprendizagem quando vistos no contexto. **Ele deverá vir por meio deste assunto, no aspecto de criar oportunidades dos alunos construírem como pessoas que representam e codificam o espaço e como leitores das informações expressas por elas.** Mas não basta produzir mapas cartograficamente adequados, se estes não forem devidamente apropriados pelos "usuários" da escola, **NO CASO** os alunos.

Michelly de Oliveira Capistrano.

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 16h35

[[\(0\) Comente](#)] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

Como Piaget formulou em sua Epistemologia Genética, as crianças passam por estágios de desenvolvimento, os quais apresentam características específicas. Funções psicológicas vão surgindo e são maturadas posteriormente. Cabe ao professor ter o conhecimento desses estágios e de suas especificidades para que o processo de ensino-aprendizagem seja concretizado.

O trabalho com a cartografia deve então se adequar a cada estágio, com intuito de uma melhor aquisição do conhecimento pelo aluno. E vale salientar que a cartografia escolar não deve ter como função principal a de ilustrar (uso de mapas etc.), mas sim de informar a realidade de um determinado local - e aí estão inseridas questões políticas, econômicas, sociais etc.

Maria José Silva Ramos

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 15h35

[[\(1\) Apenas 1 comentário](#)] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

Hoje começa o prazo para a postagem da resposta que a professora Sandra quer de vocês. Espero que não tenham dificuldades para acessar o *blog*.

Boa sorte

Michele Costa

✎ Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 11h34
 [(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

[[página principal](#)] [[ver mensagens anteriores](#)]

18/04/2008

Boa tarde,

A professora Sandra passou aos alunos uma pergunta que deve ser respondida com base no texto deixado na Xerox. As respostas deverão ser postadas no *blog*, a partir da próxima sexta-feira, 25 de abril.

Segue a pergunta: **Como adequar ou articular o desenvolvimento da criança a cartografia escolar ou a representação/interpretação cartográfica do espaço?**

Não esqueçam que cada resposta deverá conter mais informações que a última resposta que foi postada.

Boa sorte a todos!!!!👍

Michele Costa

✎ Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 16h42
 [(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

Olá,

Não teremos aulas no próximo dia 25. Estarei participando de uma reunião do Departamento de Educação durante todo esse dia.

Oriento a leitura dos textos disponibilizados pois os mesmos serão objeto de nossa 2ª avaliação, bem como a visita ao site: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/pnld2007_geo.pdf
 Um abraço - Sandra Kelly

✎ Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 10h44
 [(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

16/04/2008

Olá,
Na próxima sexta, dia 18, nossa aula será na F2/Setor I. Teremos a exibição de um filme sobre Jean Piaget - com objetivo de apoiar o estudo dos textos da 2a unidade.
Um abraço e até lá.
Sandra Kelly.

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 10h35
[(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

[[página principal](#)] [[ver mensagens anteriores](#)]

04/04/2008

Oi turma, boa tarde.

Hoje alguns alunos aprenderam a postar no *blog*. Esperam que tenham gostado. Veremos o resultado em breve!!!!

Quem tiver dúvidas sobre postagem me procure, ok?

Michele Costa

Abraços e bom fim de semana 🍌

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 15h44
[(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 15h11
[(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]



Olá pessoal, a aula de Geografia na Estação Climatológica foi ótima, uma boa união entre teoria e prática.

Um Abraço!!E um ótimo final de semana!

Poliana 🍌

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 15h09
[(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

Foi muito interessante a aula passada, pois acho importante a experiência prática do que estudamos na sala de aula. 😊

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 15h06
[(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

Olá professora!!!

Adorei a aula na Estação Meteorológica, foi muito didática e acima de tudo muito satisfatória no sentido de sanar curiosidades.

Há! A prova estava muito boa 😊

Pessoal olhem este endereço: <http://sol.ccsa.ufrn.br/5sel/>

Beijos

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 15h06
[(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

01/04/2008

Hello,

Nossa 1a avaliação está disponível na sala virtual do [Sigaa/UFRN](#). Ela deve ser respondida e remetida para meu e-mail até a próxima sexta, dia 04/04.

A propósito, que tal nossa visita a [Estação Meteorológica](#)? Gostaria de conhecer seus comentários. Um abraço e não esqueçam o compromisso com Michele postado abaixo. 😊

Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 10h07
[(1) Apenas 1 comentário] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

[[página principal](#)] [[ver mensagens anteriores](#)]

28/03/2008

Olá turma,

Sexta-feira próxima, dia 04 de abril, teremos aula no laboratório F2, das 14:55 às 16:35, sobre *blog*.

Professora Sandra Kelly pretende passar pra vocês uma atividade que envolve a postagem no *blog*, por isso é importante que vocês compareçam a aula.

Aguardo todos vocês!!

Michele Costa 🍌

✎ Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 19h00
[(1) Apenas 1 comentário] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

[[página principal](#)] [[ver mensagens anteriores](#)]

21/03/2008

Olá todo mundo!

Uma dica para comprar livros baratos em sebo online - <http://www.estantevirtual.com.br/>. Lá vcs podem encontrar livros como "Capitalismo para Principiantes", por exemplo 🍌.

Um abraço - Sandra

✎ Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 20h44
[(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

17/03/2008

Avaliação da 1a Unidade

No dia 28 de março acontece nossa **1a Avaliação**. O assunto em foco é o PCN Geografia EF.

Este conteúdo pode ser acessado no link <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro051.pdf>.

Um abraço e boa Semana Santa.

✎ Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 12h20
[(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

[[página principal](#)] [[ver mensagens anteriores](#)]

14/03/2008

Oi pessoal, no link do paulo freire vocês irão encontrar algo sobre a ECO PEDAGOGIA
assunto que a professora comentou hoje! Interessante né!

Ass: Flavinha e Juju!!!!

✚ Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 14h31
[(1) Apenas 1 comentário] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

Estivemos conhecendo este blog, estamos amando aprender tudo isso!!!!

Ass: Flavinha e Juju!!!!!!!

✚ Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 14h21
[(0) Comente] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

[[página principal](#)] [[ver mensagens anteriores](#)]

08/03/2008

Oi turma,

Adorei o resultado da aula de ontem. Foi muito gratificante pra mim. O *blog* ficou muito bom!👍 Espero que tenha uma grande importância pra vocês e, que acrescente muito a essa disciplina.

Agora, por favor, vamos participar ok?

Beijos 🍷

Michele Costa

✚ Escrito por turma de pedagogia 2006.1 às 16h29
[(2) Vários Comentários] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]

07/03/2008

Olá pessoal! Sejam bem-vindos ao nosso *blog*. *Esse espaço será reservado* a discussões acerca da disciplina de Ensino da Geografia I. Vocês também poderão sugerir *links, fotos, textos, informações* e comentários relacionados com assuntos de interesse da disciplina. Peço a todos que tenham responsabilidade e seriedade com tudo que for escrito aqui. Precisamos ter confiança uns nos outros e escolher bem as palavras que serão registradas, nesse ambiente midiático. Por isso, as postagens que não corresponderem aos temas ligados à disciplina serão excluídas, ok? 🙌

Michele Costa

📝 Escrito por micheleeduc às 14h24

[(1) Apenas 1 comentário] [[envie esta mensagem](#)] [[link](#)]


[[página principal](#)] [[ver mensagens anteriores](#)]


APÊNDICE B – COMENTÁRIOS

Comentários escritos no *blog*, construído para a turma do semestre 2007.2, do curso de Pedagogia da UFRN. Os comentários estão apresentados em sua forma original.

Comentários (Turma 2007.2)


QUERO CRIAR MEU BLOG

-  **[Luciana] [luccysouzza@terra.com.br]**
 A aula de Geografia do dia 31/08 foi bem interessante mesmo. Saímos da rotina, da sala de aula... da teoria e fomos vivenciar o que a fauna e a flora do Parque das Dunas tem a nos oferecer. Espero que essa tenha sido a primeira de muitas outras aulas passeio!


03/09/2007 10:15
-  **[Joaracy] [jolipa7@hotmail.com]**
 A foto ficou linda!!! Turminha integrada e participando de tudo. Maravilha!!! A aula realmente foi show, pena que nem todos puderam comparecer e aproveitar conosco. Beijão.

14/09/2007 17:46
-  **[Sirlia Sousa de Lima] [sirliasousa@gmail.com] [ensino.educ@bol.com.br]**
 Olá turma! quero em nome do grupo agradecer a atenção de vocês para conosco e dizer-lhes que já estou com muitas saudades de todos! beijos para a Professora Sandra, para Michelle e todos vocês! Sirlia Sousa


26/11/2007 15:58

.....
-  **[Sandra] [skaraujo@hotmail.com]**
 Obrigada pela dica Joaracy. Acredito que a cooperação é um excelente caminho para a aprendizagem. Um abraço e até sexta.


19/09/2007 14:39

.....
-  **[Michele] [michelemeneghetti@hotmail.com]**
 Oi Jô, Adorei a sua participação e, principalmente, a sua dica para a turma. Creio que será de muita valia. Quero ver esse material na aula que vem, ok? Beijos


16/09/2007 16:25
-  **[mayne] [maynecruz@yahoo.com.br] [http://ensino.educ.zip.net/]**
 E aí galera... o Blog é d++++ Gostei muuuuito bjos

19/03/2008 10:28
-  **[Jane Mendes] [mendisinha@yahoo.com.br]**
 A aula foi muito boa. Eu adorei fazer meu próprio blog.

21/09/2007 16:11

.....
-  **[Joaracy] [jolipa7@hotmail.com]**
 A aula está sendo maravilhosa! Já tinha um blog, mas com essa aula estou aprendendo muitas coisas. Vou fazer um blog desse para mim. Beijinhos.


21/09/2007 16:01

-  **[Joara] [jolipa7@hotmail.com]**
Que bom! Estou achando o blog uma experiência maravilhosa. São a partir dessas relações sociais - interações que nos formamos sujeitos e construímos nosso próprio conhecimento. E com certeza, aqui, tenho aprendido muito. Beijinhos.


27/09/2007 00:11

-  **[Michele] [michelemeneghetti@hotmail.com]**
Oi Jo, Adorei seu post. Obrigada pela colaboração. Estou pesquisando ótimas idéias para usarmos melhor esse espaço. Te conto depois, ok? Beijos


24/09/2007 21:15

-  **[Michele]**
Concordo com Vivi. Este blog está muito parado, sim!!!! Este é um espaço feito pra vocês sugerirem links, fazerem comentários sobre as aulas, postarem fotos que achem interessantes pro grupo, sugerir formas de se ensinar Geografia para alunos do primeiro ciclo, promoverem encontros, enfim....muita coisa pode ser feita aqui. Basta vocês quererem. Beijos. Michele


03/11/2007 20:23

-  **[Viviane Melo] [viviane_morais@yahoo.com.br]**
Oi pessoal... este blog parece meio parado... na verdade muito parado...kkk Bem... espero que vcs leiam este comentário, pois não consegui acessar o blog para postá-lo... não o que houve... Bem... Eu estava procurando uns artigos e encontrei este no site da Nova Escola. Achei legal, espero que gostem, ok.. http://novaescola.abril.uol.com.br/ed/148_dez01/html/geografia.htm Bom feriado para todos... Vivi

01/11/2007 08:32

-  **[Camilla] [camillinhacantodepaz@hotmail.com]**
Ficou ótima a síntese. Espero que os grupos possam disponibilizar as outras sínteses logo. Até dia 07/12. Abraço. Milla.

28/11/2007 11:24

-  **[Michele Costa] [michelemeneghetti@hotmail.com]**
Vivi eu adorei a síntese!!!!!! Não me atrevo a nenhuma modificação, pois tudo me agradou: o resumo, a fonte, as cores, os links, a centralização...tudo. Parabéns. Espero que outros alunos comentem e que aproveitem o modelo para as próximas sínteses. Beijos

27/11/2007 19:52

-  **[Viviane] [viviane_moraisyahoo.com.br]**
Pode deixar Jô, pontualmente eu chegarei... kkk xero

06/12/2007 12:50

-  **[Michele Costa] [michelemeneghetti@hotmail.com]**
A síntese ficou muito boa!!!Só senti falta de uns links para complementar.... Beijos

05/12/2007 19:41

Comentários escritos no *blog*, construído para a turma do semestre 2008.1, do curso de Pedagogia da UFRN. Os comentários estão apresentados em sua forma original.

Comentários (Turma 2008.1)

QUERO CRIAR MEU BLOG

- [Luana Bulhões] [luana_phn@hotmail.com]
[http://luanabulhoes.blogspot.com]

Assim com já foi dito por todos e por último por Érica, o trabalho com cartografia em sala de aula permite que a criança desenvolva competências como: senso crítico e expressar-se graficamente, além da compreensão do espaço em que vive. Mas para melhor trabalhar com a cartografia em sala de aula é necessário que o professor compreenda os estágios de desenvolvimento de uma criança, bem como o contexto social esta inserida. O professor também deve reconhecer a importancia da cartografia na apredizagem do aluno essim como também deve fazer bom uso de materiais concretos como: mapas, desenhos, maquetes e até mesmos aulas de campo contribuem para que esse desenvolvimento seja alcançado.

16/05/2008 13:30
- [Sandra Kelly] [skaraujo@homtail.com]

Obrigada pela participação!

17/03/2008 13:32
- [Priscila] [priscilariana@hotmail.com]

Blz Michele... Mas cadê a prova que a professora ficou de postar aqui no blog e no sigaa???? Quería começar a fazer logo, pois durante a semana não tenho muito tempo... Estarei na aula de sexta!!

29/03/2008 09:54
- [Michele Costa] [michelemeneghetti@hotmail.com]

Obrigada Sandra.

02/04/2008 13:41
- [Érica Tatiana] [e_tatianatca@yahoo.com.br]

Como Michelly colocou, o professor possui papel relevante no processo de articulação entre o desenvolvimento cognitivo da criança e o trabalho com a Cartografia, uma vez que, através do aprendizado da cartografia, os alunos tornam-se capazes de não só de representar os diferentes tipos de paisagens, mas de compreender e interpretar as diversas mudanças ocorridas na natureza.

Sendo assim, cabe ao professor trabalhar de forma a instigar o pensamento crítico e questionador dos alunos através do estudo da cartografia, que não deve ser baseado somente na construção e observação de mapas e sim através da interpretação e análise dos mesmos. Para tanto, é preciso respeitar o nível cognitivo dos alunos e o seu processo de maturação.

15/05/2008 19:47

APÊNDICE C – ENTREVISTA

Roteiro e perguntas elaborados para a realização da entrevista com a professora do curso de Pedagogia da UFRN.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE CENTRO DE EDUCAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Potencialidades do Uso do *Blog* em Educação

ROTEIRO PARA ENTREVISTA (Prof^a. Helena-nome fictício)

Pontos fundamentais:

1. Descrever as concepções do professor sobre o uso do *blog* como espaço de aprendizagem;
2. Detectar os desafios inerentes à utilização desse ambiente midiático como suporte didático.

Questionamentos relacionados:

1. Qual a sua opinião sobre da experiência de ter um *blog* sendo usado em conjunto com uma disciplina?
2. Os alunos responderam, através dos questionários, que faltou mais interesse em usar o *blog* porque não houve incentivo suficiente. O que você pensa sobre isso? O que poderia ter sido feito para aumentar o interesse desses alunos?
3. No seu entendimento, o *blog* aumentou a interação entre aluno/aluno e professor/aluno?
4. É comum que em experiências como essa, quando termina a disciplina o *blog* deixa de ser “alimentado”. Por que você acha que isso acontece?
5. Você considera o *blog* um espaço de aprendizagem? De que forma?
6. Quais os maiores desafios inerentes ao uso do *blog* como suporte didático?

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIOS

Primeiro questionário, aplicado aos alunos matriculados no semestre 2007.2, do curso de Pedagogia, com o intuito de traçar um breve perfil sobre esses alunos.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Potencialidades do Uso do Blog em Educação

Esta pesquisa corresponde a uma dissertação de Mestrado e, está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Apresenta o título “Potencialidades do Uso do *Blog* em Educação” e, pretende investigar se há ocorrência de aprendizagem colaborativa a partir do seu uso em processos de ensino e aprendizagem; elencar as competências cognitivas evidenciadas por meio das atividades interativas e das discussões registradas nesse ambiente midiático; descrever as concepções dos alunos e do professor sobre o uso do *blog* como espaço de aprendizagem; e detectar os desafios inerentes ao uso do *blog* como suporte didático.

Faz parte do universo desta pesquisa os alunos devidamente matriculados na disciplina Ensino da Geografia I, nos períodos 2007.2 e 2008.1, no turno da tarde, do curso de Pedagogia da UFRN. Esse questionário nos possibilitará traçar um perfil desses sujeitos para ajudar na compreensão dos dados que serão obtidos durante esta pesquisa. Sua participação é voluntária e muito importante. É oportuno ressaltar que suas respostas serão confidenciais e anônimas.

1º) Com que frequência você costuma utilizar o computador?

- todos os dias uma vez por semana raramente
 nunca (não é necessário responder as 09 questões seguintes)

2º) Qual é a utilidade do computador no seu dia-a-dia? (múltipla)

- Uso Doméstico Uso profissional Assuntos estudantis Outros

3º) Qual é o nível de conhecimento em informática que você julga se enquadrar?

Básico Médio Avançado

4º) Em que local onde você utiliza o computador? (múltipla)

Em casa No trabalho Na universidade Em *lan house* Na casa de amigos Outro

5º) Qual a sua principal finalidade quando acessa a Internet? (múltipla)

Conhecer novas pessoas Correspondência Pesquisa Diversão
 Informação Outros _____

6º) Quais os tipos de locais na rede que você costuma acessar? (múltipla)

MSN *Blogs* *Sites Científicos* *E-mail* *Sites de pesquisa*
 Sites específicos para download Outros _____

7º) Já visitou algum *blog*?

Sim Não (não é necessário responder as 03 questões seguintes)

8º) Que tipos de *blogs* costuma visitar? (múltipla)

Literário Jornalístico Pessoal Poemas Cultural Relatórios de Visitas Publicação de Fotos Pedagógico Outros _____

9º) Você tem um *blog* pessoal?

Sim Não

10º) Sabe utilizar todos os recursos disponibilizados pelos provedores de *blogs*?

Sim Não

11º) Faixa etária

Menos de 20 anos 20 a 25 anos 25 a 30 anos 30 a 35 anos acima dos 35

12º) Sexo:

Masculino Feminino

Segundo questionário, aplicado aos alunos matriculados no semestre 2007.2, do curso de Pedagogia, com o intuito de avaliar suas concepções sobre a pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Potencialidades do Uso do *Blog* em Educação

Esta pesquisa corresponde a uma dissertação de Mestrado e, está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Apresenta o título “Potencialidades do Uso do *Blog* em Educação” e, pretende investigar se há ocorrência de aprendizagem colaborativa a partir do seu uso em processos de ensino e aprendizagem; elencar as competências cognitivas evidenciadas por meio das atividades interativas e das discussões registradas nesse ambiente midiático; descrever as concepções dos alunos e do professor sobre o uso do *blog* como espaço de aprendizagem; e detectar os desafios inerentes ao uso do *blog* como suporte didático. Está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Faz parte do universo desta pesquisa os alunos devidamente matriculados na disciplina Ensino da Geografia I, nos períodos 2007.2 e 2008.1, no turno da tarde, do curso de Pedagogia da UFRN. Esse questionário objetiva saber as impressões desses sujeitos sobre a utilização do *blog* como um auxílio didático (experiência realizada no decorrer desse semestre). Sua participação é voluntária e muito importante para uma melhor compreensão dos resultados deste estudo. É oportuno ressaltar que suas respostas serão confidenciais e anônimas. Antecipadamente, agradeço a participação de todos nesta pesquisa, como sujeitos e parte integrante na construção desse conhecimento.

1º) O que você achou da experiência de ter um ambiente midiático (*blog*) sendo usado conjuntamente com uma disciplina (Ensino de Geografia I)?

- Excelente Bom Indiferente
 Ruim

2º) O uso do *blog* estimulou você, aluno, a escrever textos, pesquisar e sugerir *links* que enriquecessem o assunto abordado em sala de aula?

- Sim Não Indiferente

3º) A troca ativa de ideias em pequenos grupos (Seminários) e a exposição destes resultados a partir do *blog*, em sua opinião, promoveu o pensamento crítico?

- Sim Não

4º) O uso do *blog* aumentou a interação entre professor e aluno?

- Sim Não Foi indiferente

5º) Você considera o *blog* mais um espaço de diálogo além da sala de aula?

- Sim Não

6º) Escrever sobre algo, implica em reflexão, em criticidade, elementos fundamentais no processo de aprendizagem. Em sua opinião o *blog* contribuiu nesse processo?

7º) Quais foram os conhecimentos adquiridos, por você, com a proposta do uso do *blog* como extensão de sala de aula?

Questionário aplicado aos alunos matriculados no semestre 2008.1, do curso de Pedagogia, com o objetivo de traçar um perfil e avaliar suas concepções a respeito da realização desta pesquisa.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Potencialidades do Uso do *Blog* em Educação

Esta pesquisa corresponde a uma dissertação de Mestrado e, está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Apresenta o título “Potencialidades do Uso do *Blog* em Educação” e, pretende investigar se há ocorrência de aprendizagem colaborativa a partir do seu uso em processos de ensino e aprendizagem; elencar as competências cognitivas evidenciadas por meio das atividades interativas e das discussões registradas nesse ambiente midiático; descrever as concepções dos alunos e do professor sobre o uso do *blog* como espaço de aprendizagem; e detectar os desafios inerentes ao uso do *blog* como suporte didático.

Faz parte do universo desta pesquisa os alunos devidamente matriculados na disciplina Ensino da Geografia I, nos períodos 2007.2 e 2008.1, no turno da tarde, do curso de Pedagogia da UFRN. Esse questionário nos possibilitará traçar um perfil desses sujeitos para ajudar na compreensão dos dados que serão obtidos durante essa pesquisa e saber as suas impressões a respeito da utilização do *blog* como um auxílio didático (experiência realizada no decorrer desse semestre) Sua participação é voluntária e muito importante. É oportuno ressaltar que suas respostas serão confidenciais e anônimas.

1.) Você tem acesso fácil a Internet?

() Sim () Não

2.) Com que frequência você utiliza o computador no seu dia-a-dia?

() todos os dias () uma vez por semana () raramente

() nunca (não é necessário responder os outros itens do questionário)

3.) Qual a utilidade do computador para você? (múltipla)

() uso doméstico () uso profissional () assuntos estudantis () outros

4.) Qual o nível de conhecimento em informática você se enquadra?

() básico () médio () avançado

5.) Em que local você costuma utilizar o computador?

- em casa no trabalho na universidade em *lan house* na casa de amigos
 outro

6.) Qual sua principal finalidade quando acessa a Internet ? (múltipla)

- conhecer pessoas correspondência pesquisa diversão
 informação outros

7.) Quais os tipos de locais na Internet você costuma acessar? (múltipla)

- chats* *blogs* *sites* científicos *e-mail* *sites* específicos para
download outros

8.) Você já tinha visitado um *blog* antes desta pesquisa?

- Sim Não

9.) Depois desta pesquisa você passou a visitar *blogs*?

- Sim Não (não é necessário responder a questão 10)

10.) Que tipos de *blogs* costuma visitar? (múltipla)

- pedagógico literário jornalístico pessoal poético
 cultural *fotologs* outros

11.) Você possui um *blog* pessoal?

- Sim Não

12.) Faixa etária?

- menos de 20 anos 20 a 25 anos 25 a 30 anos
 30 a 35 anos mais de 35 anos

13.) Sexo?

- masculino feminino

14.) O que você achou da experiência de ter utilizado o *blog* como complemento ao conteúdo de uma disciplina?

15.) O uso do *blog* estimulou você a escrever, pesquisar e sugerir *links* que enriquecessem o assunto abordado em sala de aula? De que forma?

16.) Você acha que o *blog* aumentou a interação entre aluno/aluno e professor/ aluno? Explique.

17.) Escrever algo implica em reflexão e criticidade, elementos principais no processo de aprendizagem. Em sua opinião o *blog* contribuiu nesse processo? De que forma?

18.) Você teve dificuldades para “alimentar” o *blog* “Reinventando Geografia”? Em caso positivo cite algumas dessas dificuldades.

19.) Exercendo a atividade de professor você repetiria esta experiência com seus alunos? Por quê?

20.) É comum que em experiências como essa quando termina a disciplina o *blog* deixa de ser atualizado. Por que você acha que isso acontece?

21.) Você considera o *blog* um espaço de aprendizagem? De que forma?

*Agradecemos sua
colaboração!*

APÊNDICE E – EMENTA MINI-CURSO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E FORMAÇÃO DO LEITOR

**Mini-curso: MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA E NOVAS TECNOLOGIAS: O USO DO
WEBLOG EM SALA DE AULA**

Ministrante: **MICHELE COSTA MENEGHETTI UGULINO DE ARAÚJO**

Orientador: **Prof. Dr. ARANON MASCARENHAS DE ANDRADE**

Mínicurso apresentado ao XIII Seminário de Pesquisa do CCSA-Universidade, Políticas Públicas e Solidariedade, através à Base de Estudos e Pesquisas em meios de Comunicação e Educação, sob a coordenação do professor Dr. Arnon de Andrade, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

NATAL

2007

I – EMENTA

Competências docentes e discentes para a Educação do Século XXI. A utilização das Novas Tecnologias na Educação; entender como se dá a aprendizagem colaborativa; abordagens teóricas a práticas sobre *blog* e suas aplicabilidades na educação; elaboração de um *blog* para fins pedagógicos.

II – OBJETIVOS*Objetivo Geral:*

- Apresentar aos participantes a aplicabilidade pedagógica dos *blogs* no ambiente educacional.

Objetivos Específicos:

- Entender as novas configurações dos saberes e da aprendizagem para a educação desse século;
- Compreender, de forma crítica, as abordagens de utilização das novas tecnologias na educação;
- Entender o que é aprendizagem colaborativa a partir dos conceitos de Vygotsky;
- Conceituar e contextualizar o *Weblog*;
- Apresentar experiências atuais realizadas através do uso dessa ferramenta;
- Promover a construção de um *Weblog* para aplicação em sala de aula.

III– METODOLOGIA

3.1 – Carga *Horária*

O curso terá carga horária de 6 horas, distribuídas em três dias.

3.2 – *Horário de aula*

O turno preferencial para o oferecimento desse mini-curso é à tarde. Com um número limitado de 20 vagas.

3.3 – *Conteúdo*

Módulo	Tópicos abordados
I – Tecnologias da Informação e Comunicação, e Educação	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação do mini-curso; • Competências docentes e discentes para a gestão do conhecimento no século XXI; • Abordagens de utilização das Novas Tecnologias na Educação.
II – Aulas interativas: diferentes formas de aprender e ensinar	<ul style="list-style-type: none"> • Aprendizagem colaborativa; • <i>Blog</i> - conceito, contexto e sua importância para fins pedagógicos e;
III – Construção do <i>weblog</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Mostrar <i>weblogs</i> usados para fins pedagógicos; • Construção de um <i>weblog</i>.

3.4- Avaliação

Os participantes serão avaliados continuamente no decorrer do curso através de todas as reflexões propostas e através de um questionário fechado, feito pela ministrante do mini-curso e entregue aos alunos no último dia de aula.

3.5 – Material pedagógico necessário

Será entregue aos alunos a xerox de uma apostila feita pela ministrante.

Para a realização deste mini-curso se faz necessária à disponibilidade de um laboratório que comporte o número de vagas oferecidas (20), computadores para uso dos alunos, conectado a internet, e um *data show* para uso da ministrante. Tendo em vista que o assunto que será exposto versa sobre a construção e o uso da ferramenta *blog* em sala de aula. E para que fique bem compreendido pelos alunos será pertinente à utilização da internet no decorrer do mini-curso.

IV- REFERÊNCIAS

APRENDIZAGEM COLABORATIVA. Disponível em: <<http://www.minerva.uevora.pt/rtic/aprojecto/apcolab.htm>>. Acesso em: 10 out.2006.

BLOG Educacional: ambiente de interação e escrita colaborativa. Disponível em: <http://penta3.ufrgs.br/PEAD/Semana01/blogeducacioalsbie20_05.pdf>. Acesso em: 05 out.2006.

BRASIL, Ministério da Ciência e Tecnologia. **Sociedade da informação no Brasil:** livro verde. TAKAHASHI, Tadao (Org.). Brasília, 2000.

DELORS, Jacques. **Educação para o século XXI.** Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2005.

DELORS, Jaques. **Educação:** um tesouro a descobrir. 10. ed. São Paulo: Cortez; Brasília. DF: MEC: UNESCO, 2006.

INTERATIVIDADE. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal>. Acesso em: 08 ago.2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** 31. ed. São Paulo: Paz e Terra,1996 (Coleção Leitura).

MARTÍNEZ, Jorge H. Guitiérrez. Novas Tecnologias e o desafio da educação. In: TEDESCO, Juan Carlos (Org.). **Educação e novas tecnologias:** esperança ou incerteza?; Trad.Claudia Berliner, Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Cortez; Buenos Aires: Instituto Internacional de Planeamiento de la Educacion; Brasília: Unesco, 2004.

PAIS, Luiz Carlos. **Educação escolar e as tecnologias da informática.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PROJETO ZAPT. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/tramse/pzapt>>. Acesso em: 05 ago. 2006.

VYGOTSKY,L.S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

ANEXO A – REVISTA CARTA NA ESCOLA

ATUALIDADES EM SALA DE AULA

COM CONTEÚDO DE **CartaCapital**



EDIÇÕES:
551/552/553/554

Carta na Escola

www.cartanaescola.com.br

SETEMBRO DE 2009
ISSN 1808-4013 0 0 0 3 9



EDIÇÃO Nº 39 - R\$ 6,90



BRIC

Os quatro emergentes

Brasil, Rússia, Índia e China
querem pesar mais na
balança mundial

GEOGRAFIA Ainda não fizemos
o básico em saneamento

HONDURAS O golpismo
latino-americano vai voltar?



Bem-vindos à Edublogosfera

EDUBLOGS | Fique por dentro da grande comunidade de professores blogueiros, que não para de crescer

ANDRÉ DE OLIVEIRA, REPÓRTER DE CARTA NA ESCOLA

Os blogs foram criados no final da década de 90 e, no princípio, eram usados basicamente de dois modos: o blog estilo “diário de adolescente” e o de notícias, usado por jornalistas. Segundo o blogueiro e professor da Faculdade de Educação da Universidade São Judas Tadeu, Jarbas Novelino Barato, a ferramenta começou a ganhar espaço entre professores e escolas no início dos anos 2000. “É muito difícil dizer quem foi o primeiro docente a inovar o uso dos blogs aliando-o à educação, mas acredito que o Bernie Dodge, criador das Webquest, foi um dos primeiros a repensar o uso de blogs, em 2001”, comenta. O professor também cita o criador de softwares educacionais David Carraher como um dos prováveis pioneiros na área.

Novelino começou suas experiências com os blogs em 2002, mas muitas delas foram malsucedidas. “Fiz algumas tentativas para criar blogs educacionais, mas a pouca intimidade com a ferramenta, a falta de um assunto definido e, principalmente, a pouca notoriedade que os blogs tinham no Brasil fizeram com que minhas experiências não fossem para frente”, explica Jarbas. Passados sete anos o cenário é bem diferente, sendo que a edublogosfera, como ficou conhecida a rede de blogs educacionais, é cada vez maior. O próprio professor mantém dois espaços bem-sucedidos na internet.

A edublogosfera é uma realidade na internet, possibilitando troca de informações entre professores, que discutem assuntos variados, desde as especificações de suas disciplinas até questões mais amplas, como tecnologia e educação. O professor que pretende iniciar sua imersão nesse mun-

“Escreva de modo coloquial. Blog é um espaço de conversa, não uma publicação acadêmica”, recomenda um veterano da edublogosfera

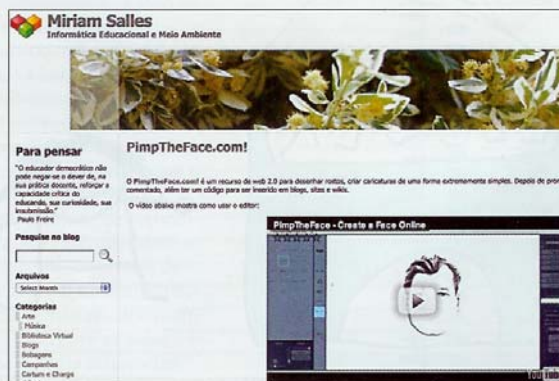
do virtual de ideias e conhecimento, ou que busca bons blogs mantidos por colegas, encontrará a seguir um roteiro selecionado daqueles feitos por professores de diversas áreas do conhecimento.

<http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/blog/namira>

A professora de Língua Portuguesa Doralice Araújo mantém o blog “Na mira do leitor”, no portal da *Gazeta do Povo do Paraná*, desde agosto de 2007. O espaço introduz um tema da atualidade, como a gripe A H1N1, e exhibe propostas e orientações de como elaborar uma redação tendo como base o assunto em questão.

<http://miriamsalles.info/wp>

Miriam Salles é formada em Ciências Biológicas e tem especialização na área de educação a distância. Seu blog, uma das referências na área de educação, oferece indicações interessantes sobre questões ambientais, além de fornecer dicas técnicas para blogs de educadores.



Miriam Salles
Informática Educacional e Meio Ambiente

Para pensar
"O educador democrático não pode negar a ideia de, em sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, que se traduz, sua 'intelectualidade'."
Paulo Freire

PimpTheFace.com!
O PimpTheFace.com! é um recurso de web 2.0 para desenhá-los, criar caricaturas de uma forma extremamente simples. Depois de pronto, conectado, você tem um código para ser inserido em blogs, sites e vídeos.
O vídeo abaixo mostra como usar o editor:

PimpTheFace - Crie e Faça Online

Arquivos: 13

Categorias
Arte
Educação
Educação Visual
Blog
Blogs
Comunicação
Currículo e Charge
Língua



<http://fisicacomsabor.blogspot.com>

O professor de Física José Carlos Antonio mantém o blog “Física com sabor”, desde março de 2008, em que oferece diversas sugestões voltadas para a área. Apresenta-se como “um blog sobre Física, e outras coisas interessantes, voltado aos professores e alunos da rede pública do estado de São Paulo e quem mais quiser passar por aqui”.

<http://aprendente.blogspot.com>
<http://jarbas.wordpress.com>

Ambos os blogs de temática semelhante são mantidos pelo professor Jarbas Novelino Barato, fonte dessa reportagem. O primeiro é o “Aprendente”, que existe desde novembro de 2004, caracterizado pelo blogueiro como um “espaço de comunicação sobre weblogs em educação, webquests, webgincanas e outros recursos TIC, além de eventuais comentários sobre o que rola no mundo”. O segundo, intitulado “Boteco Escola”, existe desde fevereiro de 2007, como um espaço que pretende discutir o uso dos blogs em educação.

<http://anascatena.blogspot.com>

Ana Scatena é professora especialista em tradução de inglês e português. Seu blog existe desde setembro de 2006 e é dedicado à aprendizagem de inglês. Oferece diversas dicas interessantes para professores e estudantes da língua.

<http://internetnaeducacao.blogspot.com>
<http://edublogosfera.blogspot.com/>

Ambos podem servir como ponto de encontro para os professores blogueiros. Eles dão sugestões de blogs interessantes e pretendem “organizar” os da comunidade educacional.

<http://elisakerr.wordpress.com>

A professora de Artes Elisa Mello Kerr mantém, desde abril de 2007, o “Art Educando”, blog que faz um debate sobre arte e educação. Os posts trazem muitos exemplos e ilustrações e com pouco tempo de vida já é um sucesso.

<http://nteitaperuna.blogspot.com>

Existem diversos Núcleos de Tecnologia Educacional em várias cidades do Brasil. Um deles, em Itaperuna (RJ), merece destaque. Robson Freire é o responsável pelo “Caldeirão de Idéias”,

que desde novembro de 2006 discute questões relacionadas às novas tecnologias e educação. Iniciado como um espaço para troca de informações entre professores da rede local, ganhou notoriedade na edublogosfera.

<http://www.gutierrez.pro.br>

O blog de Suzana Gutierrez é um dos pioneiros, sendo que seu primeiro post data de agosto de 2002. O espaço coloca em discussão assuntos da atualidade e ligados às novas tecnologias da informação.

Para se blogar também Algumas dicas de como iniciar um blog sugeridas pelo professor Jarbas Novelino Barato

Escolha um foco de conversa. Qualquer um. Mas que seja algo de seu gosto. Algo que valha um bom papo.

Escolha a ferramenta de publicação. Há muitas. As mais populares são o Wordpress (<http://br.wordpress.org>) e o Blogger (<https://www.blogger.com>).

Escreva de modo coloquial. Blog é um espaço de conversa, não uma publicação acadêmica.

Lance seu blog. O ideal é fazer o lançamento numa festa virtual.

Escolha um pequeno número de blogs com os quais você gostaria de manter contato permanente e coloque um link para eles em seu blog.

Entre nos blogs amigos e faça comentários neles.

Tente publicar pelo menos um post por semana.

Leia sobre blogs.

Visite blogs de outras áreas que não a sua.

De vez em quando escreva algo pessoal no seu blog. As pessoas querem também conhecer você como gente, não apenas como alguém que escreve sobre certo assunto.

Não fique preso à sua escola. A blogosfera é planetária.

Não se esqueça de usar links em seu texto.

Analise os comentários deixados por seus visitantes.